

Um Outro Olhar

Coletânea de Homilias de J.B. Libânio

Organização:

Marta Martins de Aguiar

Patrícia Ferreira Del-Fraro

Maria Alice de Moraes Fonseca

AGRADECIMENTOS

O nosso muito obrigado a Maria da Conceição de Barros, Dardânia Brant Chaves, Márcia Viana (ilustrações) e ao prof. Esly Ferreira da Costa pela colaboração.

Aos nossos colegas do Curso de Teologia, pelo apoio, entusiasmo e incentivo.

Ao Supermercado Cidade pela inestimável e carinhosa ajuda.

Aos nossos familiares, nossos colegas de trabalho e a todos os anônimos que nos acolheram, acreditaram em nossas intenções, cederam seu tempo e, principalmente, suportaram nossas ausências e nossa insistência.

Que Deus abençoe a todos e que estas reflexões possibilitem que a Palavra de Deus seja levada aos corações que se dispuserem a acolhê-la.

APRESENTAÇÃO

Neste livrinho queremos compartilhar com vocês algumas das homilias proferidas pelo nosso querido Pe. Libânio nas suas celebrações na Paróquia N.S.de Lourdes, em Vespasiano.

É um presente sem nenhuma pretensão literária. Apenas achamos que o que é bom deve ser partilhado e, principalmente, que não temos o direito de guardar conosco este privilégio. Foi um trabalho prazeroso, e todos nós envolvidos tivemos a certeza de sairmos mais enriquecidos.

É um modo novo de ver, são novas luzes lançadas sobre a Palavra de Deus, que a nossa comunidade ouve e aprecia há tantos anos.

Com estas sessenta reflexões, que são apenas uma pequena amostra de um grande tesouro, gostaríamos de homenagear ao Pe. Libânio, agradecendo-lhe sua sabedoria, sua humildade, sua acessibilidade, sua disponibilidade e também comemorar o décimo ano do Curso de Teologia em nossa Paróquia.

É apenas uma pequena fatia de uma convivência que já se estende por quase vinte anos e que gostaríamos de repartir com todos aqueles que compartilham conosco a admiração e o carinho por este grande teólogo, mestre e amigo.

Marta Martins de Aguiar

Agosto 2004

INTRODUÇÃO

Sempre achamos a comunidade de Vespasiano privilegiada. Sentimos isso ao participar do Curso de Teologia ministrado por Pe. Libânio e ao participar das missas por ele presididas na igreja N. Sra. de Lourdes. A riqueza da celebração passa por tudo: do brilho do olhar das pessoas, do choro das crianças - sempre acolhidas com tanto carinho - do olho no olho ao distribuir a Eucaristia, ao derramar amoroso das palavras, gestos e emoção do Pe. Libânio. Ele se transforma ao celebrar!

Tudo começou com um gesto simples: nessas missas, Marta, no momento da homilia, acionava o gravador. Pronto. Estavam registradas 'as trovoadas em conserva': belas falas, pregações cativantes voltadas para o nosso cotidiano, numa linguagem ao mesmo tempo elaborada e acessível. Também revelam uma visão inovadora e, no dizer da própria Marta, sempre indo além do óbvio e nunca se repetindo. São novas luzes lançadas sobre a Palavra.

Inicialmente as fitas gravadas circulavam entre um pequeno grupo, que se deliciava com aquelas reflexões. Como tudo na vida avança, evolui, Marta começou a transcrevê-las. Um trabalho demorado, cuidadoso, realizado com desprendimento, afincos e muito carinho. Imprimia os textos, e novamente aquelas falas, agora na forma escrita, circulavam. Passaram a alcançar mais pessoas num efeito multiplicador. E veio a idéia: por que não reunir todos aqueles escritos numa apostila ou mesmo num livro? A idéia pareceu ótima. Mas houve receios. A mensagem original não poderia sofrer alterações na transposição do oral para o escrito. Mas decidimos correr riscos, porque não quisemos guardar só para nós o tesouro que tínhamos em mãos. Fomos contagiadas por este projeto e passamos horas lendo, relendo, vibrando com as sábias palavras do nosso teólogo e mestre.

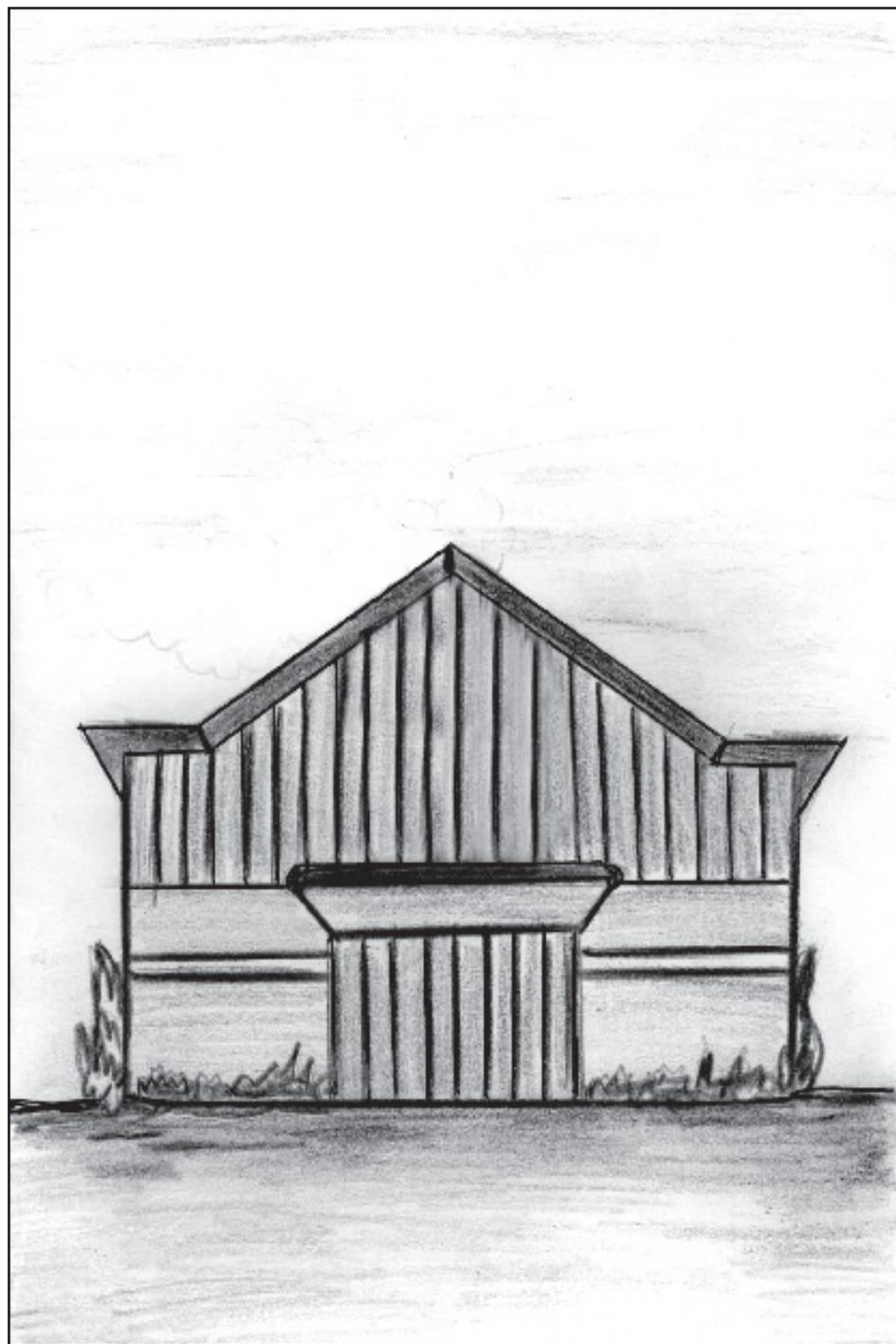
O trabalho final, apresentado neste livrinho, não é, portanto, uma obra literária. Mas é um tesouro garimpado pela generosidade da Marta. Não é para ser lido com o olhar na gramática, com um dicionário do lado. Deve ser lido com o coração. Salientamos que o Pe. Libânio não fez uma leitura prévia dos textos. Queríamos fazer-lhe uma surpresa. Queríamos também que o trabalho fosse concluído até o final deste mês de agosto, data do encerramento do Curso de Teologia, que acontece todos os anos em Vespasiano. É uma homenagem ao Pe. Libânio e uma comemoração pelos dez anos deste curso.

Convidamos todos a se sentarem nesse banco da vida e a lerem/ouvirem nosso amado Pe. Libânio, homem de Deus. E, através de suas palavras, sentirem o Espírito Santo agindo.

Maria Alice de Moraes Fonseca
Patrícia Ferreira Del-Fraro

ÍNDICE

1-Ano novo: portas abertas para o ser....11	31-Tomé: o crucificado é o ressuscitado.72
2-Juventude: Memória e sonho.....14	32-Tomé: o amor é incondicional74
3-Magos: dois olhares.....17	33-A paz que vem de Cristo.....76
4-Amar a face escura20	34-Nós precisamos de tempo.....78
5-A verdadeira experiência do amor.....22	35-Na ascensão, a nossa ressurreição80
6-Nossa vocação é criar relações24	36-Pentecostes: história e limite81
7-Avançar para águas mais profundas ..26	37-Um outro pentecostes83
8-A parábola do pai misericordioso.....28	38-Babel X Pentecostes85
9-Caminho, verdade e vida29	39-Trindade: realidade cotidiana87
10-Deus esqueceu-se de ir embora31	40-Trindade: unidade na diversidade....89
11-O poder da palavra.....33	41-Ser de luz91
12-Ser cristão é mais que ser ético.....35	42-Emaús X Jerusalém92
13-Nova visão da lei e o valor do lazer..37	43-Cordeiros e pastores.....94
14-Um nome não é simplesmente um nome39	44-Mães.....96
15-Como João Batista esperava Jesus...41	45-Percebendo o anjo em nossa vida....98
16-Bem-aventuranças em Lucas43	46-Justiça e misericórdia.....100
17-Bem-aventuranças em Mateus.....45	47-Jesus quer mais que rito e rotina: Ele quer amor.....102
18-Transfiguração: a festa contínua47	48-O amor reconstrói por dentro.....104
19-Transfiguração: força para o sofrimento49	49-Pedro e Paulo106
20-Tentações em Lucas.....50	50-Ser livre para amar, amar para ser livre.....108
21-O bem e o mal: tentações.....52	51-Servir e contemplar.....110
22-Água: sinal e símbolo55	52-Marta e Maria112
23-Luz: a caminhada da fé.....57	53-Abrindo a janela interior.....114
24-Vida é movimento de dentro59	54-Somos o que amamos116
25-Lázaro: milagre por amor61	55-Pai: referência fundamental119
26-Jesus assumiu na liberdade63	56-Assunção: fé pretensiosa122
27-É noite!65	57-Cronos e Kairos: tempo qualitativo ..124
28-A paixão em Lucas67	58-Noite silenciosa.....126
29-O sentido da morte na morte de Jesus69	59-Natal: valeu a pena criar (um diálogo trinitário).....127
30-Entendendo a ressurreição70	60-A importância da família130



ANO NOVO - PORTAS ABERTAS PARA O SER

(Lc 2,16-21)

No final de um ano, especialmente de um século e de um milênio, o mais normal seria fazermos aquelas duas famosas perguntas: o que nós queremos agradecer e de que queremos nos arrepender? Isso todos os anos fazemos. Mas eu queria sugerir outras perguntas porque essas já fizemos e já respondemos.

Eu diria que nós vamos abrir três portas. Um pensador latino disse que a história é mestra da vida. Nós temos a história de um ano, nós temos a história de cem anos e temos a história de mil anos. Se a história é mestra da vida, ela nos ensina três coisas, como todo bom mestre. Ela nos ensina quais são os caminhos que estão fechados e que devemos manter fechados, porque vimos que esses caminhos não são bons. Há caminhos que se abriram para nós e nós percebemos que eles são bonitos. Queremos manter a porta aberta. E há caminhos que ainda não conhecemos e que temos que criar. Há porta que se fecha, há porta que se abre e há porta que tem que ser criada.

Sobre a porta que se fecha. Que coisas queremos deixar fechadas para sempre, para que nunca mais se abram? Sem dúvida, a porta mais terrível que nós aprendemos da história: que nada de bom se constrói com a violência. Nós aprendemos isso. Porque construímos tanta coisa com violência e tudo acabou, causou mal. A violência das guerras, a violência das imposições religiosas, a violência dos conflitos raciais, a violência dos conquistadores, a violência dos poderes totalitários. Nada disso valeu a pena. Como aquele documento que a arquidiocese de São Paulo fez: “Violência, nunca mais!” Nunca mais guerra, nunca mais tortura, nunca mais totalitarismo, nunca mais fascismo. Nunca mais! A porta está fechada. Nunca mais bomba atômica, nunca mais bomba napalm. Quantas coisas terríveis nós vimos neste século e neste milênio que passou. Não queremos mais entrar por essa porta. Nunca mais também, para uma porta que nós tanto tentamos que vocês fechem: a porta da droga. A porta fácil da exploração do homem e da mulher, da exploração da criança, da exploração do adolescente. Não, esta porta devia estar fechada. Nunca mais deveríamos abri-la. Nunca mais deixar que isso acontecesse na nossa história. Que nós agora abramos novas portas.

Qual a porta mais bonita que nós queremos abrir para este novo milênio? É a porta da paz. Quando Paulo VI foi falar para todas as nações representadas na ONU, ele deu um grande grito: “Nunca mais a guerra. Queremos a paz!” A palavra que ele mais repetiu até o final de seu pontificado foi a palavra paz. A mesma que nesta virada de século e milênio será dita em muitas línguas. Era a palavra que Jesus tinha em seus lábios, quando cumprimentava e saudava seus amigos e seus apóstolos: “Shalom!” E quando nós queremos falar de paz, nós não queremos simplesmente negar a guerra, não queremos simplesmente negar a violência – o que já é muito. Porque até hoje, na terra de Jesus, até hoje, em países cristãos, ainda se matam as pessoas. Num país vizinho, a Colômbia, há uma grande violência interna, de três grandes facções, que se matam o ano todo. E no Brasil também vivemos uma violência urbana terrível. Queremos abrir a porta da paz!

E o mesmo Paulo VI colocou a festa de hoje sobre o patrocínio da Virgem Maria, Santa Mãe de Deus, porque é olhando para ela que vamos aprender que coisa é paz. No Evangelho se lia que ela ouviu dos simples pastores aquelas maravilhas, ela guardou no seu coração e foi viver em toda a sua vida a paz da contemplação, a paz do seu coração.

Irmãos, nós não construiremos paz sem profundidade espiritual. Não construiremos paz sem um pouco de contemplação. Não construiremos paz sem um pouco mais de simplicidade e de silêncio. A nossa sociedade precisa de um pouco mais de silêncio, menos barulho para deixar que a paz penetre em nossos corações e que essa porta maravilhosa se abra para este novo ano, século, milênio que está diante de nós.

Outra porta importante para nós é a porta da solidariedade, da fraternidade. Nós temos no Brasil, desde o ano de 1964, a famosa Campanha da Fraternidade. A Igreja do Brasil, de certa maneira se antecipou a tantas outras igrejas, criando este momento da quaresma, para que toda a Igreja reflita sobre um tema sério, mas sob a perspectiva da fraternidade. E fraternidade, em termos políticos, significa consciência cidadã, significa construir uma sociedade de igualdade, de melhor distribuição de renda, de emprego, de justiça, de honestidade. É isso que nós temos que construir. Essa é a porta que nós queremos abrir para o Brasil, para o mundo neste milênio, neste século, neste ano que estão diante de nós.

E que porta criar? É difícil dizer, porque se não criamos ainda, é o nada que está aí. Mas há um pensador - que fez um trabalho muito importante para a ONU - que disse que nós teremos que aprender quatro coisas: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer, aprender a aprender.

Nós temos que aprender como a gente aprende, como a gente senta na escola da vida, para olhar para a vida que está diante de nossos olhos e aprender dessa vida. Aprender dessas crianças pequenas que estão aqui sentadas, aprender dessa criança de colo, aprender do esposo e da esposa, aprender de todos. Nós somos seres aprendizes até o último minuto de nossa vida. O nosso pedagogo Paulo Freire nos ensinava isso. Como é importante que a gente entre mesmo na dinâmica, no processo educativo, para que saibamos captar as realidades mais profundas, que nos vão educando ao longo de nossa vida.

Mais difícil ainda: aprender a conviver. 'Viver com'. Viver nós vivemos, desde que temos vida. Mas conviver significa encontrar o outro. Como diz Leonardo Boff: "ser uma rede, um nó de relações". Nós seremos tanto mais gente, tanto mais humanos, quanto mais ampla for a nossa rede de relações, quanto mais aprendermos a conviver com os amigos, com os inimigos, com os familiares, com as pessoas do trabalho, do esporte.

Aprender a fazer. Nós temos que trabalhar, que construir, que transformar este mundo. Ele não pode continuar assim. Nós temos que olhar quais os caminhos novos a construir, que perspectivas novas temos que abrir. O que temos que construir nesta cidade, que ainda não existe, para que ela seja melhor? Não só perpetuar o já existente, não só

manter as portas abertas daquilo que conhecemos ou fechar aquelas que devemos fechar, mas criar novas portas, novas iniciativas.

E o mais difícil: aprender a ser! De novo cito Paulo VI. Ele dizia: “Nós estamos mergulhados no mundo do ter e esquecemos o mundo do ser!”. Nós valorizamos uma pessoa pelo que ela tem e não pelo que ela é. E há dois tipos de pessoas que nos ajudam a perceber o ser: as crianças e os velhos. Porque as crianças nada mais têm do que elas. Quanto menor a criança, mais ela é, menos ela tem. Não há ninguém tão próximo da Transcendência, tão próximo de Deus, do que a criança que está sendo gestada no seio de sua mãe e quando ela nasce, porque ela não tem nada. Ela é. É o ser que ela nos mostra. Depois ela vai enchendo a sua vida de coisas e muitas vezes, vai escondendo o seu ser. A criança tem a transparência.

O velho vai perdendo o seu ter, e às vezes até o juízo, mas ele continua sendo. E aí está a beleza. Por isso nós medimos a civilização de um país, não pela quantidade de seus prêmios Nobel, nem pelo seu PIB, mas medimos a nobreza de uma civilização pelo respeito que ela tem às crianças e aos anciãos.

Se criarmos uma sociedade que saiba ser, nos seremos felizes. Amém.
(31.12.2000)

JUVENTUDE – MEMÓRIA E SONHO

Um novo milênio, um novo século!

Quando eu pensava nessa celebração, me coloquei diante de todos esses jovens que vão receber o crisma nesse ano e estão começando hoje essa caminhada. E eu me perguntava: de que o jovem precisa hoje? O que faz o jovem feliz e o que o faz infeliz? Por que tantas caras tristes, sofridas?

Ainda outro dia, um adolescente, de dezessete anos, me disse: “Por que este coração ainda bate?” Ele queria que o seu coração parasse. Ele queria morrer. Por que um jovem de dezessete anos quer morrer, não agüenta viver? Por que aquele menino, lá na Itália, com quatorze anos suicidou-se e deixou esse bilhete: “Cansado de viver!”. Com quatorze anos e cansado de viver! Por que se cansou com quatorze anos?

Por que há jovens bonitos, límpidos, transparentes enquanto há outros amarrados, presos, tristes, sofridos? O que acontece? Todas as ciências estão procurando saber isso.

Encontrei um dia, num aeroporto, um conferencista, médico, que fala para jovens e ele se fez essa pergunta: Por que Teresa de Calcutá é feliz, por que um jovem que se droga quer ser feliz? Onde está a coincidência? O que faz com que os dois busquem a felicidade? Ele era médico. Então ele dizia: “São as substâncias que o organismo segrega e produzem em nós o bem-estar”. É verdade. Há a endorfina e tantas outras substâncias que, de repente, quando vocês fazem exercícios, por exemplo, ficam suados e vem a sensação de bem-estar, porque o organismo segregou determinada substância química e ela gera em nosso corpo um bem-estar. Quando vocês fazem um esforço grande, passam uma tarde toda trabalhando numa causa grandiosa, vocês voltam para casa cansados, mas felizes. O organismo também aí segregou uma substância. Quando vocês participam de uma bonita celebração, alegre, feliz, cantam, saltam, pulam, também se sentem felizes. Então há uma base orgânica.

Mas aí vem a nossa grande lição: eu posso pensar que eu tenho a chave da felicidade. Eu sei disso: há uma causa orgânica. Então eu vou provocar o meu corpo e serei feliz. Só que – aí vem a lição – a substância que o organismo segrega, faz o efeito e desaparece. E depois? O dia seguinte... O terrível “day after”. Porque aí não haverá mais substância e você se encontrará com a nudez de si mesmo. Se você não tiver aquela motivação mais profunda, a tristeza será ainda mais profunda. Vem mais desejo de provocar o prazer do corpo e quando passar o efeito da droga, se desce mais fundo, até o momento em que não se consegue mais existir.

Assim também são as doenças graves, os cancerosos, por exemplo. Quando estão muito mal, o médico vai dando anestésicos para cobrir a dor, mas chega um momento em que o remédio que acaba com a dor, acaba com a vida. Mas que um doente morra, que um paciente terminal morra, nós todos estamos esperando. Mas que vocês, aos quatorze, quinze, dezessete anos, morram porque não conseguem viver, isto não podemos entender. Porque vocês receberam o maior presente que o ser humano pode receber . Vocês

receberam a Vida. Mas ao receberem a Vida, não a receberam como um animalzinho. Um animalzinho recebe também a vida, ele sai abanando o rabinho e fica feliz por estar vivo. Mas conosco é diferente, nós nascemos e ficamos chorando, porque nós temos uma coisa tremenda, que é a consciência. Nós somos livres. Nós temos razão. Isso é a causa da maior felicidade, mas também é a causa da nossa maior tristeza. Porque se nós fôssemos animais, teríamos a felicidade animal. Seríamos felizes como são as vacas, como vacas e nada mais.

Mas Deus colocou dentro de nós o fogo divino, que é a nossa consciência, que é a nossa liberdade e nos deu duas mãos. A mão para resgatar no passado, as experiências boas quando nós estamos ruins. Quando estamos na fossa, deprimidos, aborrecidos, nós temos uma mão para buscar lá atrás as experiências bonitas.

Então fechem os olhos, sonhem, imaginem, revivam as experiências de amor com os pais, as alegrias de sua infância porque tudo isso vai ressuscitar com vocês amanhã. Por isso nós temos a memória. A memória é para isso: para guardar as experiências bonitas. Por isso é importante que vocês façam dessa caminhada do crisma uma experiência bonita, consciente, límpida, jovem, para que amanhã, quanto estiverem enterrados num túnel fechado, vocês possam dizer: “Não! No ano 2001 eu tive uma luz belíssima”, e ela se acende de novo e a escuridão é espantada. É o braço da memória.

Mas Deus nos deu o segundo braço e deu para vocês jovens, um maior ainda. Para os mais velhos, o braço da memória é grande, porque se tem muito para recordar. Pode-se estar aborrecido, cansado, mas se tem tanta experiência bonita! Eu tive encontros com jovens, na época da repressão no Brasil, tão bonitos, celebrações em torno de uma mesa com oitenta estudantes e eu dizia para eles: “Jovens, que Deus guarde em suas memórias essa nossa celebração para que, no dia em que vocês baterem na casa do céu, vocês se lembrem de que estiveram aqui”. Porque era tal a felicidade que eles sentiam que todos saltavam de alegria. Então quando chegarem as tristezas da vida, nós podemos recuar e recolher todas as alegrias vividas.

Vou contar para vocês apenas uma história: um jovem carioca, universitário, um dos primeiros no vestibular da UERJ. Este menino, jovenzinho, foi encarregado pela escola de uma missão e ele, todo cheio de idealismo – quinze anos naquela época – ia fazer uma missão: pregar um pouco o Evangelho. Ele nunca tinha feito isto. Aquiesceu e na véspera da partida, passou pelo Rio um grande amigo do pai dele, um bispo lá do Acre foi jantar na casa da família. E durante o jantar o pai contou que o filho partiria para o interior do Espírito Santo para levar a Palavra de Deus àquelas pessoas. O bispo ficou tão comovido que tirou sua cruz peitoral e colocou no jovem, deu de presente para ele. Vários anos depois, lá no Espírito Santo, passo e encontro o jovem, já universitário. Ele abre a camisa e diz: “Libânio, aqui está a cruz!”. Ele carrega até hoje a cruz da missão. Ele é jovem, carioca, namora, brinca, é alegre, feliz, estuda numa grande Universidade e, olhando no rosto dele, você vê uma tal beleza, uma tal transparência, uma tal alegria... e

ele diz que se as pessoas soubessem da alegria que sente de passar um mês entre aquelas pessoas pobres, todos iriam para lá. Isso é que nos salva.

Que desânimo quando eu vejo aqueles jovens encostados nas paredes, como se a verdade, se o bem fosse para nós! A verdade e o bem são para vocês! Vocês é que têm que viver. Nós já vivemos muito. Nós já experimentamos muito. Nós já passamos por essa idade. Vocês é que têm que viver.

Por isso é que Deus nos deu o braço do futuro, o braço do sonho. Se vocês não sonharem alguma coisa melhor, se não sonharem com um trabalho maior, se vocês não sonharem com um Brasil melhor, se vocês não sonharem com uma realidade a construir, vocês estão mortos. E defunto é que não sonha.

O jovem nasceu para sonhar. Nós pegamos a experiência do passado e as passamos para vocês. Vocês têm que pegar essas experiências, jogá-las como estrelas brilhantes para o futuro, para que elas os iluminem. Assim valerá a pena viver. Amém.

MAGOS – DOIS OLHARES – (Mt 2, 1-12)

Diante de uma narração como essa, nós temos dois olhares diferentes. Um olhar que eu chamaria objetivo, analítico, “masculino”. Um olhar intuitivo, simbólico, “feminino”. Com os dois olhares, nós faríamos duas leituras bem diferentes desse Evangelho. Se nós olhamos com o olhar analítico, científico, então vamos querer saber que estrela foi essa, como apareceu, quem são esses magos, quantos eram, de onde vieram, que Oriente era esse? Será que vieram mesmo? E Jesus, onde morava, morava na gruta, morava na casa, tinha crescido? Aí começaria uma quantidade enorme de perguntas, absolutamente insolúveis, porque Mateus já morreu e não podemos perguntar para ele, não podemos escrever cartas para o céu pedindo respostas e não há nenhum documento sobre isso. Portanto, esse caminho não vai nos servir.

Mas se olharmos com o olhar simbólico, aí nós vamos achar maravilhas e é o que nos interessa, porque é isso que vai nos alimentar. Não nos alimenta nada saber se na época em que Jesus nasceu apareceu um cometa ou não. Mas olhe que idéia intuitiva e bonita desses homens do Oriente: quando aparece uma maravilha no céu, acontece uma maravilha na Terra. Quando acontece uma maravilha na Terra, há um reflexo no céu. Vocês acham que isso é poesia? Isso é a mais moderna cosmologia, pois os grandes cosmólogos modernos dizem que a relação entre nós – humanos e todo o cosmo é enorme. Nós somos uma gigantesca teia de relações.

Vocês, levantando o braço, afetam a lua, sabiam disso? Isso é cosmologia moderna e esses homens já tinham intuído, não pela cosmologia, mas intuído que há uma relação muito profunda entre o cosmo, o universo e nós. Aquela estrela quer dizer não que apareceu uma estrela, mas que apareceu, sim, uma Estrela na Terra. Vão procurar essa Estrela. O ser humano procura, como vocês estão procurando essa Estrela hoje. Não foi Deus que semeou no nosso coração esse desejo insaciável de alegria, de paz, de felicidade? Não é isso que nos move? É ou não é verdade?

Aí está o mais trágico. É que nós não conseguimos nos dar a felicidade que queremos. Seria tão fácil se conseguíssemos nos dar a felicidade que queremos, porque seríamos felizes. Cada um daria para si o tamanho da felicidade que queria, mas não conseguimos, por isso vivemos buscando.

E por que não conseguimos nos dar a felicidade que queremos? Esta pergunta é profunda, por quê? Por duas razões: Nós queremos uma felicidade infinita e nós não somos infinitos. A nossa busca é insaciável, logo não podemos nos saciar. O dia em que saciássemos o insaciável já não seria mais insaciável. E se é insaciável não pode ser saciado. O que pode saciar o insaciável? Só o infinito e o infinito nós não nos podemos dar. Esse é o problema. Essa é a raiz profunda de todas as nossas angústias, até o dia que aceitarmos que os nossos desejos são infinitos e, portanto, nunca vamos satisfazê-los.

Qual é a grande promessa do sistema moderno? É que nós vamos produzir bens infinitos para saciar-nos, mas nós não conseguimos guardar o infinito e essa é a grande ilusão da sociedade, essa é a grande ilusão do consumismo, saciar-nos com infinitas

coisas.

Diz Mateus: sabe onde os reis magos encontraram a realização de sua Estrela? Diante da Criança, do Menino. E que coisa eles viram no Menino? Eles viram três coisas. E que coisa eles viram dentro de si? Eles viram também três coisas.

Eles viram ouro. O que significa ver ouro em alguém? Significa ver o lado bonito, o lado positivo, o lado criador, a riqueza interior das pessoas. Há pessoas que nunca vêem ouro, porque seus olhos são opacos, não conseguem ver uma qualidade na mãe, no pai. Quantos adolescentes convivem com seus pais e não percebem o ouro que existe neles! Os reis magos foram felizes porque perceberam ouro na Criança. Vocês são felizes por perceberem ouro nos seus pais, no seu namorado, no seu amigo, no seu catecismo. E vocês dirão que eu estou pregando uma ilusão inocente, que não conheço os defeitos, os erros.

Ah, mas os reis magos não trouxeram só ouro. Trouxeram mirra. O que é mirra? Mirra é exatamente o sinal da fragilidade, da fraqueza, o lado do limite. Também essa Criança – Jesus – tinha limite. Preso na cama, pequenino, não podia andar, envolto em panos, pobre, chorando, mamando como toda criança. E também nosso pai é assim, nossa mãe é assim, nós somos assim. Nós somos vivos. Agora aceitar que o outro é ouro e mirra é outro grande desafio. Essa é a grande lição do rei mago. O rei mago não se escandalizou ao saber que essa Criança era mirra. Mas será que nós somos só ouro e mirra? Ele achou que nós somos mais e isso é o mais bonito. Ele achou e achou certo, que nós somos como o Menino e trouxe o incenso.

Quando vocês descobrirem que cada pessoa é uma imagem de Deus, portanto, na liberdade de cada pessoa existe o infinito de Deus, verão que toda a situação muda.

Hoje eu celebrei uma missa no asilo e olhava para aquelas pessoas, aqueles velhinhos entrevados, alguns doentes. Olhava e dizia: “Aí está presente a Santíssima Trindade!”. E essas pessoas são ouro, pela beleza de tantas vidas e tantos anos vividos. São mirra, por estarem aí entrevados, doentes, incapazes de falar. É humano, é mirra. Mas são divinos, por isso merecem todo o meu respeito, toda a minha acolhida, toda a minha presença.

Não somos iludidos porque sabemos que somos mirra, mas não somos pessimistas, porque sabemos que somos ouro. Não somos materialistas, porque sabemos que somos divinos.

Cada pólo corrige o outro. Se ficarmos só no ouro, é ilusão. Mas somos chatos também, aborrecidos – mirra. Essa coisa de imaginar o irreal nunca faz ninguém feliz. Nunca ninguém será feliz sendo iludido. A ilusão, a alienação nos aproxima do animal, porque ele é alienado. O ser humano é consciente, é livre, mas também é fraqueza. Porque há muito ouro escondido em cada coração humano. Por pior que seja, de vez em quando, aparece uma pepitazinha de ouro lá dentro, escondida no meio daquele cascalho de egoísmo.

Mas eu queria chamar mais atenção ainda para a existência do incenso, em cada um de nós. Nós somos imagens de Deus. Ao saber que cada pessoa, que cada pobre, que cada prostituta, que cada desabrigado, sujo, mal-cheiroso são imagem de Deus, são sacrários caminhando, são mais sagrados que esta Casa, porque são templos vivos de Deus-Espírito Santo. E aí sim, vocês saberão, mesmo reconhecendo que são mirra, mesmo reconhecendo que às vezes são ladrões, são perigosos. Podemos ser iludidos, mas mesmo assim, saberão que eles são templos vivos. Saber viver essa tríade é o grande desafio do ser humano. Amém.

AMAR A FACE ESCURA (Jr1,4-5/17-19 e 1Cor 12, 31-13,3)

Jeremias em termos modernos, eu diria, era um homem com uma certa tendência à depressão. São os deprimidos, os estressados, aqueles que estão um pouco caídos. Um tanto como aquelas pessoas que estão dependentes dos *prozacs* da vida.

Vejam o exemplo de Jeremias. O que acontece com ele? Medo, pavor. Ele se esconde até dentro de uma cisterna, mas sente dentro de si, não Deus falando oralmente, audivelmente, mas falando no coração: ‘Coragem, eu estou contigo!’. Fica esse conselho para nós: num momento de depressão, se em vez de nos agarrarmos aos remédios, à química psiquiátrica, sem nos acorrentarmos a eles, nós tivermos uma força maior de fé dentro de nós, conseguiremos resistir muito mais.

Paulo! Muitos filósofos, poetas, literatos se debruçaram sobre o tema do amor. Talvez seja o tema mais tratado de toda a cultura humana. Se vocês quiserem ler Platão, está lá o ‘Diálogo’ que é todo ele uma conversa sobre o amor. Só que Platão chegou a um certo nível na compreensão do amor. Ele entendeu o amor como nós todos entendemos - o primeiro nível do amor. Esse amor-carência: sentir falta de alguém que nos completa.

Aí nasce o amor: somos pessoas incompletas, faltosas. Falta-nos habilidade. Há os diferentes sexos que se complementam, idades que se complementam. Enfim, nós somos sempre um pouco carentes e essa carência não é só afetiva, é uma carência ontológica. O nosso ser não é plenitude. Então sempre faltará. Sempre! Por mais plenos que nós estivermos, só estaremos plenos no momento que renunciarmos à nossa racionalidade.

Quem é completo mesmo é o animal. Vaca é só vaca; boi é só boi. São completos. Um simples capim os deixa felicíssimos. Não precisam de nada mais. Mas no momento que brota a inteligência, brota a consciência, surge a incompletude. Essa é a nossa condição: é sermos livres e conscientes.

Aí sim, somos infinitos e ninguém mais nos segura. Porque somos capazes de pensar, sonhar, imaginar, contar. Nossa inteligência vai para espaços gigantescos e como nós somos pequenos, falta-nos. Mas esse amor-falta é água salgada para quem tem sede. Quanto mais bebe, mais sede sente. Platão diz: existe outro nível, existe o nível desse amor-benevolência (*bene-volens* – querer bem). Aquele que se quer como amigo, aquele que senta conosco, conversa, encontra, alegria. Ficamos felizes com ele. Existe entre homens, mulheres, crianças. Benevolência: aí terminou o (entendimento) grego.

Aí vem São Paulo. São Paulo faz uma coisa difícil. Olhava o que as pessoas precisavam em concreto. Vocês vão ver nelas uma série de qualidades, elementos que vão atrair você para o amor. Vocês, esposos, perguntem-se: o que me fascina nesta pessoa? Outro dia eu celebrava umas bodas e o esposo disse que o que o fascinava era a risada dela. Quanta simplicidade! Coisas bem caseiras, bem pequenas. E acho que cada um de vocês, olhando as pessoas que amam, vão encontrar essas coisinhas: um tiquezinho, um modo de olhar, uma piscada de olho, um movimento da mão, um jeito de andar, e assim por diante. Cada um vai se lembrar de um detalhe qualquer. Até aí é fácil amar. Agora

eu quero que vocês se lembrem daquilo que não gostam: aquela voz irritante, aquele sotaque horróroso, um gesto da pessoa, as suas manias.

Agora, diz São Paulo: ame isto! Este é o nível de Paulo. Não amar a beleza, porque é fácil, amar as coisas belas, porque são belas. Aí não tem graça nenhuma. Mas amar aquele lado escuro da pessoa, mas não só amar, porque aí seria masoquismo. Mas eu vou amar para que esta pessoa cresça e se torne melhor. Isso é que é amor. Fazer com que o outro seja livre e feliz na sua liberdade. Não seja uma cópia minha, não seja um reflexo meu, mas seja ele na sua identidade, na sua liberdade, na sua singularidade, na sua originalidade. Amar os originais das pessoas é o amor.

Nós queremos é xerox, queremos que os outros nos repitam. Então ficamos felizes. Essa é a grande alegria dos professores: quando os alunos repetem o que eles ensinaram. Isso é puro narcisismo. Porque eles se amam em si mesmos. Agora, quando eu ouço o diferente, aquilo que não é o que eu penso, aquilo que não é o que eu quero, o que eu amo. Mesmo que seja azul, com estrelas*, também isso merece ser amado, na diferença, na disputa. Aí então estaremos começando a entender Paulo.

O amor tudo suporta, tudo perdoa, não é egoísta e todos aqueles adjetivos que ele usou. Tudo isto porque ele fez uma experiência muito séria, no dia em que participou do assassinato de Estevão, apoiando quem jogava pedras. Quando viu que Estevão, aquele juvenzinho estava sendo apedrejado e a última coisa que ele disse foi: ‘Pai, perdoai esses que me matam!’, isso entrou em Paulo como um dardo e ele nunca se esqueceu. Estevão disse: “Pai, perdoai os que me assassinam” e morre. E Paulo torna a dizer: o amor tudo perdoa. Amém.(31/01/04)

* Referência à bandeira do Cruzeiro, time de futebol mineiro.

A VERDADEIRA EXPERIÊNCIA DO AMOR (1Cor 13,1-8)

Essa é uma das páginas mais lindas que São Paulo escreveu.

Se olharmos a história da cultura, grandes homens, como Platão, Aristóteles, Shakespeare e tantos outros, pensaram, falaram, escreveram sobre o amor. Sem falar essa quantidade imensa de poetas que vão versando sobre o amor. Mas eu me refiro aos grandes filósofos.

Um dos temas mais importantes para Platão em “O banquete” é o amor. E Paulo não ficou atrás. Ele também quis falar do amor, mas aí houve uma grande diferença. Até então o amor que os homens conheceram e, mesmo depois de Jesus, era sempre de alguém para ser depois amado. Era um jogo, como se faz até hoje o jogo do amor. A pessoa ama com um desejo imenso de ser amado.

Um famoso psicanalista disse essa frase um pouco sofisticada: “O desejo deseja ser desejado por aquele que lhe deseja”*. Muito profunda essa frase. Nós amamos aquele pelo qual queremos ser amados. Esse é o segredo do amor. Quando a gente quer ser amado por uma pessoa, a gente ama aquela pessoa. A gente a ama porque quer ser amado por ela. Essa é a grande experiência humana, muito bonita, grandiosa. E os gregos chamam-na de eros e de filia. E aí termina a filosofia.

Tudo isso fica muito pequeno depois que se captou em profundidade o amor e a experiência de Jesus. Reparem bem que nenhuma vez nessa leitura se falou de ser amado. Paulo não falou uma vez sequer que a caridade é querer que o outro nos queira. E para nós é sempre isso: eu amo porque eu quero ser amado. Sou amado para amar. Uma criança é amada pela mãe, para amar a mãe, que ama a criança e quer ser amada pela criança. Vocês pensam que a mãe ama a criança assim, sem mais? Ela ama o filho porque quer ser amada pelo filho, por isso ela olha o olhar da criança para ver a reação, o esboço de um sorriso, aquelas mãozinhas que agarram. E a criança também é fascinada pela mãe, porque sabe que pode contar com ela.

Os amores humanos são idas e voltas, nunca apenas idas. O ser humano não agüenta o amor de ida sem volta. Nós somos muito pequenos e frágeis. Nós temos sede de sermos amados. Nós somos sedentos de sermos desejados. A coisa que o ser humano mais deseja é ser desejado. Ele faz tudo para isso. As mulheres se embelezam, se perfumam, sorriem, treinam para serem amadas. Os namorados se encontram, olham, piscam, riem. Tudo isso para serem amados.

Vem Paulo e diz: “Gente, o amor não é isso só. É isso, mas é mais”.

“Mais Paulo? Mas o que você nos diz que é mais?”

Por isso ele não usou a palavra eros, ele não usou a palavra filia. Ele usará a palavra ágape. Ele criou a palavra grega, porque sabia que as duas palavras – eros e filia – iriam desnortear-nos na compreensão do amor. Ele diz que a caridade é benigna, na caridade não tem inveja, a caridade perdoa, tudo suporta. Suporta até o não-amor. O que os nossos amores não suportam, a caridade suporta. Tudo crê, tudo pode, tudo espera. Olha que coisa impressionante! Tudo! Espera, sem certeza, sem experimentar, sem ver, sem per-

ceber. Espera, aguarda. Aguarda o silêncio. É capaz de amar o silêncio do outro. Isso é terrível: sermos capazes de amar o silêncio do outro. Nós sempre queremos a palavra, o gesto, o carinho. E Paulo diz: -“Não! O amor espera o silêncio do outro!”

Esposos, como seria duro se vocês vivessem à espera do silêncio do outro!. Como seria duro se os namorados, noivos, amigos vivessem apenas o silêncio do outro. Paulo diz: -“Isso é também o amor!”

É difícil, é tão difícil que essa é considerada a leitura mais sublime de todo o Cristianismo.

Nós vamos viver sempre nesse jogo. É bonito amar e ser amado, essa é a nossa espera, esse é o amor. Mas alguma vez na vida, desejaria eu, que vocês experimentassem a pureza límpida, cristalina do amor, que amassem o silêncio do outro, amassem o velho já inválido, amassem uma criança incapaz, amassem uma pessoa que não valesse mais nada, amassem um trapo de gente, amassem um assassino, amassem uma pessoa que só deseja o mal para vocês. Se um dia experimentássemos uma vez sequer, aí teríamos a experiência da caridade, do amor cristalino, perfeito, bem próximo do que é Deus. Amém. (2000)

*Eduardo Mascarenhas, psicanalista.

NOSSA VOCAÇÃO É CRIAR AS RELAÇÕES

(1Cor 15,1,11/Lc 5,1-11)

Essa leitura de hoje é muito importante. São Paulo insere na sua carta algo que ele recebe, portanto, uma tradição mais antiga que ele. Vamos imaginar que essa carta aos Coríntios é do ano cinquenta, sessenta, o que quer dizer que já circulava na comunidade o núcleo do Evangelho. Esse é o pequeno núcleo: Cristo morreu, foi sepultado, ao terceiro dia ressuscitou para nossa salvação. Aí está todo o mistério da salvação e Paulo comunica agora aos Coríntios.

Isso não é óbvio, não é óbvio comunicar isso aos Coríntios e sabem por que? É um pouquinho de história. Os Coríntios eram gregos e os gregos não tinham nenhuma devoção ao corpo depois da morte. Os gregos cultuavam o corpo enquanto estava aqui na terra, mas depois da morte, eles consideravam o corpo como um cárcere do qual a alma se livrava e voltava para as idéias puras, belíssimas, onde, segundo Platão, a alma imortal, divina, voltava a seu habitat, sua casa primitiva. Então eles não podiam nem ouvir falar de ressurreição dos mortos, dos corpos. E Paulo vem pregar exatamente para eles; para eles que não aceitavam o corpo, Paulo diz: -“Cristo nos trouxe essa grande mensagem de que nosso corpo não é só santo aqui na Terra, porque é corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo”. É santo muito mais ainda porque vai atravessar o túnel escuro da morte e vai entrar na ressurreição. Esta é a nossa fé e sem ela vai-se toda a nossa crença. Todo o resto que nós dissermos não terá sentido, se não aceitarmos o mistério da ressurreição. Esta é a mensagem nuclear que Paulo nos colocou.

Mas ele fala também da sua vocação. E nós aqui estamos com muitos leigos, todos cristãos e todos têm uma vocação.

Primeiro vou pegar a palavra vocação. Vem de chamado – “vocare”. Significa que dentro de nós ecoa uma palavra, uma palavra diferente. Mas como é que ecoa uma palavra diferente dentro de nós? As palavras, dentro de nós ecoam nas relações. E eu quero pegar este tema, um tema, eu diria, filosófico.

Nós não recebemos a graça de Deus como uma coisa. A graça de Deus é uma relação e nós nos instituímos e nos criamos e nos fazemos e nos construímos através de relações. Nós temos que tirar da cabeça, de uma vez para sempre, pois é um erro quase fatal, pensar que ter coisas nos faz. Ter coisas não faz nada, absolutamente nada dentro de nós. A relação que nós temos à coisa é que nos faz.

Vamos colocar um quilo de ouro diante de mim. Esse quilo de ouro não altera absolutamente nada no meu ser. Mas se eu estabeleço uma relação de ganância em relação a esse ouro, essa relação é que me faz. Não o ouro, mas a relação.

Eu tenho um punhado de dólares na carteira, é papel, não vale nada. Agora, se eu estabeleço com esse dinheiro uma relação, aí eu sou essa relação. Esse é o terrível. As coisas não nos fazem pelo que elas são, elas nos fazem pela forma como nos relacionamos com elas.

A mesma coisa é com o filho ou com os esposos. Você tem um homem ou uma mu-

Iher vendo você e não significa absolutamente nada para você, a não ser que você abra o seu olho e estabeleça a mínima relação. Aí você começa a ser, começa a existir.

Nós somos relações e é isso que talvez pouca gente entenda. Vocês podem encher suas casas de coisas e não crescerem um milímetro, nem no físico, nem no espírito, nada, nada, nada. Agora, vocês vão criando em seus corações à medida que vão relacionando com as coisas, com as pessoas. Se as relações são de perversidade, nós vamos ser, cada vez mais, seres perversos. Se as nossas relações são luminosas, nós seremos cada vez mais luz.

O grande centro na vida - guardem isso - é saber criar relações com as coisas e com as pessoas. Se você se relaciona com uma pessoa maravilhosa, você se torna maravilhoso, porque você é aquela pessoa. Se você se abre para as coisas, como que acolhendo os dons, você abre o coração, você é essa abertura.

Nós temos que começar a trabalhar as nossas relações com nós mesmos, com os outros, com as coisas, com o Transcendente. Estas quatro relações como que configuram o ser humano. O animal não. O animal é coisa, por mais que a gente respeite, eles não chegam a estabelecer nenhuma relação. Não pensem que o cachorro cria uma relação com você. Você sim, é que se 'encachorra' cada vez mais, na medida em que vai até o cachorrinho, porque você pode estabelecer uma relação com ele, pode substituir todos os seus filhos, todas as suas amizades pelo seu luluzinho, porque você cria essa relação. O cachorro vai sempre continuar cachorrinho e não sairá de seu grau mas nós sim, podemos nos transformar. Ou nos elevamos, ou nos abaixamos, ou crescemos ou diminuimos, ou enriquecemos ou empobrecemos. Isso ocorre nas nossas relações.

A vocação é descobrir as relações e eu hoje queria incentivar muitas vocações. Vocês, mulheres, jovens que trabalham no crisma, na catequese; vocês, professoras, nas escolas, em cada aula que vocês derem, cada relação que vocês criarem, será ela que construirá o seu ser, é ela que faz você ser, é ela que faz o seu ser crescer e não o acúmulo de coisas. Pode encher seu corpo de roupas, que não vai acrescentar nada em você. Agora, se você cria uma relação de apego com essa roupa, você será uma pessoa apegada, porque é a relação que marca as pessoas.

Se nós descobirmos esse segredo, nós seremos extremamente felizes porque não haverá uma realidade sequer que poderá nos destruir, porque nós lançaremos a nossa relação de vida com essa coisa e tudo se transformará em vida. Isso tudo vai estender-se em todas as relações que nós criarmos. Amém. (03/02/01)

AVANÇAR PARA ÁGUAS MAIS PROFUNDAS(Lc 5,1-11)

É uma parábola. Quem não sabe que as águas são sempre um mistério da história, um mistério da vida? Que as águas fazem-se férteis, fazem-se mistério; que as águas podem dar alegria, descanso; que as águas, sempre as águas, estão carregadas de futuro? Delas vêm a vida, mas também muita morte.

Enfim, esse mistério das águas vem cercando todo o Evangelho. Jesus passa os seus anos de vida apostólica ali, ao lado do Lago, olhando, passeando, andando de barco. Hoje narra-se uma tempestade, outras vezes o barco é ameaçado pelas ondas.

Hoje vem a esterilidade, a não-vida, o vazio, a frustração - em linguagem moderna, a depressão. Trabalharam, trabalharam e nada. Passaram a noite toda e nada. É o fracasso. Quem é que não o teve em sua vida? É aquele momento em que nosso coração fica amargurado, vazio, triste e aí nós ficamos desnorteados.

Antigamente não havia outro recurso, a não ser as lágrimas, a tristeza. Hoje, não. Há uma química maravilhosa. Em qualquer esquina se encontra um psiquiatra que prescreve um remediozinho e aí a depressão desaparece. Mas no caso de Pedro, não. Houve uma Palavra. E qual foi essa Palavra? Fugir, escapar, esconder, ficar dentro de casa? Não! “Avançai para águas mais profundas”.

O que significa avançar para águas mais profundas? O papa tomou esta frase do Evangelho e transformou no grande slogan vocacional do ano das vocações leigas, religiosas e sacerdotais. Vocês que estão organizando a festa(*), que trabalham mais de perto na comunidade, sabem o que isso significa: avançai para águas mais profundas! Se fizemos alguma coisa, devemos fazer mais; se viemos até aqui, vamos avançar. Se a nossa paróquia chegou onde ela está, vamos ficar contentes? Não. “Avançai para águas mais profundas!” Porque este lema pertence ao núcleo da vocação cristã. É o nunca ficar parado na margem.

Vocês não viram que Jesus entrou na barca e afastou-se? Os que ficam parados na margem não têm ousadia, não têm coragem, não têm utopia, não têm sonho, não têm futuro, não constroem. Vamos dar exemplo! Vamos nos afastar das margens, da margem da estabilidade, da parada, da acomodação, da terra firme, onde se pode ficar tranqüilo, sem esforço. Alguém precisa remar na terra? Pode ficar sentado, com seu cigarrinho, pode tomar sua cervejinha.

Mas Jesus nos desafia para o mar. Depois de uma noite, que eles tinham passado, toda ela sem pescar. Não faz mal. “Avançai para águas mais profundas”. Mas para quê? Por pura aventura, pelo risco? Não, nós não somos desses esportes perigosos, de pegar os carros a cento e vinte, duzentos quilômetros por hora. Não é o risco pelo risco.

Depois de avançar para águas mais profundas vem uma segunda frase: “Lançai as redes!”. Que é lançar? É uma metáfora: rede pesca, rede capta, rede recolhe. Nas águas de hoje tudo é puro lixo. Mas lá não. Lá estavam peixes e em tal abundância que as duas barcas ficaram abarrotadas. E quem são os peixes? As vocações? Talvez sim, mas eu diria mais. Peixe é tudo aquilo que na nossa vida tem um valor. Peixe é o símbolo da vida.

Primeiro, o peixe é o símbolo da Eucaristia. E é bom saber que a palavra peixe em grego, nas suas primeiras letras, significa Jesus Cristo, Filho de Deus. Por isso peixe significa a Eucaristia, porque é o símbolo do próprio Cristo. E onde vamos buscar Cristo nas horas duras, de tristeza, de abatimento, quando parece que estamos largados, desconhecidos, não ouvidos, isolados? As nossas redes às vezes não pescam os homens: estão viajando, estão longe, não têm celulares, não é possível falar com eles.

Aí eu lanço a rede para o Senhor. E é bom nunca esquecer: a primeira coisa que temos que pescar, o primeiro grande Peixe é o Cristo Salvador, é o Cristo Senhor. E muitas vezes vamos precisar desse Peixe, vamos precisar lançar nosso barco para frente. Lançai as redes para colher.

Mas o Senhor muitas vezes só se manifesta através das pessoas. Vamos pescar aquelas pessoas solícitas, disponíveis, aqueles que podem nos ajudar, que podem nos fazer crescer. E a nossa pesca será maravilhosa, será milagrosa. Amém.(07/02/04)

(*alusão à festa da padroeira N.Sra. de Lourdes, em Vespasiano.

A PARÁBOLA DO PAI MISERICORDIOSO (Lc 15,1-3;11-32)

Essa parábola é tão rica em sinais e símbolos que teríamos que colocá-la em todo um processo.

Um exegeta americano se deu ao luxo de estudar a Bíblia como se o Antigo Testamento fosse uma grande peça de teatro. Sendo especialista em Shakespeare, ele estuda e analisa a personagem chamada Javé – Deus. Faz uma análise como se fosse uma obra literária e mostra como a imagem de Javé, já no Antigo Testamento começa a mudar.

Primeiro Ele aparece soltando fogo pelo nariz, jogando tempestades, raios, trovões. Todo mundo podia dizer: “Não queremos ver a Deus, porque se O virmos vamos morrer, ninguém que viu Deus saiu vivo”. Então era o terror, o verdadeiro pavor. O único que podia entrar no templo, onde estava - não Deus, mas a Lei - era o sumo-sacerdote, uma vez por ano.

Vamos imaginar que o sacrário fosse coberto com um véu e vocês nunca pudessem vê-lo, nem entrar aqui. Só o vigário, uma vez por ano e sozinho. Ver e falar com Deus. Então esse personagem vai dizendo quando Israel invade aquelas tribos lá da Palestina: ‘Mate a todos, mulheres e crianças. Que não fique ninguém, só fique o povo de Israel’.

Lembro-me de um escritor que disse a Dom Serafim, ter ficado escandalizado com tanta morte, tanta violência descrita no Antigo Testamento. Ele perguntava: “Por que isso?”. Não era Deus, era a cabeça, o imaginário judaico da época.

Então, lentamente, a mentalidade do povo judeu vai evoluindo até que aparece Jesus. E é nesse mundo que Ele fala. Imaginem então, o escândalo dessa parábola... Coisa chocante! Jesus também tem frases fortes. Fala de ranger de dentes, de fogo. Mas de repente Ele se esqueceu de tudo que falou e, parece que do seu coração saiu a experiência mais profunda que tinha de Deus Pai. E contou essa parábola, do Pai Misericordioso.

É importante notarem o sentimento do Pai em relação ao filho que vai embora: a tolerância. Ele não disse nada, não foi atrás, não proibiu. Tolerou. O filho saiu, gastou o dinheiro, viveu uma vida devassa. O pai tolerou. Não passivamente, mas esperando. Vamos imaginar toda tarde ele olhando a janela, lá no horizonte, se por acaso alguma poeirinha denunciava o filho que voltava, como uma certeza interior, assim como muitos pais têm quando um filho se debanda. Esperam sempre que de repente alguma coisa aconteça e o filho volte.

Agora aprendam, pais e mães, quando tiverem um caso desses na sua família. Aprendam a esperança e paciência de Deus. Não disse uma frase, não jogou nada no rosto do filho. Só disse da alegria por ele estar vivo: “Alegremos! Festejemos! Matemos um cabrito ou uma ovelha gorda, para que haja uma festa. Muito vinho, muita alegria”.

Já o filho mais velho representa a nossa pequenez, a nossa visão. Isso é bem nós: nossa dificuldade em perdoar. Guardamos ódio, guardamos rancores. Ficamos magoados. Meses, meses, meses, anos magoados.

Não há irmãos que não se falam dentro dessa cidade, dentro da nossa Igreja? Irmãos que não conversam entre si?...

Olhem para essa parábola e vejam Aquele que não cobra nada. Só quer a vida de todos nós, em qualquer circunstância, em qualquer situação. Não há nenhuma situação perdida.

E aí fica a última frase: “Para quem tem fé, todo fim é um começo!”. Amém.(20/03/04)

CAMINHO, VERDADE E VIDA (Jo 14,1-14)

Estes trechos do Evangelho de São João que estamos ouvindo, há várias semanas, às vezes parecem difíceis ou até mesmo repetitivos. Será que é isso mesmo? Talvez, se nós mudássemos um pouco a ótica de compreensão desse Evangelho, fosse mais fácil a sua percepção.

Vamos imaginar o fato como aconteceu. Que a comunidade de João, portanto, como nós aqui, é que está escrevendo o Evangelho e nós estamos olhando e perguntando para nós mesmos quem é Jesus.

Depois de ouvirmos tantos relatos dos apóstolos, das pessoas que O compreenderam, estaremos maduros, como também a comunidade toda, para respondermos, iluminados pela luz do Espírito Santo, à pergunta: quem é Jesus? Só que João coloca a resposta na boca de Jesus. Claro, que é a fé que a comunidade tem em Jesus.

Assim vocês ouviram no domingo passado aquela frase: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida!”.

Se Jesus tivesse dito isso, talvez percebêssemos sentido. Mas, se nós nos perguntamos quem é Jesus e respondemos: “Ele é o caminho!”, talvez fique mais claro para nós. O que significa isso? Os psicólogos, sociólogos dizem que todas as culturas, todas as pessoas, desde crianças pequeninas, precisam ter pessoas referenciais na vida. Pessoas importantes, significativas, que lhes dêem uma visão, um caminho a seguir e, essa comunidade se perguntou: mas quem é essa pessoa para nós? Será que é qualquer um, o meu pai, a minha mãe? Talvez sim, mas não da mesma maneira. De repente a comunidade disse: “Não!” Só pode ser aquele Homem, aquele Homem despojado, aquele que seguia as pessoas, procurando levar uma palavra de consolo, curava aqueles que estavam sofrendo, olhava as crianças, que naquela época eram repelidas pelos adultos que as perseguiram, olhava para os pecadores, que eram julgados, excluídos; olhava para os publicanos, que eram uma espécie de traidores e lhes dizia: “Vem, eu quero comer na sua casa!” Então a comunidade concluirá: é esse o caminho que nós queremos seguir - caminho da tolerância, da compreensão, do perdão, da acolhida. Ele é o nosso caminho!

Mas olhavam mais e diziam: “Nós queremos uma verdade”. Não uma verdade teórica, matemática ou física. Não, essas verdades não tocam o nosso coração. Verdades frias. Nós precisamos de verdades diferentes. Uma verdade que cumpra duas funções, uma verdade que nos mova o coração e que nos ilumine a inteligência. Portanto, uma verdade que seja existencial, uma verdade que seja revelação de uma realidade, uma verdade que brote de dentro e se desdobre na história. O nosso pai, a nossa mãe, certamente sim. Nossos pais aqui na Terra são um pouco de verdade. Eles revelam aos filhos o que é bondade, o que é tolerância. Mas será que essas verdades são suficientes? Será que não há uma verdade maior? Alguém que viveu uma tal transparência, tão imediata, tão direta, tão sem fingimento – será que ela existe? Sim, é Ele mesmo, de quem os apóstolos falaram, que morreu por nós, se entregou por nós. Ele é o caminho, Ele é a Verdade!

Mas eles queriam mais. Verdade é pouco, nós queremos Vida. Nós não queremos

morrer. Nós queremos caminhar, não queremos ficar parados. Nós queremos construir, não queremos ficar de braços cruzados. Nós queremos uma comunidade viva, que venha encher a Igreja. É o que nós queremos. Nós queremos, portanto, a vida. A vida é o pai e a mãe – certamente. O pai e a mãe me deram a vida, que lhes agradeço tanto. Os professores me deram tanta vida, com seus estudos, seus ensinamentos, suas aulas. Tantas pessoas nos deram tanta vida. Até os médicos, nos deram vida, às vezes, nos hospitais, os agentes de saúde. Eles nos deram a vida. Mas será que a nossa vida não é um pouco mais profunda? Uma vida mais vital, uma vida Vida, uma vida Vida Vida – três vezes vida? Uma vida que nos encha e nos transforme, que nos anime, que nos dê uma coragem de irradiar vida por todos os lugares? É aquele Homem que viveu assim, que foi tão transparente no seu olhar, que olhou a Madalena e disse: “Serás minha discípula!”. Olhava para os pecadores, para a adúltera: “Alguém os condenou? Nem eu os condeno”. Ele é a Vida. Aproximava-se dos doentes, dos tristes, dos deprimidos, fazia-os subir, levantar, abrir seus olhos. Ele é a Vida!

Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida! Amém.(04/05/02)

DEUS ESQUECEU-SE DE IR EMBORA (Mt 5,43-48)

Depois desse Evangelho, as nossas palavras são pequenas, são frágeis, são fragmentadas. Quem é capaz de chegar a esse nível de compreensão do ser humano? Nós vimos a primeira leitura de Paulo e agora vimos a leitura de Jesus.

Sabe como eu imagino o ser humano? Eu o imagino como um vulcão extinto. Por fora, aquela camada dura, granítica, mas por dentro, borbulha o magma a temperaturas altíssimas. De vez em quando esse magma explode e sai em jatos de fogo, jorrando por todos os lados e depois ele silencia e, de novo, as pedras e esse magma continuam ebulientes por baixo.

Sabe o que fez Deus conosco? Deus, quando criou-nos, escondeu lá dentro de cada um de nós, bem dentro de nós, a Ele mesmo. Ele escondeu no finito de nosso corpo, no finito da nossa mente, no finito da nossa inteligência o Infinito Dele mesmo. É por isso que somos inquietos. É que quando paramos, é como as cinzas que cobrem mas por dentro borbulha o magma que, de vez em quando, acorda e sai. São os momentos profundamente espirituais que nós todos temos. Somos talvez em 23:59 horas, rocha grande, dura, e naquele último segundozinho, explodem aquelas faíscas. São os momentos mais lindos de nossa vida. São poucos, mas são tão lindos! Tão lindos que compensam todas aquelas rochas gigantescas, aqueles momentos em que percebemos que somos infinitos escondidos! Por isso Santo Tomás olhava para o horizonte e dizia: -‘Este é o ser humano: o céu que se encontra com a terra!’ Somos horizonte, somos terra, muito terra, mas também somos um céu que toca a terra da nossa pequenez.

E porque somos tocados por esse Infinito é que nada consegue saciar-nos. Podemos abarrotar-nos de coisas, matérias, de desejos terrenos mas, de vez em quando, saem alguns desejos maiores que nós. Podemos enterrar-nos no trabalho cotidiano, nos cálculos, nos fóruns. Voltamos fatigados para casa com as lágrimas, com os nossos operários, uma loucura de trabalho. Mas, de repente, rasga-se este nosso cotidiano anódino, cinzento, banal, comum e brilha uma coisa diferente. É Deus que coloca a sua cabeça de fora e diz: “Aqui estou!”.

Um poeta indiano diz que convidou Deus para vir a sua casa. Deus veio e esqueceu-se de ir embora. É isso que aconteceu com cada um de nós. Deus veio no batismo, o Espírito Santo veio no batismo e esqueceu-se de ir embora. Continuou entre nós. Nós podemos nos esquecer Dele, aliás O esquecemos muito. Passamos dias, anos sem falar Dele, sem pensar Nele. Mas Ele esqueceu-se de ir embora.

Ele continua falando, acordando-nos e é por isso que a história tem sentido, é por isso que nós temos esperança, é por isso que existe ética, é por isso que o neo-liberalismo não consegue matar as utopias no coração das pessoas. Podem fazer os cálculos que fizerem, podem fazer todos os testes, porque nada disso consegue abafar a divindade no coração de uma criança.

Hoje, pela manhã eu realizava o rito do batismo das crianças e olhando cada criança pequenina que passava pela água, eu dizia para mim mesmo que na pequenez daquela criancinha, habita a Trindade Santíssima.

Por isso eu digo: “Mães, que ainda carregam vossos filhos no colo, não precisais nem de vir à igreja, para encontrar a Trindade. Tendes esta Trindade nos braços, quando carregais a pureza trinitária de uma criança!” E também quando tens um adolescente a seu lado, olhai, porque ele carrega, ele faz desenvolver dentro de si essa Trindade que começou a habitar o coração quando ele recebeu a graça do batismo. E quando os nossos olhos começam a ver as pessoas assim, muda muito o modo de ver, porque desaparece o ódio, desaparece o conflito, desaparece a raiva e existe só o perdão. Aí podemos entender: “Amai os vossos inimigos!”, porque também nele - por mais carrasco, por mais tremendo que seja, por mais granítico que seja o seu coração - bem escondido lá dentro, está o magma da Trindade ebullente. Talvez ele não deixe sair, mas está lá.

Nós temos obrigação de atravessar com os nossos olhos essas rochas dos corações mais duros e descobrir a Trindade habitando neles.

“Amai os vossos inimigos!”. Essa é a razão. Não amo a violência deles, não amo o crime dos criminosos. Odeio os crimes, a brutalidade, a perversidade. Nada disso eu amo, mas nessa camada perversa do coração humano que nós detestamos, está escondido o infinito valor que ela tem, que conserva ainda - é Deus habitando em seu coração. Deus veio e esqueceu-se de ir embora. Amém. (18/02/01)

O PODER DA PALAVRA (Mt 12,33-37)

As leituras de hoje giram em torno da Palavra. E a Palavra, nós sabemos, é a grande criação do ser humano. Os animais não falam, nem o papagaio fala, papagaia. Ele repete, mas não sabe ser um falante, porque não constrói palavras. Portanto, falar, somente nós, seres humanos.

Eu vou pedir licença a Jesus e vou inverter o Evangelho. Jesus diz que a Palavra brota do coração. Então o coração é o tesouro que nós temos e de onde tiramos as coisas. Mas eu acho que no mundo moderno está acontecendo o contrário. Vejam se eu tenho ou não razão, com licença de Jesus, claro.

Quando falamos, as palavras não saem do nosso coração, nos vêm ao nosso ouvido. É muito mais sério hoje cuidarmos das palavras que ouvimos do que das que falamos. Porque a tendência é falarmos cada vez menos e ouvirmos e vermos cada vez mais. Porque vivemos num mundo de informações, um mundo de televisão, um mundo de Internet, um mundo de vídeo-games. Um mundo em que, desde criança, vai-se aprendendo, vai-se ouvindo e vai se repetindo as palavras que vêm. Não nascem do coração. As palavras já não nascem mais do coração, nascem dos programas, nascem dos que estão lançando essas ondas, dos locutores, dos programas de auditório. É de lá que as palavras vêm e entram. As pessoas bebem-nas e depois, sim, vomitam-nas, não falam. Esse é o grande problema do mundo de hoje.

Na época de Jesus, na época dos sábios, as pessoas falavam e como era importante saber que as pessoas falavam. Hoje elas não falam. Vejam esses jovens que estão namorando. Eles não falam, não sabem falar. Sabem duas, três palavras só, e aí se encerra todo vocabulário deles. Depois vão fazer um vestibular e é um desastre a redação. Porque eles não lêem, não ouvem. Nós temos que pensar muito seriamente, pensar no que ouvem os nossos jovens, não o que eles falam.

Os americanos são um povo que vive de pesquisas, só que o que eles pesquisam todo mundo já sabe. E sabem que fizeram uma pesquisa nos Estados Unidos, pesquisa séria, para saber o quê? Queriam saber o que mais influencia o jovem para entrar na droga. Pesquisa seríssima. Sabe a que chegaram? Até minha avó já sabia: são os colegas que falam para eles. Portanto, não vem de dentro, não é o desejo da droga, não é a busca, não é a palavra que vem de dentro, mas a palavra exterior que chega.

Temos que pensar muito seriamente sobre que coisa queremos ouvir. E quando eu digo ouvir, não é só com as orelhas não, há um ouvir com os olhos. Nós ouvimos com os ouvidos, ouvimos com os olhos, ouvimos com os contatos. Recebemos a palavra de fora com os sentidos todos. Eles estão falando de fora e nós vamos armazenando e depois, sim, depois sai. Mas sai, tendo sido antes plantada dentro de nós.

Agora mais sério que a pesquisa americana, é Piaget, este grande psicólogo e pedagogo francês que diz que 'a palavra falada é antes palavra criada em nós.' As palavras físicas - é dessas que eu estou falando - são idéias. Toda palavra é carregada de idéias. Esses jovens estão ouvindo essas palavras o dia todo, ouvindo sexo e droga. Sexo e

droga não são só palavras que eles ouvem, são palavras-idéias que forjam por dentro, constroem por dentro.

Então nós temos que começar a trabalhar e mudar o nosso vocabulário. Nós só transformaremos a sociedade se transformarmos as palavras que forjam essa sociedade, as relações que formam essa sociedade. Porque nós nos construímos e, muito mais somos construídos do que construímos. Nós ouvimos muito mais palavras do que falamos. Assim nós temos que olhar para este lado.

Há tantos pais que não sabem o que os filhos ouvem e, muitas vezes, nem sabem quem são os filhos, porque eles são construídos por essas conversas. Eles são construídos pelas conversas dos colegas, ali naqueles grupos, naquelas tribos que freqüentam. É lá que eles se formam, é lá que eles se estruturam. É com esse vocabulário, é com essas palavras que eles criam a afetividade, a sexualidade, a sensibilidade, a liberdade e a vontade. Tudo isso é construído com a palavra.

Então o Evangelho de hoje é importante. Só que Jesus não conhecia a sociedade moderna. E, se Ele conhecesse, diria que as palavras que vêm são as mais perigosas. Elas ficam, elas constroem. Amém.(24/02/01)

SER CRISTÃO É MAIS QUE SER ÉTICO (Lc 6,27-36)

Irmãos, leremos uma página dessas em qualquer e todas as religiões. Sabe o que estamos fazendo no Brasil atualmente? Lutando para viver o nível ético: que os juízes sejam honestos, que os políticos sejam honestos. Isso não é cristão não, é ético. Honestidade, cumprimento do dever não é ser cristão não, é ser ético. Qualquer comunista, qualquer chinês faz isso. Um médico atender o seu cliente é ético. Aquele farmacêutico fazer para mim um remédio é normal, é ético, é obrigação. Não fez nada de mais. Engenheiros, arquitetos que trabalharam nesta igreja fizeram o que deviam fazer. Para isso estudaram, não fizeram nada demais – ético.

Jesus disse: “isso é pouco para nós!” Claro que devemos fazer isso, mas é pouco. Ele quer o excesso, excesso mesmo. E qual é o excesso? Ele joga com as experiências fortes, mas não é só isso que Ele quer dizer.

Um juiz, por exemplo, que condena, é ético. Mas ele pode condenar de duas maneiras: mandar para a cadeia o criminoso ou pode condenar como quem tem misericórdia, quer tentar salvar, quer encontrar, ainda que seja no deserto, aquele pedacinho de terra onde ele possa semear uma sementezinha. E aí nascer um broto verde de esperança.

Um professor encontra um adolescente, ensina, isso é ético. Agora, a professora olha para esse adolescente e diz: ‘ele é uma espécie de violino quebrado do qual sobrou só uma corda. Pois bem, vou pegar o arco e tirar uma nota dessa corda’. Isso é ser cristão. O cristão olha e tenta ver que ponto existe onde se possa colocar um pouco de bondade e fazer crescer. Isso é ser cristão

Vocês encontram um colega que não presta para nada, um ladrão, um drogado e fogem dele. Está certo, é ético. A polícia pode achá-los juntos, prendê-los. Fugir é ético, normal. Agora você tem um garoto, um colega, você pára e pergunta: “qual o lado ainda sadio que ele tem?” Qual a única tecla daquele piano desafinado que ainda sobrou? Aí você toca essa tecla para ver se nasce a música que moverá o coração desse jovem. Isso é ser cristão.

Eu mesmo, como padre, não faço nada de especial em estar celebrando para vocês. A mesma coisa faz o médico, o engenheiro. Se eu não viesse, aí não seria ético. Seria preguiçoso, vagabundo, omissivo. Agora, eu venho celebrar, me preocupo com o que falar para as pessoas para tocá-las, procurando aquele veiozinho onde possa caber uma só semente. Aí sim, eu começo a ser cristão.

Você tem um carro, uma moto, sai pela rua fazendo barulho, incomodando. Mas você pode ser um motorista, um *motoboy* que respeita as pessoas, respeita o silêncio das noites, sem pensar que se é dono do mundo. Anda na sua moto, no seu carro, mas anda diferente. Vai à festa, acha linda a menina. É normal, mas a olha com olhos diferentes. Não possessivos, não de cobiça, mas como forma de admirar a beleza, porque toda a beleza vem de Deus, toda a beleza está em Deus, toda a beleza caminha pra Deus. É diferente.

Você brinca, mas brinca diferente. Você abraça, mas abraça diferente. Você beija, mas beija diferente. Beija com respeito de quem deposita no outro o pólen da vida, do amor, da beleza, exatamente como os pássaros, o beija-flor que vai beijando cada flor, porque todo beijo vem de Deus, está em Deus e caminha para Deus.

Esse “mais” é que Jesus quer de nós. Que sejamos diferentes. Não que fiquemos trancados, amarrados, amargos. Nada disso. Deus nos quer pessoas alegres, felizes, transparentes. Mas essa transparência nossa é diferente. Ela nasce de alguma coisa de dentro, porque o nosso Pai do céu é assim e Jesus também.

Quando Deus olha para nós e nos vê metidos no maior crime, jamais mandará um raio que nos fulmine. Nós dizemos que Ele faz isso, que Ele nos castiga, mas isso é blasfêmia contra Ele. Deus não mata ninguém, Deus não condena ninguém, Deus não joga carro no abismo, Deus não manda raios sobre ninguém, Deus não manda doença para ninguém, nenhum câncer insidioso que nos arrebe . Nosso Pai é misericordioso.

Seria bonito se fôssemos cristãos. Poderíamos caminhar pelas ruas, festejar todos os carnavais do mundo. Porque todo o bem, toda a beleza, todo o prazer vêm de Deus e voltam pra Deus.(21/02/04)

NOVA VISÃO DA LEI E VALOR DO LAZER (Mt 5, 21-47)

Esse Evangelho parece ter sido escolhido por ser época de carnaval, mas não é, porque carnaval varia de data e esse Evangelho sempre ocorre a cada três anos, nessa ocasião.

Abordaremos primeiro o espírito do Evangelho. Depois o significado do que seja carnaval, o que chamamos carnaval, valendo-nos um pouco da cultura de onde veio. Isto é, para encontrar o seu significado, como a sociedade moderna está trabalhando essas realidades.

Mas antes uma palavra sobre o Evangelho. Mateus faz questão de valer-se das leis de Moisés, do Antigo Testamento, para mostrar que Jesus veio aperfeiçoar esta Lei. Ele compara Jesus com Moisés.

Moisés ensinou os dez mandamentos na base do não, não, não. Jesus trouxe uma nova compreensão da Lei. Primeiro nos colocou as bem-aventuranças. É, pois, à partir das bem-aventuranças que nós temos que entender o resto - o sermão da montanha.

São três capítulos do Evangelho de Mateus que só podem ser entendidos à luz das bem-aventuranças. Essa parte do Evangelho de hoje pertence ao Sermão da Montanha, onde Mateus coloca que Jesus interioriza a Lei de Moisés.

Moisés fala de não matar, de não jurar, de não cometer adultério e Jesus vai mais fundo, e diz: 'Onde está realmente a sede da maldade humana? É fora do homem? Não, tenho certeza que não!'. Então Jesus interioriza, torna mais profunda a Lei que nós temos. Portanto, não adianta uma observância externa por ela mesma. Interessa é a atitude fundamental, é a opção e orientação fundamental da vida, que seria o núcleo do evangelho.

Portanto, não seria do espírito de Jesus ver-nos agir casuisticamente, começando por distinguir se orei cinco ou dez minutos. Aí já perderíamos o Espírito. O Espírito do Evangelho é exatamente sair dessa maneira externa, própria dos advogados, dos juizes que julgam assim, na base da lei, observando aquela vírgula da lei, os pontos e vírgulas.

Jesus, diz: -'Não!'. Nós temos que ir ao coração da Lei. E qual é o coração da Lei? É o amor. Então não é só não matar, é perdoar, é acolher, é estar aberto ao outro. Não é só não cometer adultério, é ter uma atitude nova diante da mulher. É muito mais profundo. Não é tanto não olhar, no sentido material, mas é criar dentro de si esse respeito entre nós, seres humanos - homens e mulheres - descobrir a dignidade das pessoas. Não são mercadorias, não são coisas que se compra. Não são coisas que a gente objetiva, mas são pessoas, gente em sua liberdade e consciência.

Jurar também significa que nossa dignidade é pequena, que nossa palavra não vale nada, que temos que buscar fora o valor. Não, a nossa palavra deve ser séria. Sim é sim, não é não. Não precisamos jurar, basta o que dissermos, basta nossa palavra. Para que jurar se nós somos dignos, se nós cumprimos nosso dever, se nós cumprimos as nossas palavras? Não precisamos jurar.

Carnaval - uma palavrinha sobre o carnaval. Primeiro a etimologia da palavra. É

discutida, mas é uma das etimologias mais fáceis de entender. Carne vem do latim, é carne que a gente come. Vale é ‘adeus’, ‘despedida’. Então carnaval é uma despedida da comida de carne, porque começa a quaresma e, antigamente, a quaresma era pra valer mesmo, não essa quaresminha suave não. Naquela quaresma antiga, não se comia carne nem um dia sequer. Quarenta dias sem comer carne. As pessoas naqueles três dias se fartavam para depois passarem quarenta dias sem comer carne. Daí passou essa idéia de que nós vamos entrar numa espécie de túnel que é a quaresma - momento de recolhimento, de abstinência, de austeridade.

Há um folguedo que, de certa maneira, desopila as pessoas, antes de começar a quaresma. Portanto, é uma festa que nasce na Igreja e nasce nesse horizonte medieval religioso. Tudo era religioso, então carnaval também, era religioso.

Só que agora nós vivemos numa sociedade secular. A quaresma perdeu todo aquele rigor, ela não mais marca a nossa vida. Muitas pessoas nem se dão conta de que é tempo de quaresma. Talvez só estranhem porque o padre está usando paramento roxo, só percebem que mudou de cor e muito mais que isso não vai. E também o carnaval está mais do que nunca, secularizado. Por isso acho que vale a pena fazermos uma reflexõzinha.

O que a sociedade moderna está fazendo com o lazer? O lazer é um momento importantíssimo da nossa vida. Tão importante quanto o trabalho é o lazer. Hoje a teologia mais avançada quer mostrar que a criação do mundo, aqueles seis dias de criação do mundo, deve ser entendida a partir do repouso de Deus, que é o sétimo dia. Então o repouso é que dá sentido ao trabalho e não o trabalho ao repouso.

O mais importante é o lazer, o trabalho é secundário em nossas vidas. Essa é uma visão bíblica. O homem nasceu para contemplar, para conviver, mas ele precisa do trabalho, seja para a sua realização humana, como para sua subsistência. Mas a sociedade capitalista, com a famosa ética de que fala Weber, coloca o trabalho como valor em si – e essa ética entrou tão forte no nosso mundo, que para nós o trabalho é tão importante, que o lazer fica como uma coisa secundária e quando acontece, é desordenado.

É como se apertássemos uma mola e depois a soltássemos. Se o lazer fosse esse momento de tranqüilidade, estaríamos sempre repousados. Não estaríamos tão tensos e nem precisaríamos entrar em desvarios como se isso fosse nos descansar. Quantas pessoas voltam de um carnaval mais cansados ainda do que antes de iniciá-lo?

Que nós consigamos descobrir a beleza do lazer e, acima de tudo, a possibilidade de encontrar mais as pessoas, conversar mais, conhecê-las melhor. E então, certamente, voltaremos refeitos desses dias de carnaval para recomeçarmos nossos trabalhos, nossos estudos, nossa vida. Amém.

UM NOME NÃO É SIMPLEMENTE UM NOME

(Ex 3, 1-8ª, 13-15)

A primeira leitura de hoje é a carta fundante do povo de Israel. É a Constituição de 88, é a constituição do povo. É como Israel nasceu.

Nós nascemos de deputados votando, cheios de emendas: emendas pra cá e pra lá, emendas parlamentares. Israel nasceu diferente. Israel somos nós hoje aqui. O novo Israel, essa comunidade aqui. Israel nasceu do coração de Deus. Não nasceu de uma votação, não nasceu de nenhum movimento, nenhum partido, desses tantos que há por aí, com suas belezas e feiúras.

Israel é sofrida, como nós somos quando passamos momentos de dor. E só quem olha para quem sofre é Deus. Não como castigo, como diz na Bíblia. Não tem castigo nenhum. Sofremos porque é nossa condição, porque temos um corpo e esse corpo pode ficar doente, esse corpo pode ser atacado por um câncer. Essa é a nossa condição. Não tem nada a ver com castigo de Deus.

Por que o nosso corpo fica doente? Porque o nosso corpo é humano, ele é feito de matéria, matéria que se dissolve, que se destrói, que se decompõe. Nenhum de nós é eterno. Deus vê o sofrimento do povo e no caso de Israel era a escravidão: ficar o dia inteiro fazendo tijolos, trabalhar na SOEICOM, nas fábricas, oito, dez horas por um salário para sustentar seus filhos, sua família. Aí estão o pai, a mãe, lutando, dando aula, vão prá cá, vão prá lá. Deus olha para isso e dói a Ele ver uma vida assim tão dura, tão difícil. Ele diz: -‘Ah, eu vou libertar esse povo, eu não agüento mais ver um povo querido, essa comunidade sofrer tanto’.

Mas como Ele vai libertar? Ele vai descer, pegar o povo e arrancar? Não, vai agir através, por meio de Moisés. Moisés são os médicos, os professores, os pais, as mães que vão tentar redimir e salvar as pessoas que sofrem dentro de suas possibilidades. Também Moisés é limitado. Também Moisés não podia tudo. Moisés também tinha seus braços atados. O faraó não vai ouvi-lo uma, duas, dez, vinte vezes. Moisés irá várias vezes. Ele era gago, não falava direito, então levava o seu irmão Aarão para falar, discutir com o faraó. E discutia e lutava. O faraó dizia não.

São anos que passam e Deus olhando para o povo. E como é que Deus aparece a Moisés? Num sonho. Olha que beleza! E diz: -‘Moisés tira a sandália, porque essa terra é santa’!, como fazem os mulçumanos. Eles não entram calçados nas mesquitas, deixam o sapato na porta. Nós temos que nos descalçar para entrar nessa Igreja. Não os sapatos. É simbólico. Descalçar de tanta bobagem que trazemos na cabeça, de tanta curiosidade, de tanta cabeça olhando para os lados. Tirem as sandálias dos pés, gente! Por que trazemos tantas ‘sandálias’ na cabeça? Assim não podemos pisar o chão de Deus. Para pisar este chão, nosso coração precisa estar leve, livre.

E Moisés teme, mas nós não tememos, porque sabemos que nosso Deus não é de medo, não é de relâmpago. Ele não cobriu o Horeb ou o Sinai com aquelas nuvens violentas, com fumaças e raios. Nosso Deus é suave, é doce, em forma de pão, em forma de

vinho - símbolos. Qualquer um de nós pode pegar, pode comungar, pode subir ao altar, pode olhar. Ele se deixa ver, Ele se entrega.

Mas não devemos esquecer essa Terra Santa. Temos que tirar as sandálias e temos tantas 'sandálias' para tirar! Tirar as sandálias é limpar-se, é purificar-se, é despojar-se, é estar diante do Mistério, daquele fogo que não consome, que está sempre queimando, sem nunca acabar. É o fogo- mistério.

E o nome?! Olhe que coisa linda! Primeiro tinha um nome: Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó, mas esse nome não diz tudo. E Moisés disse: 'Eu quero saber seu nome'. Mas nome para o judeu não é como no nosso caso. Não é Marcelo, não é Jorge, não é Antônio, não é Maria, não é Tereza, não é isso. Não são esses nomes. Para o judeu nome significa a natureza profunda da pessoa, suas relações, seu mistério, sua grandeza, seu sonho, suas esperanças. É isso que Moisés queria saber: 'O que é que você quer, Javé? Que você vai fazer? Como você age, como você pensa?'

Isso é que é nome. Nome é muito mais que uma nomeação, que um escrivão anotou e ficou lá na certidão de nascimento. Nome é toda a nossa realidade, toda a nossa essência, toda a nossa consistência, a nossa totalidade. Isso é nosso nome. Para falar o próprio nome, você precisaria mais que voz.

Um teólogo evangélico americano chama HISTÓRIA MESTRA(*). Se você fosse contar a história da sua vida, com qual palavra você começaria? A gente sempre começa a falar: 'Eu sou!' Começamos a contar quem somos: 'nasci em Belo Horizonte, no dia tal'. Isso é pobre. Eu sou meus desejos, eu sou aquele que quer pensar, fazer um trabalho sobre as relações profundas, econômicas, políticas. Eu quero pensar o Brasil, eu quero sonhar um Brasil melhor. Eu quero um mundo sem violência, não quero ver trens explodindo, matando milhares de pessoas em Madri(**). Eu quero ver as pessoas olharem, sorrirem. Eu quero também estar ao lado de quem sofre, quando um câncer atinge a família, uma pessoa querida. Eu quero estar ao lado, misturar minhas lágrimas às dos pais, às dos irmãos. Eu quero captar o sofrimento, eu quero captar o mundo.

Como Teilhard de Chardin, que uma vez estava sozinho na China, não tinha pão nem vinho. Ele era sacerdote e queria celebrar a missa. Não podia celebrar, pois não tinha pão nem vinho. Ele pegou a patena e disse: 'Vou colocar nessa patena todas as vidas e todas as histórias, todo esse processo evolutivo que é cheio de vida, que explode em vida, que são essas crianças pequenas que correm e brincam na igreja'. Tudo isso ele colocou na patena e ofereceu para Deus. Depois pegou o cálice e disse: 'Vou colocar aqui todas as dores, todos os sangues, todas as mortes de milhões e milhões de pessoas. E vou celebrar a grande missa cósmica para Deus'. Amém.(13/03/2004)

(*)referência ao teólogo Fowler, autor de 'Estágios da Fé

(**)referência ao atentado de 11.03.04

COMO JOÃO BATISTA ESPERAVA JESUS (Mt 3,1 12)

Na liturgia de hoje eu queria chamar a atenção sobre o contraste entre o resumo que João Batista faz daquilo que o judeu normal pensava de Javé, de Deus e do Enviado de Deus.

Se perguntassem ao judeu normal, ele diria mais ou menos o mesmo que João Batista. Era a opinião pública daquela época: Javé era severo e Javé mandaria o seu Messias para limpar o povo.

Nós, os mais prolectos, devemos nos lembrar da década de sessenta, quando o Brasil tinha entrado também numa das infinitas ondas de corrupção. Aí apareceu um candidato à Presidência da República chamado Jânio Quadros que tinha como símbolo a vassoura e dizia que vinha varrer a corrupção. O povo votou nele e ele foi eleito. Só que o varreram depois de seis meses. Então a idéia é antiqüíssima em todos os povos: precisa-se de alguém para limpar! Vocês lembram que há alguns anos atrás também veio lá das Alagoas alguém animado a limpar o país? A grande pregação dele era acabar com a corrupção do país.

João Batista acreditava na idéia de que Jesus vinha para varrer toda a corrupção que havia naquela época e o símbolo era naturalmente agrícola, já que ele vinha de uma cultura agrícola. É o símbolo daquele que vai colhendo o trigo, separa a palha - palha que é tudo que é ruim e fraco - e a queima. E ele diz que este fogo não se extinguirá nunca. Aí está a tradição da Igreja de sempre se valer do fogo para exprimir ou simbolizar a tradição do inferno. E uma das idéias de que os pregadores antigos gostavam muito era ameaçar o povo com o fogo do inferno, utilizando aquela imagem assustadora: o globo terrestre todo de bronze. Durante mil anos viria um passarinho e daria uma bicadinha. Quando acabasse esse bronze estaria começando o inferno. Os fiéis tremiam. Assim também imaginava João Batista.

Agora comparem com o que celebraremos no próximo dia vinte e quatro. Nasce uma criança pequenina, chorando, lá numa gruta. Nasce de uma mulher simples, provavelmente analfabeta, com o pai carpinteiro, pobre. Comparem com a mansidão de Jesus: quem não tiver pecado, atire a primeira pedra! É muito misterioso!

Parece que a humanidade tem vontade de julgar, de limpar, de castigar. Agora mesmo tantas pedras são jogadas nas vidraças do “seu Lalau” (*). Cada um jogando a sua. Isso é humano, está na Bíblia, mas no Antigo Testamento, até João Batista.

João Batista ficou tão assustado com Jesus que entrou em crise. A ponto de mandar os seus discípulos perguntarem a Jesus se Ele era mesmo o Messias, pois Ele não era nada do que se esperava. Eles esperavam que Ele xingasse, limpasse. Mas ao contrário, Ele perdoava, acolhia as prostitutas e publicanos, comendo com eles, fazendo festa, escolhendo os apóstolos entre homens rudes. Ele estava atrapalhando tudo! Eles não entendiam nada da última realidade do coração de Jesus!

Os profetas já haviam revelado um pouco do coração de Deus. Deus é justo. Ele sofre com a injustiça, mas o íntimo do coração de Deus quem revelou foi Jesus: é o perdão, a misericórdia, é o pequeno de braços com os pobres.

Assim este Evangelho nos faz perceber o choque entre o fogo inextinguível e Jesus, que abre os braços pequenos de criança, porém maiores que o universo, para acolher a todos. Amém.(2000)

(*referência ao Juiz do TRT/SP, Nicolau Santos Neto.

BEM-AVENTURANÇAS EM LUCAS (Lc 6, 17-26)

Mateus faz Jesus subir a montanha com os apóstolos, sentar-se no alto e oferecer-nos a nova Lei. Quem é que deu a Lei para o povo de Israel no alto da montanha? Moisés. Mateus quer mostrar que Jesus é mais que Moisés. Se Moisés entregou a Lei no alto da montanha, Jesus também vai entregá-la no alto da montanha. Se Moisés recebeu a Lei de Deus, Jesus vai fazer, Ele mesmo, a Lei. Ele é mais: não recebe, Ele dá. Moisés fica de joelhos diante de Deus, Jesus assenta-se. Moisés está sozinho, Jesus está cercado pelos seus apóstolos, símbolo do povo de Israel, símbolo da Igreja toda. Mateus falava para o povo de Israel. Então tinha que fazer esse jogo simbólico entre Jesus e Moisés. Porque Moisés é o grande líder e para dizer que Moisés era muito, teve que dizer que Jesus era mais. É como se alguém gostasse muito de futebol e dissesse que aquele jogador joga mais do que Pelé. Você pega um mito e diz que ele é mais que esse mito. Ele é o máximo.

Lucas já não tem essa preocupação. O sermão da montanha em Lucas é o sermão da planície. Ele fala para nós, pagãos. Nós que viemos de outras prosaicas estirpes, que não viemos do povo de Israel. E para dizer que Ele fala para o mundo inteiro, que lugar é melhor que a planície? Porque a planície não tem limite, pode-se imaginá-la infinita.

Lucas então faz Jesus falar para todos os povos, portanto para nós que estamos aqui. Por isso ele faz Jesus descer. Os apóstolos descem a montanha, saem do mundo fechado de Israel e abrem-se para o mundo inteiro.

O cristianismo não é uma religião fechada, não é uma religião de gueto, não é uma religião de um povo, de uma raça. Supera a raça judaica, supera os povos romano e grego. O cristianismo é universal. Lucas é o homem universal, de cabeça mais ampla, mais aberta, mais arejada. Por isso ele fala para todos - por isso o sermão da planície.

Lucas também modifica as bem-aventuranças. Se quisermos ser mais exatos, ele aproxima-se mais do que Jesus falou e Mateus é que modifica. Portanto esse Evangelho de Lucas é mais próximo da palavra de Jesus.

Foi certamente um sermão muito importante. 'Bem-aventurados os pobres/ai de vós, ricos. Bem-aventurados os que têm fome/Ai de vós que estais saciados. Bem-aventurados os que choram/Ai de vós que riem'. Lucas coloca muito forte esse jogo. São menos bem-aventuranças, porém mais radicais, mais fortes. É um pouco a jogada de Lucas.

O seu Evangelho é muito interessante porque de um lado mostra Jesus o mais misericordioso possível: é ele que conta a parábola do filho pródigo, da ovelha perdida, da *dracma*, da moedinha perdida. É ele que fala das mulheres, é ele que fala da ternura de Jesus, é ele que fala do coração de Jesus que se derrama para as pessoas. Ao mesmo tempo, é ele o mais rigoroso no seguimento: 'larguem tudo, deixem tudo'. Ele é o mais severo em relação ao desapego da existência. Ele joga com essa temática para dizer que perdão e misericórdia não querem dizer moleza, não querem dizer condescendência, mas sim compreensão da realidade humana.

E é essa a missão para vocês, pais e mães, jovens mais esclarecidos. Muitas vezes pensamos que bondade e misericórdia é ser tolerante com qualquer coisa. Não! É compreender o que erra, mas ser severo com o erro. E isso é difícil, principalmente para nós brasileiros. Nós temos muita dificuldade de entender uma pessoa severa, que muitas vezes nos repreende, porque achamos que amar é tolerar. Uma coisa errada é errada, o que não está certo, não está certo. Eu compreendo o que erra, mas sou severo a respeito do erro.

É isso que Lucas quer ensinar pra gente: com a mesma misericórdia que Jesus ouviu e acolheu aquela prostituta, aquela mulher colhida em adultério, que Ele contou a parábola do filho pródigo; com essa mesma bondade e misericórdia, Jesus é severo. Jesus exige, Jesus pede, Jesus insiste. Porque Ele sabe que só assim seremos felizes. Não porque Ele quer ser rigoroso por Ele mesmo, mas porque sabe que se não tivermos um norte, nós não estaremos norteados; se não tivermos um oriente, nós não estaremos orientados. Nós precisamos de um norte, isto é, de uma bússola que nos aponte um caminho, de um oriente onde o sol nasce e ilumina. Se formos para a escuridão do ocidente, se ficarmos no frio do sul, como poderemos conhecer o caminho do bem, da verdade e da beleza? Amém.

BEM-AVENTURANÇAS EM MATEUS (Mt 5, 1-12)

Esta página deveria ser escrita em pedra e colocada diante de nossos olhos para que pudéssemos, olhando para ela, aprender sobre como iríamos construir nossa sociedade.

Não são bem-aventuranças somente para o interior do coração de cada um. São frases que Jesus diz para moldar a vida, as relações humanas, a sociedade, as relações na família, na escola, no trabalho. É para orientar toda a nossa história porque nós, seres humanos, desde que temos a noção de cultura, de história, sempre buscamos juntos, a felicidade.

Os gregos, cinco, seis séculos antes de Cristo, já começavam a falar em bem, espírito. A felicidade para o grego era fruto da mente, do espírito, da forma de pensar, da intelectualidade. Os gregos sempre foram “muito cabeça” – pensavam bem, tinham idéias bonitas. Para eles, Platão vai colocar a felicidade como a contemplação das idéias, da beleza, do esplendor, de todos os conceitos de bondade e justiça. Para eles, a alma era a parte mais importante do ser humano. Imaginavam que depois da morte essas almas, de certa maneira encarceradas pelo corpo, escapavam e voltavam a contemplar a beleza. Como vêem, eles estavam muito fora da realidade.

Jesus era muito mais real, pé no chão. Olhou no olho das pessoas, olhou o sofrimento das pessoas e começou a observá-las. Começou a perceber que os violentos, os impuros, os avarentos, aqueles que perseguem os outros têm um coração amargurado, um olhar feio, um rosto triste e não são felizes. Ele começa a olhá-los e diz: -‘Bem-aventuradas essas pessoas simples, que se desprendem das coisas, que não estão agarradas às coisas’.

A história da cultura conta que o primeiro ministro francês, um cardeal já velho, sai por seu palácio abraçando as estátuas porque sabia que, morrendo, iria perdê-las e por elas tinha grande apego. Ele achava que, agarrando-as, as carregaria consigo. Pobre cardeal, apegado à coisas materiais!

E Jesus diz: -‘Bem aventurados os pobres de espírito, desprendidos, os limpos, os livres!’ Quem é livre é feliz. Quem é agarrado, apegado fica perdido, preocupado, com insônia, toma remédio, acorda, começa a dormir, acorda de novo. Vive tomando milhões de pílulas para ver se consegue vencer a mágoa, a tristeza profunda. E Jesus diz; -‘Bem aventurados os simples!’ Esses podem sair tranquilos porque não têm nada para perder.

Gandhi, que não era cristão, mas um homem de uma humanidade enorme, contemplando toda essa beleza da misericórdia, da paciência, chega a dizer uma coisa que, para nós ocidentais, nos escandaliza. Ele diz que a vaca é um símbolo porque é tranqüila, serena e nos ensina a sua paz. Por isso os indianos até hoje, não matam, veneram a vaca. Porque vêem nela uma espécie de humanidade primitiva. Nós homens, que temos inteligência, que temos humanidade, muitas vezes somos violentos.

E Jesus diz: -‘Bem aventurados os mansos, porque esses sim, possuirão a terra!’ Mas não a terra como bem material. Mas a terra como bem de Deus. É o projeto salvador

de Deus, o projeto construtor de uma sociedade justa. É a terra que nós devemos possuir, não alqueires e alqueires de terra que nunca vão nos trazer felicidade.

E assim vai Jesus descrevendo os caminhos até chegar na misericórdia - a primeira coisa que devemos buscar. -‘Bem aventurados os misericordiosos!’ Nós precisamos ter misericórdia para com nós mesmos. Há muita gente que não tem misericórdia consigo. Vivem atribulados, acabrunhados, tristes, culpando-se continuamente. Uma das coisas que mais pesa e mais faz as pessoas sofrerem é o complexo de culpa. Muitas pessoas buscam uma vida ativa para superar esse complexo de culpa, porque têm que dar satisfação aos outros, têm sempre que explicar porque fazem as coisas. É um complexo terrível que vive perseguindo a humanidade. Quantas vezes você tem que dar desculpas às pessoas por aquilo que faz?!

E nesse contexto, como é importante a misericórdia! Misericórdia com a fraqueza dos outros, com o limite das pessoas, com suas impossibilidades, com a lentidão da história. A história é lenta. Nós gostaríamos que o Brasil resolvesse seus problemas e às vezes, temos que ter misericórdia até com a história. Até ela merece a nossa misericórdia. Como é que podemos pensar, como é que podemos construir uma sociedade nova, se temos pressa demais, se não somos capazes de olhar a lentidão dos processos humanos?

Jesus nos deixou essa página para que possamos construir uma sociedade melhor. Amém.

TRANSFIGURAÇÃO – A FESTA CONTÍNUA (Lc 9,28-36)

Vamos começar tentando desvelar esse bando de símbolos que Lucas nos coloca. Em primeiro lugar Jesus vai para um monte alto – montanha: símbolo de Deus, proximidade com o céu, onde vemos e admiramos as coisas lá em baixo - as planícies, as baixuras, as baixezas da vida. Montanha, o alto. Lá embaixo formigam as realidades. Montanha: silêncio, recolhimento, mistério.

Jesus na montanha. Quem Ele é? É o Jesus humano, físico, terrestre, corpóreo. É esse que os apóstolos viram subir ofegante, cansado. De repente o Mistério do Senhor aparece. Claro que aparece na fé, não aos olhos físicos. De repente os apóstolos – e aqueles mais próximos: Pedro, Tiago e João – os mesmos que vão ver a Paixão, aqueles que seguiram Jesus tão juntinho. De repente...

Será que esse Homem é só terrestre? Será que o que Ele fala é só para agora? Será que Ele morrendo, acabará como todos nós? Eram as dúvidas que eles carregavam. Será que estamos perdendo tempo em seguir esse Homem por tantos anos? Nós, que deixamos muitas vezes as nossas famílias ou as visitamos tão pouco para podermos estar com esse Homem?! Será que tudo isso é um engodo, um engano, uma trama? Será que todos estamos iludidos e enganados? Jesus responde: -‘Não, Pedro. Não, Tiago. Não, João. Vocês acertaram’.

E o que Ele fez? Revelou um pouquinho daquele mistério interior que Ele trazia. Diz um texto clássico que Ele transfigurou-se. Transfigurar é palavra latina. Trans: para além da figura. É como se eu jogasse para fora, para frente, todos os sonhos, todos os desejos, tudo que pensei, tudo que realizei. De repente, tudo seria um imenso mar.

De vez em quando a gente encontra algumas pessoas que parecem transfiguradas. Que projetam para fora de si a sua interioridade, seus vinte, trinta, quarenta, cinquenta anos de vida. De repente tudo se volta para fora. Não precisa ser nada extraordinário, nenhum milagre. É a vida que transborda, sai pelos olhos, pelo rosto, pela alegria, pela festa. Transfigurar...

Quando Jesus transfigura, o que pode transbordar? Só pode transbordar essa paixão imensa para com a humanidade, essa paixão imensa por nós, o desejo imenso de que todos os homens e mulheres sejam felizes, esse desejo de chegar a cada um de nós.

Então diz Lucas que Ele começou a conversar sobre sua caminhada. O texto original diz o seu ‘ÊXODO’. Olhe que para o judeu êxodo lembra Egito – sair do Egito. Jesus tem seu êxodo. Ele sai – Ex-odos. Odo é caminho. Ele se arranca do caminho. Ele se arrancou do caminho, de sua comodidade, de seu aconchego em Nazaré, de ficar junto com Maria, conversando com os amigos. Arrancou-se para caminhar. Caminhar para onde? Para Jerusalém. Para quê? Para entregar a Sua vida. Para quê? Para que possamos viver. Para quê? Para que essa Vida ultrapassasse a vida.

E Ele fala, Se mostra na Sua glória, na Sua conversa. Ele mostra o caminho. Esse é Jesus. Pedro - nós – se deitou sem entender, perdido. O mistério do Senhor é grande demais. A gente fica sem saber, aí dá sono. A gente fica aborrecido. Por que isso? Porque

não atinamos, não tocamos. E haverá uma hora em que despertaremos. Não um despertar de um sono físico. Quando os discípulos tomam consciência de que é o Senhor, ficam fascinados e não querem mais sair. -'É bom estarmos aqui!'. Olhe o salto: o salto do sono para o não querer ir embora. O salto da pressa de ir embora para casa e sair disparado. 'Não, queria que essa missa não acabasse'.

Até hoje eu me lembro, meus idos anos de juventude, quando estava na Europa, no festival de San Remo. Festival de San Remo é uma espécie de grande festival de música na Itália. Todo mundo pára, liga a televisão. Aí se apresentou um daqueles cantores famosos e ele dizia essa frase que nunca mais me esqueci: "Que o baile, que a dança, que a festa não terminem nunca". Era o desejo que aquele jovem trazia: que a vida fosse um baile. Mas só que o baile, a festa que ele sonhava acabou. Mas o baile, a festa que o Senhor anuncia em Sua missão, não acaba nunca. Amém.(06/03/04)

TRANSFIGURAÇÃO: FORÇA PARA O SOFRIMENTO

(Lc 9, 29-36)

Quando ouvimos uma leitura como esta, nós imaginamos que é uma descrição. Estamos habituados a esse mundo de informações e não ao mundo dos símbolos, ao mundo das parábolas, das metáforas. Esta é uma grande metáfora. É uma grande comparação. É uma grande estória, como diria Guimarães Rosa, mas de tal profundidade, que ela é realidade.

Em que consiste essa estória? Sabe o que se passa conosco, seres humanos, quando caminhamos na vida? Assim era a comunidade para a qual Lucas escrevia.

O cotidiano é pesado, é cinzento, é cansativo. As preocupações, os aborrecimentos, as flutuações dos nossos ânimos – ora somos felizes, ora somos tristes, ora recebemos boas notícias, ora recebemos más notícias. Esse dia-a-dia acaba sendo pesado para nós. Nós sonhamos, não só de noite. Os sonhos mais importantes são os diurnos, são esses desejos que temos. Nós precisamos de uma asa que nos jogue mais longe, para que vejamos mais alto, porque o dia-a-dia é muito pesado: sofrimentos em casa, com a família, deixam-nos nervosos. Claro que tem a solução americana: você vai na farmácia, compra os remédios, os *prozacs*, e você tem as alegrias químicas. Mas a alegria química tem o tamanho da química e nada mais. São substâncias externas ao coração, externas à alma, externas ao espírito. Nós precisamos de uma força maior, de uma alegria maior.

Então Lucas diz; -‘Comunidade, não tenhais medo!’ E projeta para dentro da vida de Jesus aquilo que vai acontecer mais tarde. Tece um Jesus, um Jesus que hoje é assim, mas que não foi assim na Palestina. Na Palestina, Ele veio com aquele corpo, com toda dor e sofrimento, com esse cotidiano. Aí Lucas disse: ‘Não! Vocês vão ver agora o vislumbre, uma espécie de prelibação, uma certa antecipação do fim’. Porque só isso é que nos dá força. Se nós não sabemos qual vai ser o fim, nós teremos medo de enfrentar os meios, o caminho. Lucas tece, descreve, pinta para onde caminhamos, não onde estamos, não onde vivemos, não onde sofremos, mas para onde chegará a nossa caminhada definitiva.

Diz Paulo que não somos cidadãos definitivos nesta Casa – cidadão, palavra tão bonita. Nós temos uma cidadania maior. Lucas pinta essa cidadania para que a gente possa vivê-la. Não para fugir, mas para ter ânimo. É como um motor que precisa de gasolina para andar. A gasolina é gasolina, mas é o motor que faz o carro andar. Somos nós que andamos, andamos pelas estradas da vida, pelos caminhos da existência, mas precisamos desse ânimo, dessa força, dessa coragem.

Aí está Jesus, glorioso, triunfante para dizer: ‘Vocês sabem o caminho para onde estão indo, mesmo que estejam nas trevas!’ Amém.

TENTAÇÕES EM LUCAS - (Lc 4, 1-13)

Quanto mais temos uma concepção da grandeza de Jesus, de Sua divindade, Ele, o Verbo Eterno, o *Logos*, mais sustos levamos ao vê-Lo submetido às tentações do demônio. Por que isso? Que significa isso? Jesus sendo tentado, tentado pelo diabo, pelo demônio, diz Lucas.

Nós guardamos essa idéia de que o demônio é o grande símbolo de todo o mal que existe no mundo. Ele é a não-pessoa, ele é o mal que muitas vezes nos chega através de tantos outros bens. Através das televisões, de imagens, de discursos de outras pessoas, de solicitações, de frasezinhas, de deboches de um amigo. Esse é o demônio que atravessa a história humana por todos os lados. Não é preciso imaginar o demônio de chifre, de rabo. Isso é imaginação. Ele é o mal que penetra invasivo e atravessa todas as coisas, atravessa sem que nós o percebamos, atravessa o nosso coração.

Os analistas falam muitas vezes de inconsciente, outros falam de *id*, dessa pulsão que temos. Chamem como vocês quiserem. Nós seres humanos somos confrontados com o mal. Essa é outra realidade da qual ninguém escapa, nem Jesus.

E como apareceu? Essas explicações são simbólicas. O demônio não mandou transformar pedras em pão, ou adorá-lo, ou pular sem pára-quedas do alto do templo. Claro que não é isso! Lucas, assim como Mateus, também pegou esses três exemplos simbólicos da nossa vida, sinais de nossa existência. Senão vejamos:

O que é transformar pedra em pão? Quando é que nós transformamos pedra em pão? Para eu transformar pedra em pão é necessário que eu trabalhe numa pedreira, que eu faça muito esforço, que eu ganhe um salário com o meu suor. Todo trabalhador transforma pedra em pão: a pedra do trabalho, das aulas que vocês dão se transformando em salário. É isso que Jesus disse, porque vocês passaram pelo tempo. Passar pelo tempo é ser mãe. Vocês não se transformam num instante. Exige tempo. O que é tentação?

A tentação é querer saltar a história, é querer, de um instante pra outro, ganhar muito dinheiro para não precisar fazer mais nada. Essa é a primeira tentação. Eu costumo comparar: é chegar ao *podium*, é ser um Ayrton Senna sem nunca ter corrido, é ser um grande jogador de futebol sem nunca ter treinado. É entrar num campo e já ser um grande jogador. Esse é o sonho do brasileiro, encarnado talvez numa palavrinha: megasena - aquelas filas imensas quando está acumulada. Um papelzinho que, de repente se transforma numa imensa fortuna. É a grande ilusão da história. Será que Jesus quer que não tenhamos pão? Não, mas o pão passa pelo suor, pela luta, pelo esforço.

Segunda tentação, que é a terceira em Mateus: 'se caíres de joelho, eu te darei tudo'. Essa talvez seja a maior tentação. Nós entraremos agora numa campanha política. O poder sempre atrai as pessoas, mas há bondade no poder? Sim e não. Então por que Jesus condena o poder? Ele não condena. Ele diz assim: que o último seja o primeiro, aquele que quer se destacar, sirva. Agora aqui é o contrário. Eu não quero servir a ninguém, eu quero o poder. Hoje à tarde, num curso de Espiritualidade, lembramos que quando um se faz absoluto, todos os demais se tornam relativos. Isso é tentação. E forte, e sutil. Toda

vez que você entra numa festa, você faz tudo girar em torno de si. Comprou vestidos e jóias tão bonitas que quando entra no salão, todos têm de olhar. Para quê? ‘Te darei todas as coisas, se prostrado me adorares’. Se pudesse, toda a sala ficaria de joelhos e você ficaria no meio, ofuscando todo o resto. Jesus diz o quê? Os dons, os talentos, o que eu sou, a minha beleza, a roupa bonita que eu tenho é para que os outros sejam felizes e não para que eu seja o centro de todas as coisas.

Terceira tentação de Jesus: por que Lucas deixou para o final? Porque para Lucas tudo converge para Jerusalém. Jesus foi criança no templo de Jerusalém. Para lá converge Sua tentação, Sua morte, Sua ressurreição. E de lá saem os cristãos para evangelizar o mundo. Jerusalém é sempre o centro para Lucas. A terceira tentação é assim a mais séria. Ele O leva para Jerusalém, para dizer que aí o Senhor é testado. Qual a tentação de Jesus? Lançar-se do pináculo do templo. Quantas vezes neste nosso cotidiano, queremos nos lançar dos pináculos dos templos? E quando fazemos isso? Quando pedimos que Deus faça o que não fazemos. Ele trará os anjos, ele tirará as pedras e não vai nos machucar. Essa tentação é muito dos católicos. Dos evangélicos, menos. Nós temos que purificar mais a nossa fé. Toda vez que eu quero que Deus faça aquilo que eu não faço, por preguiça, é tentação. Porque Ele nos deu os braços, as pernas, a língua, o olho, a inteligência para nós usarmos, e não para Ele fazer as coisas. Deus não é um grande mágico. Imagine se Jesus descesse do pináculo do templo como um *Batman*, com aquela túnica flutuando sobre a cidade? Impensável! Nunca Jesus pedirá que Deus faça alguma coisa que Ele tinha que fazer. Nem tirá-lo da cruz o Pai tirou. Quando os que estavam lá diziam: “desça da cruz para que vejamos que Tu és o rei de Israel” - Ele não desceu, ficou preso. Não desceu, ficou lá. É isso. Somos tentados a pedir que Deus fique no nosso lugar e que não precisemos fazer nada.

Vamos abraçar a nossa luta e Deus arregaçará as mangas conosco.
Amém.(28/02/04)

O BEM E O MAL: TENTAÇÕES (Gn 2, 15-24/Mt 4,1-11)

Esta primeira leitura foi entendida durante muito tempo de uma forma muito equivocada, o que atrapalhou os cristãos de perceberem a profundidade deste texto. Alguns entendiam que a descrição do paraíso terrestre era uma narração. Portanto uma descrição, como se Deus tivesse revelado a Moisés a maneira como Ele criou o céu. Depois vieram as ciências e disseram que nada disso aconteceu, que o mundo não foi criado em sete dias, que houve sim, uma grande explosão e dessa explosão saíram milhões de galáxias que foram se esfriando até chegar a Terra, através de quinze bilhões de anos.

Hoje sabemos disso pela ciência. Parecia que a fé e a ciência entravam em contradição. Naturalmente em razão de nossa ignorância em entender uma das páginas mais lindas da história das religiões de todos os tempos.

É que o homem ,que escreveu esse livro chamado Gênesis, fez a seguinte pergunta. Ele olhou para o futuro, olhou para as realidades, viu muita injustiça, muita maldade, muito crime, muito sofrimento, viu seu povo pequeno ser massacrado e se perguntou: “Onde está a origem de tantos males?” É a pergunta que os budistas fazem, é a pergunta que se fizeram, séculos antes, as religiões do Irã. Há várias respostas. As religiões do Irã diziam o seguinte: ‘Ah, já sei, há dois princípios, um Deus bom que criou todas as coisas e um Deus mal que criou as coisas más’. E o povo ficou contente com esta resposta.

O budismo, que também é muito antigo – séculos antes de Cristo - vai dizer: “ Vida, desejo, sofrimento”. A vida gera desejos, os desejos insaciáveis geram sofrimento e se nós acalmarmos todos os nossos desejos, seremos tranquilos. Quando terminar todo desejo e nos perdermos no *nirvana*, naquele silêncio total, não seremos mais nós. Aí sim, acabará todo o sofrimento.

Mas o homem da Bíblia diz: ‘Temos que comparar o projeto de Deus e a realização dos homens’. Se não compararmos as duas coisas, nunca vamos entender o mal. O projeto de Deus ainda descreve o paraíso terrestre, não como uma realidade, mas como um grande projeto de Deus, sonhado pra você. Continua hoje o projeto. Aquele homem e mulher, não mais em conflito, nada de machismo, nada de dominação: homem e mulher numa unidade profunda. Quando ele diz que vem da costela, não quer dizer nenhuma operação, mas ele quer falar da igualdade maior. É do mesmo corpo, do mesmo sangue, da mesma carne. Qualquer dominação masculina não é do projeto de Deus. Um homem escreveu isto séculos antes de Cristo e só agora as feministas descobriram. Que atraso! O homem da Bíblia já sabia disso, dessa igualdade radical.

Coisa mais bonita ainda: aquele homem e aquela mulher simbolizando toda a humanidade, podendo passear na brisa da tarde e entrar em contato profundo com Deus. É o homem e a mulher que rezam e contemplam. É o homem e a mulher em relação com o Transcendente. Isto é o projeto de Deus.

Quantos de nós rezamos, quantos de nós temos intimidade com Deus? Alguns, e esse homem já dizia, milhares de anos antes: “Olha que beleza este projeto!”

Existem no paraíso muitas árvores, muitos frutos. A terra está aí, cheia de frutos,

mas há frutos que vocês não podem comer. A árvore da ciência do bem e do mal. O que significa isso?

Nós queremos, pela nossa vontade, decidir o que é verdadeiro ou falso, o que é bom, o que é mal e não aquilo de que falou o Transcendente, o Absoluto. São todas as éticas relativas, são todas as éticas hedonistas, são todas essas éticas que dizem do interesse maior do capital.

Não, não podeis fazer o interesse do capital ser o maior. Não podeis comer dessa árvore do bem e do mal. Quem diz o que é bem e mal é esse Deus que inscreveu dentro de cada um de nós, no mais profundo do nosso coração, esse anseio de beleza, de grandeza, de verdade, de bem. Esse Deus não quer que nós dominemos, que façamos o bem que quisermos, da forma que quisermos. Nele a verdade se impõe, não são criações nossas, elas transcendem. A verdade e o bem transcendem, e nós queríamos que o bem e a verdade fossem manipulados por nós, como são manipuladas tantas verdades. Por exemplo nas eleições, nos projetos políticos. Eles manipulam as verdades, eles comem dessa árvore proibida. Os homens e mulheres estão até hoje comendo essa maçã, que nem é maçã que nasce em árvore, é simbólica - que é o domínio do mal e não a acolhida do bem. Bem e mal são realidades que temos que olhar, analisar e discernir, não criar como bem entendermos. Porque o homem e a mulher não quiseram acolher o bem e criaram essa humanidade de sofrimento e de dor, que é a expulsão do paraíso.

É claro que não foram expulsos de paraíso nenhum. É o paraíso que não quisemos construir. Então construímos os nossos pequenos infernos, como os campos de concentração nazistas, construímos os *gulags* nos países comunistas - tanto lugar de morte. É isto que é a expulsão do paraíso. Não é lá não. Ainda hoje, estamos expulsando continuamente. E quando a Igreja escolhe a Campanha da Fraternidade, está mostrando exatamente que estamos expulsando do paraíso todos os desempregados.

Portanto, é uma leitura de uma densidade teológica enorme: saber escolher entre o bem e o mal.

E Jesus é tentado. Também, claro, não é tentado. Levado à montanha, quarenta dias em jejum, Ele teria morrido. Pois naquela época não havia soro, e certamente Ele morreria. Claro que não jejuou nem quarenta dias, nem quarenta noites - é simbólico. Nem foi tentado três vezes, Ele foi tentado a vida toda, como todos nós. Três é símbolo. E as tentações são muito bem escolhidas, como símbolo de toda a existência humana.

A primeira tentação: "transformar pedra em pão". É a tentação da alienação política, de não fazermos nada e rezar para que Deus mude a realidade. Não, nós é que vamos transformar as pedras em pães. Nós vamos transformar organizando, lutando pela justiça, trabalhando, criando possibilidades de trabalho, pois Deus não vai criar emprego. Essa tentação de Jesus é a tentação humana.

E a tentação do Templo? Essa é tremenda! 'Lançar-se do pináculo do templo'. É a tentação de nos valermos pela aparência. É a vaidade. Não essa vaidadezinha barata

de nos tornarmos mais bonitinhos. Mas é a vaidade terrível das pessoas esconderem a verdade, esconderem o bem, ser uma pura aparência. E hoje isto aparece mais grave nos meios de comunicação social que nos vedam, ocultam-nos a verdade. Por isso nos sentimos enganados pelas aparências. São os símbolos que falam e a realidade desaparece.

E mais forte ainda é a terceira tentação: “ eu te darei tudo, se prostrado me adorares”. É o poder absoluto, como já dizia Locke, pensador inglês: “Todo o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente”. Jesus já tinha dito muito antes que quando você adora o poder, quer o mundo inteiro pra si, você exclui todos. Vejam se a Palavra é ou não é ensinamento? Jesus foi tentado a vida inteira, assim como nós somos tentados pela preguiça, pela vaidade, pelo comodismo em cada dia de nossa vida. Amém. (1999)

ÁGUA: SINAL E SÍMBOLO (Jo 4, 1-26)

Evidentemente que esse Evangelho de João é extremamente simbólico, não é narração de um fato. O fato está por trás, mas Jesus joga com os símbolos.

Nós da cultura moderna, por causa da mídia, perdemos muito a sensibilidade para os sinais, para os símbolos. A filosofia distingue sinal de símbolo.

Sinal tem um sentido só. Se você vai andando pela rua, vê uma luz vermelha: é um sinal que o carro deve parar, senão você é multado. É sinal, só tem um sentido: - parar. Verde, pode avançar. Amarelo: atenção.

Símbolo permite muitos sentidos, porque as pessoas os vêem de muitos lugares e percebem os sentidos conforme a época, a cultura, o seu nível cultural, o desenvolvimento de sua personalidade. Uma criança percebe símbolos, mas como criança; um adolescente, como adolescente, um adulto, como adulto. E nós podemos desenvolver ou embotar a nossa capacidade simbólica. Se desenvolvermos, nós seremos muito mais felizes, porque os símbolos são das coisas mais bonitas que o ser humano tem. Símbolos da amizade, como o sorriso, o abraço.

Por que o abraço é um símbolo? Porque o abraço pode significar amizade, pode significar fingimento, pode significar que eu quero quebrar o outro numa luta corpo-a-corpo. Então um abraço tem muitos sentidos, não um sentido só: é símbolo.

Sorriso pode ser ironia, pode ser gozação, pode ser alegria, prazer em encontrar alguém, pode ser felicidade. Tem muitos sentidos: é símbolo.

Jesus joga com os símbolos e joga com dois símbolos fundamentais: água de poço e água corrente. E cito agora a leitura de um homem medieval, um poeta muçulmano chamado Rumi, que fala sobre três tipos de água: água de poço, água que passa num rio e água de uma fonte.

Quem são os poços? O que é água de poço? É uma água que pára, fica lá embaixo e ninguém pode usá-la, a não ser que jogue lá embaixo uma lata. Mas não é uma água comunicativa. O poço não comunica. Deixa-se usar, mas não comunica. Há muitos pais que, apesar da cultura ótima, dos valores muito grandes que têm, são poços. O filho não aproveita quase nada, pois está lá embaixo e há alguns poços tão profundos que os filhos nunca vão atingir. É pena morrer de sede ao lado do poço. Jesus mesmo mostrou esse fato: estava morrendo de sede ao lado do poço, com a água lá embaixo. Pensemos nisto. Quem de nós aqui é poço? É só pra si? Sua beleza, sua riqueza - pode ser material, pode ser psicológica, pode ser espiritual - não passa para ninguém. É poço. Geralmente as pessoas muito ricas são poços. Querem o que têm só pra si. São poços! Morrem de fome milhares de pessoas que estão ao seu lado. Poço não transmite, poço não comunica, poço não passa. O Brasil é injusto, porque tem muito poço. Muita gente que tem riqueza, que não transmite, que não passa. E começando pela família. Há pais que talvez não converssem nunca com os filhos. Não têm coragem, não sabem bater papo, não sabem passar experiência. Os pais de vocês foram adolescentes também, passaram suas crises, também tiveram suas dificuldades, mas não falam, morrem de vergonha de falar disso.

Então por que não colocar suas experiências para os filhos? Por que não falam? Por que as mães não falam para suas filhas? Elas foram adolescentes outro dia. Por que não falam? Porque são poços – água parada.

Outros são valeta, rio, leito de rio. São aqueles que comunicam mas ficam sem nada. Passam, e o que fica? Daquela água, nada. São capazes de comunicar, mas eles mesmos se esvaziam. Não retêm nada do que comunicam. Passam vida, sim, mas eles mesmos não vivem. São os ativos, as pessoas que vivem se comunicando, mas elas mesmas são vazias, são tristes, são frustradas porque só passam, mas não vivem. Quando envelhecerem e contemplarem a sua vida, lá do patamar dos sessenta anos, vão ver uma vida vazia. Passou muita coisa por elas, mas nada ficou. Não têm memória, não guardam, não retêm, só transmitem São os ativistas, os construtores, os trabalhadores que trabalham sem criar a si mesmos.

Jesus disse que quem acredita Nele é fonte de água viva. Olhem que imagem bonita! Fonte está sempre a jorrar, comunica, mas não acaba. É fonte, está nascendo sempre. Quem está sempre nascendo, tem sempre riqueza a comunicar e a riqueza que comunica não termina, pois é fonte e fonte é interminável.

São aquelas pessoas que transmitem alegria, beleza, sabedoria. É isso que o pai e a mãe deviam ser, é isso que vocês, adolescentes, podem pensar em ser para seus colegas. Olhem para os colegas de vocês. São poços? São rios ou são fontes? Quando a gente tem um amigo que é fonte é uma das coisas mais lindas da existência, porque ele está sempre a nos comunicar alguma coisa. Ele nunca perde o que comunicou, porque aquilo brota do seu interior. Nasce, porque ele é fonte contínua.

Jesus diz que aquele que crer Nele terá essa fonte que jorrará até a eternidade. Portanto, toda a vida. Por isso Jesus diz que essa fonte não termina porque vai até a eternidade. E o que vai jorrar é a fé, é a beleza, é a alegria, é a participação, é tudo isso que nós vivemos numa celebração. Tudo isso é fonte porque mata a sede dos outros e mata a nossa sede e nós vamos continuamente transmitir isso aos outros interminavelmente. Amém.

LUZ: A CAMINHADA DA FÉ (Jo 9, 1-41)

De novo, estamos diante do Evangelho de São João. João trabalha em dois andares e a gente costuma entender sempre o primeiro andar. Temos muita dificuldade em enxergar coisas que estão longe. É próprio do ser humano.

Somos muito mais próximos das galinhas, que vêm as minhocas, do que das águias que voam longe e têm os olhares que atravessam os espaços e atingem até o sol.

Parece que gostamos de ficar olhando para bem perto de nós. Então João aproveita a ocasião e faz-nos ver bem perto, mas depois nos joga para frente, para que possamos ver alto.

De que se trata? Certamente narrava-se um fato especial, bonito, extraordinário de Jesus. Mas João quer mostrar muito mais. Uma espécie de caminhada pelo itinerário da fé. Ele quer dizer como cada um de nós chega até aqui. Nós todos somos cegos de nascença, todos – é isso que João quer dizer. Não é aquele cego, somos todos nós cegos de nascença e, como cegos de nascença, não podemos ver, mas podemos ouvir e essa é a verdade de quem ouve. Ouvimos o quê? Ouvimos a voz, ouvimos que falam de Jesus, ouvimos o barulho de Sua caminhada. E ouvindo, o cego quer encontrar-se com Jesus.

Olha aí o primeiro passo: ouvir. Por isso Paulo diz que a fé nasce do ouvido. Essa é a importância de nós estarmos aqui nessa celebração: para ouvir. Quem não ouve não tem condição de sair de sua cegueira. Quem fechou os ouvidos para qualquer palavra, para qualquer novidade, para qualquer anúncio do Evangelho não tem saída, porque o início é o ouvido, não são os olhos. Queremos ver, mas antes temos que ouvir.

E ouvir lentamente, progressivamente, paulatinamente, a palavra que vai nos explicando, que vai nos despertando, que vai nos acordando. Assim esse cego também ouve essa palavra e começa a conversar com Jesus até o momento em que ele pede a Jesus para ver. Jesus – não imediatamente - o atende. E aí faz lama. Parece que faz com que recuemos ainda mais. Éramos cegos, agora somos cegos com barro nos olhos. Ele joga barro nos olhos, fica mais cego ainda. Interessante isso, João é muito irônico.

Mas Jesus diz: “Vai lavar-te na piscina de Siloé”, que quer dizer, “Enviado”. Olha que ironia, que simbólico! Que é a piscina de Siloé? A pia, o batismo, é a lição do batismo. É lá que vamos curar a cegueira. Na época que João escreveu o Evangelho só se batizava em idade adulta, por isso nós não entendemos muita coisa no Evangelho. Ninguém era batizado quando criancinha. Eram adultos, pessoas que já sabiam, já entendiam, já podiam ser evangelizados, através do uso da razão. Depois de se lavar, depois que seu coração for tocado, aí é levado ao Siloé, isto é, ao Enviado. Enviado em grego é Cristo; em hebraico, Messias. Olhem que palavras bonitas: Cristo – Messias! Claro que é uma alusão ao batismo. É (texto de) João!

Agora, depois que a gente é batizado em Cristo vai ficar fácil? Aí começa a confusão dos fariseus.

Os fariseus daquela época eram o clero, os teólogos, os zelosos da Lei, mais cegos ainda. Porque estavam tão presos à Lei, que não sabiam descobrir a liberdade das pes-

soas. O fariseu olha a Lei e diz; -‘Este Homem fez barro em dia de sábado!’ Ora, em dia de sábado o judeu não pode mover uma palha – e como é que Ele fez barro? Os fariseus dizem: –‘Não é de Deus!’

Agora, vejam o consenso do batizado. Quem faz ver, quem dá a vida, quem constrói a pessoa por dentro? Pode ser outro, a não ser que venha de Deus? Alguém pode fazer o bem, se ele não vem de Deus? Olha que bom senso tem o cristão quando descobre a graça do batismo! Não é a Lei – dirá mais tarde São Paulo, para nós cristãos.

No dia em que descobriremos o amor, a beleza, a verdade, as leis desaparecerão, perderão a importância. Não importa se é sábado ou não é sábado. Não interessa. Eu sei que Ele é um profeta e porque é profeta? Porque fez ver. Quem faz o outro ver é profeta. Ele fez ver, seja em que dia for.

Os fariseus ainda insistem. Como é que o cego sabe que esse Homem é de Deus? Chamam os pais, que ficam com medo e dizem que não sabem explicar o milagre, mas sabem que aquele era o seu filho e nada mais tiveram coragem de afirmar. E aí os fariseus expulsam o cego da sinagoga, isto é, ele rompe com o seu passado.

O cristão, ao ser batizado, de certa maneira, rompe com certo tipo de vida cômoda, acomodada, uma vida sem seriedade, uma vida sem compromisso, uma vida sem valores, e entra para uma vida nova. É por isso que esse passo de romper é difícil. Porque se fica, de certa maneira, desprotegido. E aí aparece Jesus e pergunta: -‘E tu crês no Messias?’ Mas quem é Ele? Jesus responde: -‘É aquele que fez ver’. Jesus diz a cada um de nós: -‘Eu sou aquele que estou diante de você!’.

O Senhor vai estar diante de nós ao longo de toda a nossa vida. Ele nunca vai falhar. A certeza da Sua presença é que nos dará força para nos engajarmos cada vez mais nas nossas comunidades que construímos com a vista e o ouvido - os dois grandes sentidos da fé. Amém.

VIDA É MOVIMENTO DE DENTRO (Jo-11,1-44)

É tão bonito esse Evangelho, tão humano, tão realista, tão nosso, tão de hoje que, embora eu nem precise falar, é sempre bom tecer comentário. Vocês perceberam como João nos vai introduzindo para um mundo cada vez mais alto. Com a samaritana, falou da água; com o cego de nascença, falou da luz e agora Ele fala da vida.

Hoje eu queria conversar com vocês sobre a vida. Palavra que todo mundo fala. Em todas as línguas falamos a palavra vida. Mas sabemos que coisa é vida? Vocês já pararam um dia sequer e se perguntaram o que é a vida? Já fizeram essa pergunta filosófica? Pois Aristóteles perguntou-se e definiu a vida em poucas palavras: “vida é um movimento que vem de dentro”. Porque ele olhou para todas as coisas mortas e viu que elas não podiam se mover.

A pedra não se move, mas já as plantas se movem. Ele viu que a planta começava pequena, depois crescia, mas ninguém colaborava para isso. Ninguém puxava a planta. Ela crescia de dentro. Ele viu que os animais cresciam, olhava para o ser humano e via que também esse crescia. Então ele diz que tudo aquilo que cresce por dentro, de dentro, é vida. Tudo que só cresce de fora não é vida. As coisas se movem porque alguém as impulsiona, mas elas sozinhas não se movem.

Agora vamos aprofundar mais. Olhando para nós como é que vivemos? Quando de dentro de nós começa a nascer um movimento. Enquanto recebemos de fora, enquanto somos teleguiados, nós não vivemos. Quando vocês, jovens, são teleguiados por colegas, vocês não estão vivendo. São bolas de bilhar que rolam porque alguém deu uma tacada. Mas no momento em que vocês decidem, no momento em que tomam posição, quando vocês dizem: “eu quero! eu faço! eu penso! eu amo!”, aí vocês vivem. Nasceu de dentro. Vida: movimento que nasce de dentro! Quanta profundidade desse filósofo!

Agora, a nossa vida tem muitos andares. O primeiro andar, mais simples, é o andar biológico: importante, fundamental. É a nossa vida biológica. Mas a vida biológica nós partilhamos com os animais. É a mesma vida, e hoje ninguém mais se escandaliza com a idéia de que viemos deles. Um dia, há milhões de anos atrás, um símio um pouco mais inteligente, de repente, se chamou ser humano.

Mas o mais importante da vida é isso: quando essa vida biológica se torna presente a si mesma, isto se chama consciência. Consciência é a presença de mim mesmo a mim mesmo. Quando eu digo “eu”, eu sei que ontem eu era isso, que ontem eu fiz aquilo. A minha vida biológica aflorou ao nível maior, chegando ao nível da consciência, ao nível do ser humano, ao nível da liberdade. Essa é a vida maior que nós temos. E essa vida é muito próxima da vida animal. Nós vivemos passando de uma para outra. É por isso que hoje os psicólogos estão convencidos de que a maioria das doenças biológicas são psíquicas. Pessoa de cabeça ruim acaba com o corpo ruim. E pessoa que começa a trabalhar o corpo mal, também fica com a cabeça ruim. Por isso, dizemos: uma mente sadia num corpo sadio. Assim escreviam os romanos nas suas academias de esporte. Nós precisamos começar a trabalhar ao mesmo tempo o corpo e o espírito. Quando o jovem começa

a vacilar, ele começa a desvairar-se, e o corpo vai atrás.

Nós temos um estágio mais alto, em que a nossa vida é mais vida ainda. É quando nós nos abrimos para o infinito, sem limites. Porque nós temos a capacidade do infinito. Essa é a grande tragédia do ser humano: ser finito, capaz do infinito; ser pequeno, sonhar grande; ser localizado, amar o não localizado; ser situado, desejar o sem situação. Essa é a grande tensão que vamos carregar até a morte, porque jamais ficaremos satisfeitos com o aqui e agora. No dia em que ficarmos satisfeitos com o aqui e agora, renunciaremos à nossa humanidade, deixaremos de ser seres humanos.

Jesus diz: “Aquele que crê, jamais morrerá!” - é claro que vamos morrer, é claro que as doenças nos liquidarão. Mas o Espírito, terceiro nível de vida, esse não morrerá. A *bios* morre, a vida psíquica é mais livre, mas o Espírito não morre. Ele ultrapassa tempo e espaço, aqui e agora.

Esse é o Espírito, livre, vivo nesse Evangelho de hoje, na fé, na beleza, no amor do seguimento de Jesus, no carinho das lágrimas choradas, na presença da pessoa que sofre. Ele vai lá, até Marta e Maria, levar o consolo da presença. Aí o Espírito cativa. Amém.

LÁZARO: MILAGRE POR AMOR (Jo 11,1-44)

O nosso evangelista João é de uma beleza insuperável. Ele veio lentamente preparando-nos para esta página. Primeiro, nós lemos há alguns domingos atrás, que Jesus encontrara um cego de nascença e curou-o para que visse a verdade. Num outro Evangelho lemos que Jesus encontrou um coxo que não podia andar. Estava ali deitado, junto àquela piscina e Ele o curou com as águas. A partir daí teve a possibilidade de caminhar, de segui-Lo, de construir a sua história dentro do bem.

E agora a humanidade que antes era cega, a humanidade que antes era coxa, está salva. Lázaro é mais que uma pessoa, é toda a humanidade. Aquela humanidade pela qual Jesus se apaixonou, pela qual Jesus chorou, aquela humanidade pela qual Jesus sentiu uma espécie de sacudidela interior para poder ir ao seu encontro. Não é Lázaro uma pessoa, é muito mais que isso. Marta e Maria não são duas irmãs, são todas as mulheres que Jesus ama apaixonadamente. Lázaro mostra o quanto Jesus nos ama. Lázaro é Jesus e somos nós. Lázaro é Ele porque Ele quis nos substituir morrendo, Lázaro somos nós, porque estávamos mortos e agora estamos vivos.

João quis que nosso olhar fosse para muito mais longe e como é que Jesus ressuscitou Lázaro? Notem bem! O cego, Jesus encontrou por acaso, estava saindo da cidade. Do coxo, Jesus se aproximou. Lázaro, várias vezes o Evangelho fala, foi por amor. O que moveu Jesus foi o amor, a amizade. Várias vezes este Evangelho fez questão de dizer que o movente deste milagre não foi o acaso, não foi o encontro, não foi uma passagem, foi uma coisa trabalhada. O amor se trabalha. E como o amor se manifesta? O amor se manifesta fundamentalmente pela presença. E a presença, em dois momentos da nossa vida. Nós amamos quando estamos presentes nos momentos de alegria; nós amamos quando estamos presentes nas horas duras de tristeza. Esses são os dois grandes sinais de nossa vida. Há pessoas que estarão solícitas em nossas alegrias porque elas não têm ciúmes, não têm inveja. Elas se alegram com nossa alegria. Mas também são as mesmas pessoas que, no momento em que a dor se abate sobre nós, estarão do nosso lado, sendo um ombro para a nossa cabeça.

Se nós quisermos descobrir a dimensão do amor, nós temos que descobrir a dimensão da presença. Não há amor sem presença e a presença precisa entrar na vida do outro, na trama do outro. E Jesus entrou na trama dessa família, como ele entrou na trama da humanidade. O amor também só é amor quando ele pede uma atitude humana. Jesus estava longe – quatro dias de viagem – mas não é uma distância geográfica. A *lonjura* – Jerusalém – era a *lonjura* entre a morte e a vida, porque Ele sabia que Jerusalém era o lugar da morte e que Ele estava no lugar da ressurreição. Ir a Jerusalém, ir para encontrar Lázaro, encontrar Marta, encontrar Maria não foi uma viagem qualquer para Jesus. Foi a sua última viagem para a morte.

É isso, irmãos. Caminhar para encontrar uma pessoa morta, sabendo que a morte dela vai ser a causa da minha morte, é muito amor. Aí está toda a beleza. Não é um milagre que Jesus faz, distribuindo milagres à toa. Não, não procuremos milagres maravilho-

sos, fantásticos. Jesus não veio brincar, Ele não é mago, mágico. Nós não precisamos de maravilhas. Ele veio nos mostrar a gravidade, o peso, a seriedade do amor. É só o amor que nos move em direção às pessoas. E se nós, irmãos, quisermos melhorar um pouco a nossa humanidade, comecemos a olhar para cada pessoa, mas cada pessoa mesmo, com a mesma transparência como Jesus olhava.

E como é que a gente vê os outros com transparência? Fazendo somente esta pergunta: “Como eu posso ser bom para essa pessoa?” Nada mais. Não precisamos de palavras e muitas vezes não precisamos de gestos. Basta querer ser bom. Que as pessoas ao se aproximarem de nós, vejam a diferença. Vejam que não há espinho, não há defesa, porque, em geral, nós cruzamos os braços, nos afastamos para que as pessoas não cheguem até nós. E é por isso que elas não percebem que nós as amamos. O dia em que a gente começar a amar, a gente começará a perceber que se vai chegando cada vez mais próximo, para que as pessoas não se sintam rejeitadas, discriminadas, separadas.

O amor é próximo, o amor é gratuito, o amor é presença. Amém.(16/03/02)

JESUS ASSUMIU NA LIBERDADE (Jo 12, 12-19)

A liturgia de hoje cruza dois sentimentos: a entrada de Jesus em Jerusalém e o início da semana santa, como se nos convidasse para que mergulhássemos num túnel escuro. Mas como nós reviveremos a Paixão ao longo destes dias, vou tomar como reflexão o evangelho da entrada de Jesus em Jerusalém.

Obviamente, parece que o evangelista quer dizer que Jesus tem uma entrada gloriosa, mas acho que não é isto. Não é bem uma glória uma entrada num jumento, não é nenhuma glória cercar-se por um grupo de amigos e ser aplaudido. Creio que o Evangelho quer dizer algo mais profundo.

Jesus está entre dois grandes modelos de compreensão, ambos equivocados, apesar de estarem muito retidos em nossa cabeça.

Primeiro Jesus pode ser entendido como herói, o herói grego. Quem conhece um pouquinho as tragédias gregas sabe disso – Édipo rei, por exemplo. Havia o destino que pesava sobre o herói grego. Ele tinha que cumprir uma missão e essa missão sempre era – daí a palavra tragédia – trágica. Édipo acabou por cegar a si mesmo. O povo grego quando via uma tragédia, ficava esperando saber qual o destino fatídico que o herói teria que suportar. E um destino que ele não sabia. Um destino que sempre trazia coisas opostas ao que ele quis. Édipo acabou matando o seu pai, casando-se com sua mãe, sem saber que era seu pai, sem saber que era sua mãe.(*)

Muitas vezes nós apresentamos Jesus como esse grande herói que assume a cruz, que caminha destemido, entrega sua vida, como se Ele estivesse cumprindo um destino. Engano. Jesus é muito mais humano, muito mais próximo de nós que um herói grego. Quando os gregos assistiam às comédias ou às tragédias nunca se identificavam com o herói. Herói era herói, era longe deles. Eles eram um povo simples que vivia seu cotidiano e os heróis eram como mitos.

O outro modelo, ainda mais comum, é como se Deus Pai tivesse um projeto sobre Jesus e Jesus tivesse que cumpri-lo. Agora, não é destino, não é grego, é um projeto de Deus Pai. Deus Pai quer que Jesus morra para nos salvar. Então Jesus, quisesse ou não quisesse, acabaria morrendo e morreria de uma morte violenta, derramando muito sangue. Deus Pai precisava ver sangue, muito sangue para lavar todos os nossos pecados. Que tristeza! Todos esses dois modelos não nos fazem compreender a humanidade desse Homem chamado Jesus. Ele viveu uma vida muito mais próxima da nossa. O evangelista, ao colocar essa entrada gloriosa, narra a parábola da liberdade. Ele quer dizer que Jesus vai assumir a sua vida, dia após dia, na sua liberdade, sem nenhum heroísmo, sem nenhuma tragédia, sem nenhum destino traçado pelo Pai. Olhando para os acontecimentos que se acumulavam ao longo da sua vida.

Aquele cotidiano, aquele dia-a-dia, que podia ser hoje uma alegria, podia ser uma festa, amanhã uma tensão. Jesus descobriu o seu dia-a-dia vendo os acontecimentos. Não pesava sobre Ele um destino fatídico, não pesava sobre Ele uma cruz, não pesava sobre Ele um destino interminável. Ele foi caminhando para a cruz como todos nós caminha-

mos na nossa vida. Podemos encontrar cruces pesadas. Quantas mães vêem seus filhos jovens morrerem. A maioria das mortes de jovens no Brasil são violentas, de tal maneira que um representante da ONU dizia que o Brasil está numa guerra civil, tantos são os mortos, até mais do que nas guerras convencionais que vemos nas televisões.

Essas mães sofrem porque querem, porque Deus quer? Não, mas ei-las sofrendo essa dor. E aí está Jesus, somando a sua dor ao dia-a-dia de cada vida. E caminhou sem hesitar, olhou para a realidade e a enfrentou.

Aquela entrada triunfal em Jerusalém quer dizer que Ele não entrou forçado pelo destino. Não entrou forçado pela vontade do Pai, como se pesasse o destino sobre Ele. Só pode entrar no jumento – essa grande parábola – quem entra livremente.

Jesus entra na grande cidade, na capital, porque Ele se sabia o Messias, Ele se sabia o anunciador do Pai. E a capital era o lugar de anunciar. Ele tinha anunciado nos subúrbios, mas chegou um dia em que tinha que dizer para Jerusalém – Jerusalém, a cidade da paz – que Ele veio trazer a paz. Tinha que dizer em Jerusalém que Ele amava apaixonadamente a humanidade. Ele precisava dizer, em Jerusalém, que o Pai amava apaixonadamente, não só o povo judeu mas o povo romano e todos nós. Lá Ele tinha que dizer isso, porque era a grande capital, porque era o grande Templo, porque era a sede da religião, era o lugar de Javé. Era lá que Ele devia dizer isso. Ele podia dizer isso e não acontecer nada, podia ter dito isso e no dia seguinte voltar para a Galiléia, mas só que Ele assumiu o risco, porque assumiu a humanidade sem nenhuma restrição. Amém. (23.03.02)

(*)referência à tragédia grega, “Édipo, Rei”, de autoria de Sófocles.

É NOITE! (Jo 13, 21-33)

Os Evangelhos são extremamente sóbrios à respeito da vida de Jesus. Se olharmos o tamanho deles, para uma vida tão importante, uma vida tão significativa, eles são realmente muito pequenos.

E outro enigma desses Evangelhos, apesar deles serem breves, é que, chegando o momento da paixão, parece que há uma desproporção. Para praticamente dois dias da vida de Jesus, o Evangelho dedica uma parte enorme. Por que isso? Porque desde o início os cristãos ficaram tão preocupados com a morte de Jesus que desceram a pormenores, como vocês podem ver: um galo que canta, o nome do soldado, um corta a orelha. Pormenores mínimos, enquanto outras verdades profundíssimas da vida de Jesus ficaram sem ser relatadas. É que, certamente, a comunidade primitiva ficou totalmente deslocada, perdida, confusa com esse mistério. Como é possível que o Filho de Deus tenha sofrido tanto, tenha chegado a esse nível de extrema humanidade, de carregar no seu corpo tanto sofrimento? Uma pergunta que nós não sabemos responder.

Mas, certamente, apesar da nossa sensibilidade mostrar, de sentirmos compaixão por Jesus e acompanhá-Lo em suas dores, apesar de estarmos mais recolhidos, rezarmos mais – tudo isso é belíssimo - não é esse o sentido da paixão de Jesus. Ele não sofreu para que tivéssemos compaixão por Ele. É o inverso e essa é a maravilha. Antes estávamos nós no sofrimento, estávamos nós perdidos na escuridão dessa noite. Antes, nós sim, estávamos confusos. Ele quando olhou para a humanidade disse: “Pobre humanidade! Não sabem para onde vão, não sabem de onde vieram, não sabem porque sofrem e ficam desesperados”. Muitos se suicidam. Como se matam pessoas entre nós! Ele disse: “Não vou deixar a humanidade assim tão perdida, não vou deixar a humanidade tão desvairada, não vou deixar a humanidade sem uma luz que a ilumine. Eu vou descer até o extremo do sofrimento e vou dizer: lá no extremo do sofrimento está Deus!”. Esse é o grande mistério: lá no extremo do sofrimento está Deus! Não está a doença, não está o câncer, não está a ausência, não está a morte. Está Deus! Quando vamos a um hospital e vemos tantas pessoas sofrendo, no extremo do sofrimento, não está a medicina, não está o médico, não estão as lágrimas, não está o desespero humano, não está a tristeza - está Deus. Se não fosse para isso, Ele não teria sofrido tanto. Ele quer nos tomar lá em baixo para que possamos subir. Nós somos tão fracos, temos a cabeça tão pequena! Nós não entendemos as coisas. Se eu apenas falasse como eu estou falando, ninguém acreditaria. Se fossem palavras de profetas, também ninguém acreditaria. Nós precisamos ver com os olhos, e Ele quis que víssemos com os olhos. Ele assumiu uma carne palpável, um corpo visível, um rosto captável. Pés que andavam, percorrendo cada canto da Palestina. Ele foi se revelando no modo de olhar, no que dizia, respondendo e agindo.

Quando parecia tudo maravilhoso na vida Dele, alguém dizia: “Ah, que vida bonita! Até eu queria ser Jesus, fazendo milagres, transformando água em vinho. Festejando, conversando com Marta, com Maria, acolhendo Madalena. Oh, que coisa maravilhosa! Até eu queria ser Filho de Deus assim”. O povo aclamando-O, montado num jumentinho

nho. As crianças abraçando o altar da Sua existência. Assim valia a pena ser Jesus!

Mas Ele não quis nos dar a ilusão de que o Filho de Deus veio para passear na Terra, fazer um grande piquenique, festejar a sua glória, a sua beleza. Não, Ele veio dar sentido a nossa vida, sabendo que ela passa por momentos difíceis. Ele sabe que todos nós, sem exceção, vamos, algum dia, conhecer uma noite muito escura. E vocês, notem bem que hoje no Evangelho fala-se várias vezes de escuridão.

Talvez o que mais me comova sejam duas palavrinhas. Quando Judas sai do Cenáculo João, o evangelista, diz assim: ‘É noite!’. Nada mais. Não explicou, não precisou dizer mais nada. Olha que noite deveria ser: a noite do coração de Judas, a noite do coração de Jesus, a noite do coração dos colegas, a noite da traição. Quem um dia experimentou a traição sabe que noite é essa. Traição na família, traição do amor de um filho, traição do amor de um esposo. Quem um dia experimentou a traição sabe o que significa a frase: “É noite!”. E Jesus a experimentou. Ele não experimentou a traição de uma mulher porque não era casado, mas experimentou a infidelidade de alguém que era mais que filho. Era escolhido por Ele para segui-Lo ao longo de Sua vida, para ser um grande apóstolo. Seria São Judas, não só o Tadeu, mas Judas Iscariotes, um grande missionário. Não quis. “É noite!”. Quando Ele foi crucificado, dizem os sinóticos que baixou em toda a Terra – claro que é simbólico - uma noite escura. Não foi a noite da ausência de sol. O sol continuou brilhando. Foi o sol da vida que escureceu. O sol de todas as alegrias, o sol de todas as esperanças que pareciam desaparecer para, no dia seguinte, esplendorosamente, romper as trevas definitivas da nossa história.

Só Ele foi capaz de fazer isso. Depois de Jesus, depois que Ele desceu à Terra, nenhum de nós tem direito de revoltar-se e dizer: “Deus, porque fizestes isso comigo?” O Filho mostrou que quando nós estamos no extremo do sofrimento lá está Deus Pai. Por isso a esperança nunca morre, porque toda noite termina na luz da madrugada. Amém.(2001)

A PAIXÃO EM LUCAS (Lc 22,14-23,56)

Irmãos, essa é uma narração que não é narração. É uma leitura teológica que a comunidade fez depois de alguns anos de meditar sobre Jesus. Muitas vezes nos enganamos lendo a paixão de Jesus, pensando que o narrador queria contar-nos os pormenores, como hoje narraríamos um acidente. Por exemplo, como aconteceu com os trens da Espanha(*)).

Eles viviam num outro mundo. O que interessava-lhes era entrar e mergulhar no mistério desse Homem, que ao mesmo tempo assumiu nossa humanidade ao extremo e nos mostrou a face misericordiosa de Deus Pai.

O que aconteceu não podemos nem imaginar. Foi uma perda total de noção. Eles ficaram desvairados, desorientados, desorientados porque toda a tradição judaica acreditava num Messias - que nem era Filho de Deus para eles - glorioso, triunfante. Como todos os países querem ver seus chefes em grandes trajes, em grandes festas, também Israel não era um povo diferente dos outros. Esperavam Jesus como Aquele que aparecia nas tentações, descendo do pináculo do templo, contemplando todos os poderes da Terra, andando sobre as águas, fazendo grandes milagres, ouvindo as multidões. Assim eles queriam ver Jesus. Talvez nós também Queremos encontrar Jesus com as nossas buscas de milagres. Mas Ele não é assim. É isso o terrível.

Ele quis assumir essa mesma condição humana que temos: se nos bate, dói; se caímos, machucamos; se alguém quiser nos enganar, engana, como Judas enganou e traiu Jesus. Quantos homens, quantas mulheres traídas por aí! Quantos amores frustrados! Quantos amores de Jesus também foram frustrados! Ele não escapou de nenhuma experiência nossa, diria, exceto o pecado, exceto aquele “não” radical. Não, isso Ele nunca disse, nunca fez. Mas essas experiências que tecem o nosso cotidiano, Ele as viveu a cada dia de modo humano. E de repente essa experiência humana chega a seu extremo. Ao extremo da dor e do sofrimento.

Terá alguém no mundo sofrido mais que Jesus? Sim, provavelmente. Ele não é modelo de sofrimento, como mostra esse filme que está passando aí. Não. Ele não veio para sofrer demais, mais do que ninguém. No livro “Batismo de Sangue” Frei Betto conta a história de um rapaz chamado Jeová, que nem tinha fé, mas era militante, amava o povo, trabalhava com as pessoas pobres. Ele foi preso, torturado de tal maneira que caiu numa poça de sangue. Todos achavam que tivesse morrido, mas não morreria. Quebraram-no todo, machucaram-no, ataram-no. Mas esse homem resistiu, recuperou-se, fugiu da prisão. Voltou a trabalhar com os meninos de rua. A polícia o persegue. Quando ele estava organizando um jogo de futebol para os meninos em Goiás, um policial grita o seu verdadeiro nome, porque ele usava um nome falso, e o inconsciente o trai. Quando disseram o seu nome, ele se voltou, o soldado deu um tiro e ele caiu morto.

Existem muitos *jesuses* no mundo se nós olharmos a materialidade da dor. Mas não é isso que nós queremos. Não é um Jesus dolorista, não é um Jesus banhado de sangue como esse Gibson quer fazer em seu filme(**). Não é isso que faz a grandeza de Jesus. Ele sofreu um dia e meio enquanto outros passaram meses, anos sendo torturados neste país: Ivo, Fernando, tantos dominicanos. Um dia, dois dias, três dias, trinta dias sendo

torturados. Portanto, não é por aí que vamos encontrar o Senhor Jesus. Quantas vezes procuramos uma paixão bem sangrenta para nos comover. Não, o que faz a grandeza de Jesus é o que Ele fez e viveu na nossa história, tal qual ela é. Não fugiu da história, não fugiu das tramas reais, não escapou do cotidiano, não se escondeu da vida. Foi vivendo cada dia à medida que as coisas foram acontecendo, da mesma forma como acontece em nossa existência. Não se escondeu, não reclamou, não blasfemou. Pediu, sim, ao Pai: “passa este cálice!” Mas o cálice não passou. “Vem Pai!”, Ele não veio. Impressionante pensar isso! E nós, por muito menos, por muitos menores sacrifícios queremos arrancar de Deus o milagre. E se Ele não faz o milagre, nós nos revoltamos. Ele, o Filho pede ao Pai: “afasta de mim este cálice”, mas o Pai não atende e Ele, o Filho, bebeu o cálice até o fim. Isso é que é bonito em Jesus.

Uma única coisa interessava a Jesus: mostrar para a humanidade que não Ele, mas o Pai é que importava. Não era Ele que interessava. Claro que hoje pra nós é o Filho. Nós o colocamos no centro, mas Ele não se colocou no centro. Isso é que é fascinante em Jesus. Claro que os evangelistas, interpretando anos mais tarde, colocaram Jesus no centro, mas Ele não. Prevalece sempre o Pai e Sua vontade. É sempre mais importante mostrar que Deus nos ama. Que em qualquer situação, mesmo na morte do Seu Filho, Ele nunca nos rejeita. É isso que é fascinante. Jesus estava com aqueles homens na cruz simbolizando a nossa humanidade, simbolizando cada um de nós – o bom e o mau ladrão, como nós chamamos. Mas provavelmente eram subversivos políticos que se rebelaram contra o Império Romano, como tantos aqui no Brasil lutaram contra o regime militar. Exatamente esses estão lá na cruz. Eram pessoas que não aceitavam o Império Romano e por isso foram crucificadas. Também para esses homens, Jesus tem uma palavra. Quis mostrar a bondade: “Hoje estarás comigo no paraíso!”.

Se olharmos todos os poderosos, que não são necessariamente poderosos históricos, mas simbólicos, perceberemos aquele cuidado de Deus para cada situação. As mulheres que aparecem, o cirineu, o ladrão que não é ladrão, é subversivo; aqueles que blasfemavam. Os judeus, os sacerdotes, os levitas. A inteligência daquela época seriam os professores de universidades, que sempre são os que têm muita dificuldade com a fé. Os teólogos, os intelectuais riam, zombavam do Senhor. Mas Ele não se vingou, não reclamou, não fez cair raios sobre ninguém. Só disse uma palavra: “Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem! São inteligentes, estudam muito, mas não sabem o que fazem, não pensam”.

É isso que o Senhor quer nos dizer hoje: carregar a cruz não é um ato dolorista, é um ato de entrega da sua existência. Que cada um de nós tenha consciência de sua própria cruz, que é o existir como seres humanos que somos. Amém.(03/04/04)

(*)alusão ao atentado de 11.03.2004.

(**)referência ao filme ‘A paixão de Cristo’, de Mel Gibson.

O SENTIDO DA MORTE NA MORTE DE JESUS

(Jo 18,1-19,42)

Essa leitura longa já é uma grande homilia da comunidade primitiva para nós.

Gostaria somente de deixar uma única frase:”‘Essa é a única morte que nos pode dar força diante das outras mortes!’” Só esta frase. Esta é a única morte que pode nos dar força diante de todas as mortes que nos cercam, como uma mãe, cujo filho morreu assassinado. Onde essa mulher vai buscar força? É na morte desse Homem, que a assumiu exatamente para estar ao nosso lado nessas horas. A morte de um filho inocente, vítima de um câncer. Onde a mãe, o pai, o irmão vão encontrar forças? É nessa morte. A morte de um pai, a morte de um ente querido, de um amigo, a morte de uma criança... Todas elas são para nós um absurdo, porque a morte é o nada que entra na nossa história, e seria nada mesmo, se não houvesse essa morte que deu sentido a todas as outras. Só por isso valeu a morte de Jesus.

Havia um judeu que estava sendo procurado pela polícia alemã, chamada *Gestapo*. Ele e sua esposa viviam no mais terrível medo, quando chega a polícia e o prende. Ele volta-se para a esposa e diz esta frase: “O tempo do medo acabou. Agora só existe para nós o tempo da esperança!”.

Uma pessoa faz uma biópsia, não sabe qual o resultado - é o tempo do medo. Vem o resultado, é doença. Começa o tempo da esperança. É esse tempo da esperança que a morte de Jesus nos dá, porque virão doenças, virão dores sobre nós, sobre nossas famílias. Quando chega um diagnóstico terrível, qual a palavra que eu tenho? Nenhuma, a não ser olhar para este Homem que assumiu a morte para estar conosco, não para curar, mas para estar ao nosso lado até à morte, se for o caso.

Ele não vai curar. Não procurem milagres, não. Procurem sim, encontrá-Lo nessa hora, para que Ele lhes dê força, para que vocês, na dor, na tristeza, possam levantar a cabeça e dizer: “Eu espero, eu acredito, eu confio. Eu sou capaz até de encontrar alegria aí, porque o meu Senhor morreu da forma que morreu”. Amém!

ENTENDENDO A RESSURREIÇÃO (Jo 20,1-9)

Nós somos muito curiosos e, diante desse mistério da ressurreição, procuramos alguma maneira de entender o que aconteceu com Jesus. Nós só temos um caminho para aproveitar as nossas experiências e prolongá-las até o momento de dizer: “Agora eu tenho alguma idéia!”.

Vou tentar mostrar para vocês, como a própria natureza vai-nos ensinando a compreender o mistério da ressurreição. Observem uma pedra num jardim. Se não houver nada, depois de dez, vinte anos, a pedra estará lá, tal qual, porque ali há um mundo que é mínimo. Pode haver movimento de prótons, átomos, mas tudo fica parado naquela pedra. O espiritual aí é quase nada, um mínimo de movimento. Mas se vocês observarem uma planta, vão ver que é diferente. Passa um tempo e vão ver que ela cresceu. Parece que ela tem um pouco de espírito. Ela consegue subir, esticar seus braços, cobrir-se com suas sombras. É um mínimo de vida. Parece que ela vai mostrando para nós que a vida consegue expandir-se. Mas as raízes a prendem. Você não consegue ver árvores dançando de alegria, porque elas estão agarradas ao solo, mas crescem. Conseguem mostrar que são mais espirituais que a pedra. Que são capazes de expandir-se.

Olhem para o animal. O animal já se move. Ele não só tem vida, mas a sua vida se expande. Mesmo sendo animal irracional, ocupa tempo e espaço. Um espaço razoável, e alguns até migram e fazem viagens longas por si mesmos. Atravessam até oceanos. Os animais andam. Eles são mais espirituais que a pedra, mais espirituais que a árvore, porque caminham.

Agora olhem pra nós, seres humanos. Parece que Jesus quis mostrar que temos coisas muito parecidas com a ressurreição. Eu estou preso aqui a este lugar. Não posso sair daqui nesta hora, estou ligado ao tempo e ao espaço. Mas a minha palavra é uma só e ela vai, atinge. E se eu tivesse um rádio, uma televisão, poderia atingir mais pessoas. Portanto, a palavra é algo muito espiritual. É uma idéia, é um conceito. Nós podemos, aqui, fechar os olhos e dizer: ‘Eu amo os chineses, eu amo Cingapura’ e aí meu amor é capaz de abarcar tantas pessoas. Agora imaginem que não a minha palavra, mas o meu amor é que abarca tantas pessoas. É divino. É o Cristo ressuscitado.

O Cristo ressuscitado é aquele que não está mais ligado, como eu estou ligado aqui ao tempo e ao espaço.

Ele está aqui, está em Roma, está em qualquer lugar. É como a minha palavra, é como o meu amor. Portanto, não é nenhuma magia. É algo que nós podemos entender a nosso modo, comparando, porque o amor também não está preso. Que o digam as mães, que têm filhos longe, se o amor está preso. Não. O amor é capaz de abarcar quatro, cinco filhos em lugares diferentes, porque vem do coração de mãe. É amor e ele não está ligado ao tempo e espaço.

Outra imagem, bem simples, para entendermos o mistério da ressurreição. Olhem para um casulo. Nosso corpo é um casulo e, dentro dele, tece-se uma vida. E vai tecendo: dez, vinte, quarenta até cem anos, como essa senhora que está aqui. Esta vida vai tecendo

e chega um momento em que ela já não cabe no casulo, como a larva não cabe no casulo. Ela rasga o casulo e dele sai aquela borboleta linda, de asas azuis voando.

É o Cristo ressuscitado. O corpo Dele – aquela larva tecida nos trinta, quarenta anos que Ele viveu - não cabe mais no casulo. O amor foi crescendo, crescendo. E houve um momento em que o casulo do seu corpo não mais segurou esse mistério de sua presença que expande e atravessa todos os tempos e espaços.

Esse é o Cristo glorioso. É como a borboleta que voa, mas não a borboleta inseto. É o amor infinito de Jesus. Ele pode mostrar-se em todas as partes, em todos os tempos.

É por isso que, em qualquer momento da nossa vida, Ele está bem perto de nós. Em qualquer tempo, em qualquer hora, basta ter fé para ver. Nada mais. Não precisa de esforço. É como aquele filho que sai e sabe que sua mãe o ama em qualquer momento, como aquele filho da parábola do filho pródigo: “Lá na casa do meu pai os escravos estão melhores do que eu”. Ele tinha certeza de que, quando pensou em voltar para casa, o seu pai pensava também nele. Os amores se cruzaram e ele se levantou e voltou à casa de seu pai.

Para que os nossos amores aconteçam e se cruzem, só depende da nossa linha que atravessa todos os lados. Qualquer risco que nós fizermos, cruzaremos com as outras linhas. Porque as linhas do amor de Jesus são tão grandes, são uma rede muito mais tecida do que uma teia de aranha, muito mais tecida do que os nossos tecidos. E aí basta um riscozinho e já encontramos o amor do Senhor.

É essa certeza que nos dá alegria de viver. É o que nos faz aproximar do momento em que o nosso casulo também se romperá, que a larva da nossa história, da nossa existência, da nossa vida não caberá mais neste casulo e não haverá médico, nem remédio que poderá nos deter.

O Espírito não tem limite. É a nossa grande riqueza, a nossa grande alegria, mas também a nossa grande impotência. Porque ele é insaciável, é infinito. E nascemos para o infinito, caminhamos para o infinito, encontraremos o infinito. Amém.(15/04/2001)

TOMÉ - O CRUCIFICADO É O RESSUSCITADO

(Jo 20,19-31)

Quando ouvimos esse Evangelho, temos a impressão, pela descrição verbal que o evangelista faz, que os apóstolos viram fisicamente Jesus ressuscitado. Tocaram suas chagas, apalpam Jesus, viram-no comendo, viram-no andando, conversando. Então, claro, não precisavam acreditar em nada. Eu não acredito que vocês estão aqui, eu vejo. Mas será que os evangelistas querem nos ensinar isso, ou há algo mais profundo? Eu quero ir mais longe.

Nem os discípulos, nem Nossa Senhora foram poupados no caminho da fé. Eles tiveram que acreditar em Jesus e, portanto, se tiveram que acreditar e passarem pela experiência da fé, eles não puderam ver Jesus, porque quem vê não acredita. Vê. E se não viram, o que aconteceu? Aí vem toda a beleza desse texto que nos aparece cheio de sinais.

Imaginem vocês que nós estamos num imenso deserto, sem nenhum ponto de referência, só areia – norte, sul, leste, oeste - areia, areia. O que vamos fazer, para onde iremos, se não temos referência nenhuma? Aí os cidadãos, que somos nós, estaríamos perdidos e nunca sairíamos do deserto. Talvez morrêssemos de fome, de sede, porque não iríamos encontrar nenhum oásis. Agora, imaginem um beduíno, acostumado aos desertos. Quando chega a noite - aquelas noites lindas, escuras, porque não há nenhuma luz, e as estrelas brilham com uma beleza extraordinária - eles começam a descobrir as constelações e por elas, podem se orientar para o norte, para o sul, para o leste, para o oeste. Eles podem viajar noites e noites sem se perderem, porque olharam os sinais do céu. Se não houvesse sinais, eles se perderiam.

A nossa fé é caminhar no deserto. Só temos os sinais para nos orientar. Os sinais podem ser das noites, como os beduínos encontram nas noites. Muitas vezes atravessamos uma noite existencial - que é algo terrível - e pensamos que tudo está perdido. É precisamente nessa noite que aparecem os sinais da fé. Eu imagino, por exemplo, Maria, na noite terrível da morte de seu Filho, no momento em que ela O tem em seus braços. Nesta noite sem estrelas, totalmente noite, de repente ela se transforma numa alegria gigantesca, que vai irradiar para os apóstolos, que vai ajudar João, que vai ajudar Pedro, que vai ajudar Tiago, que vai ajudando lentamente os apóstolos. O que se passou com essa mulher? Quanto mais escura foi a noite da morte de Jesus, mais brilhou para ela a fé na ressurreição de Jesus. Não O viu, experimentou!

É por isso que a certeza é maior, porque não é a certeza dos nossos sentidos. Quando a gente vê um fato na televisão, não dá pra saber se realmente aquilo aconteceu. Pode ter sido composto em *Hollywood*, como estamos vendo o sangue de Cristo esparramado no filme do *Gibson*(*) e sabemos que o artista passou cinco horas se maquiando para aparecer sangue que não é sangue. Como nos enganamos pelos sentidos! A fé não engana. Essa é a certeza da fé! Porque se ela fosse ligada aos sentidos, se Tomé tivesse tocado Jesus, podia se enganar, podia ser um fantasma, uma ilusão, como tantas pessoas se ilu-

dem. Vêm fantasmas, conversam com sombras, dizem que viram, são capazes de jurar que viram aquilo que sua fantasia criou.

Mas a fé não vive de fantasia, vive de sinais. E quais são os sinais da fé, pelos quais a gente pode continuar acreditando? O primeiro grande sinal é estarmos aqui, dois mil anos depois da morte desse Homem. Querem sinal maior que este? Será que somos todos uns iludidos, uns tontos, uns perdidos na história? Depois de dois mil anos, todos os grandes impérios, inclusive a última grande ideologia, a ideologia marxista, desabaram como um castelo de cartas. E, ao lado disso, dois mil anos depois, a fé cristã continua anunciando o Cristo ressuscitado. Este é o grande sinal. Cada um de nós deve ser a lâmpada acesa para o seu colega, para o seu amigo. O irmão para a sua irmã. Os dois juntos são duas tochas iluminadas. Como isso é bonito! Quando o pai, na família, é uma luz para os seus filhos. Quando a mãe passa para os seus filhos que ela acredita. A fé se vale desses sinais. O sinal do pai, o sinal da mãe, o sinal dessa criancinha que espera o meu olhar, a criança que canta na sua inocência, sem nenhuma filosofia, ela é um sinal para todos nós.

Agora imaginem vocês, se eu viesse celebrar e, chegando aqui, não encontrasse ninguém?! Onde estão os cristãos? Acabaram. Onde está a fé? Não há mais. Será que eu agüentaria continuar crendo, sem nenhum sinal? Sem nenhuma pessoa para dizer –‘Eu creio!’? Esses são os grandes sinais que a fé está sempre nos colocando.

E por que o Evangelho fala das chagas? É claro que Jesus não tem chagas no céu. Inventam, então? Não, é muito mais profundo. É porque muitos, na época de Tomé, na época em que João escreveu este Evangelho, queriam um Jesus que não tivesse tido corpo. Queriam um Jesus que fosse uma espécie de grande mago, destes heróis hollywoodianos, das fantasias cinematográficas. Esse Jesus que anda por aí afora, bonito, limpo, sem nada, sem sofrimento, sem cruz, sem história, sem humanidade, sem vida. Isso eles queriam já no primeiro século. São os docetas(**), para quem Jesus seria pura aparência, um espírito caminhando por aí.

João diz: -‘Não!’ . Não é um espírito caminhando por aí. É alguém que carregou no seu corpo as chagas, as mesmas da cruz. É o mesmo que morreu na cruz, é o mesmo que foi massacrado e ensanguentado, sim. Não pelos efeitos do cinema, mas pela verdade do seu sofrimento.

Pois bem, é este Cristo, real e concreto, que João diz ser o objeto de nossa fé, e não o Cristo fantasmagórico, um Cristo vazio, um Cristo feito ao gosto de qualquer pessoa ao sabor de cada subjetividade. ‘Um Cristo de cabelos longos como os meus’, como cantavam os jovens dos anos setenta. Não, Ele é um Jesus que assume a dor de cada um de nós, mas que também assume cada uma de nossas alegrias. Amém.(18/04/04)

(*)referência ao filme ‘A paixão de Cristo’, do diretor Mel Gibson

(**)docetismo é a uma doutrina agnóstica do século VI, segundo a qual o corpo de Cristo não era real, só aparente, ou que negava que Ele tivesse nascido de Maria.

TOMÉ – O AMOR É INCONDICIONAL (Jo 20,19-31)

Quando lemos o Evangelho, a primeira inclinação é imaginar que todas essas cenas são descrições. Se assim fosse, teria sido muito fácil para os apóstolos crerem em Jesus. Viram, pegaram, tocaram. É fácil crer, qualquer um é capaz de crer quando se pode pegar. Então a gente suspeita que o evangelista João seja um pouco mais inteligente do que imaginamos. Ele não está querendo dizer que os apóstolos pegaram, viram Jesus. Isto é muito banal para João. E onde estaria então a problemática desse Evangelho?

Vocês viram que Tomé colocou condição para crer, como muitas vezes nós colocamos condição para amar. Aí não dá certo. Eu acho que por aí não vai. Quando colocamos condição para amar ou para crer, não amamos e não cremos. Esse é o problema. Então Tomé não acreditou depois que tocou, não. Ele teve que renunciar às condições para crer.

No fundo, o evangelista quer dizer que o amor é um movimento, um gesto de gratuidade. Nós podemos ter razões, motivos razoáveis como Tomé, mas o amor é uma aventura cega. Eu preciso ter razões que mostrem que a pessoa é digna do meu amor, mas não são essas razões que me levam a crer e a amar. As razões fazem com que eu possa viver num mundo humano, em que as razoabilidades são necessárias para os nossos sentidos. Mas nunca a razoabilidade pode ser a razão para eu amar alguém.

É necessário o salto. O amor é um salto no escuro. Este é um jogo belíssimo da nossa liberdade, que não passa pela inteligência. A inteligência aceita as razões da lógica, porque quer constatar, quer verificar, quer provar. O amor é outro departamento. Não é o departamento da inteligência, e todas as vezes que queremos reduzir o amor ao departamento da inteligência, nós não amamos, nós calculamos, e calcular é com máquina. Amar é com o coração.

Nosso evangelista hoje quer nos dizer que o amor sempre surpreende, é sempre imprevisível, sempre novo, sempre diferente. Nunca pode ser previsto e calculado de antemão. Um arquiteto, um engenheiro calculam cada ângulo da casa, pois do contrário ela cai. Mas o amor não. Por isso a casa do amor pode desabar. Porque não são engenheiros que se casam, são amantes que se casam. Alguém pode ser engenheiro de profissão, mas não pode ser engenheiro do amor, porque se o for, será infeliz. O amor é a novidade da tenda. Um dia um vendaval pode vir e levar a casa. Pode acontecer, mas há a confiança, de que esse vendaval não virá, ou se vier, seremos fortes o suficiente para segurar as balizas da tenda, para que ela não voe e desapareça o nosso amor.

Cristo ressuscitado, quando se apresenta, não se apresenta; quando Ele aparece, Ele não aparece; quando Ele manda tocar, Ele não manda. Todos esses gestos de Jesus não são para os sentidos. São para o itinerário interior do amor. É o olhar do amor de Tomé que toca a chaga, é o olhar do amor dos discípulos que toca o lado de Jesus. Os seus olhos físicos não podiam ver Jesus. Jesus tinha outra dimensão. Assim, os nossos olhos físicos não vêem. E é isso que vocês têm que aprender: o amor não vem dos olhos físicos. Quando vocês só amam o que vêem, vocês ainda não amam. Só amarão de verdade

quando o olhar for além do olhar dos sentidos, quando olharem para uma realidade que os nossos olhos não atingem.

Eu queria terminar falando para vocês daquele livrinho tão lindo, tão simples do Exupéry, que se vocês não leram, deveriam ler “O pequeno príncipe”. Ele diz: “O essencial é invisível aos olhos”. O que nós vemos é sinal, sacramento, para que possamos alcançar o mistério maior que a nossa vista não alcança. Amém. (06/04/02)

A PAZ QUE VEM DE CRISTO (Jo 14, 23-29)

Em geral quando queremos ir à casa de Deus, ‘a Sua morada, nós vamos à morada de pedra, por isso viemos aqui.

O Novo Testamento modifica essa concepção. Quando João, o do Apocalipse, descreveu o céu, ele procurou o templo no céu e não encontrou. Não encontrou igreja no céu. Porque Deus é o Templo, Jesus é o Templo. O corpo de Jesus é o Templo.

Isso dá o que pensar. Muitas vezes damos mais importância aos templos de pedra do que ao Templo em que a comunidade cristã vive, que é o próprio corpo do Senhor.

E a luz? É o cordeiro. Não precisamos de outra luz, nem sol, nem lua, nem estrela, porque o cordeiro ilumina essa grande cidade, que é a nossa vida.

Os cristãos quando liam esses textos deviam ficar confusos. Deviam imaginar que se estava falando de uma realidade que iria acontecer em breve. Eles olhavam essa Terra e não achavam possível que Deus morasse aqui. Tantos crimes, tantos roubos, tanta corrupção nesse país! Como se pode imaginar que Deus more em meio a tudo isto?

Então os cristãos imaginavam que o fim do mundo chegaria logo, para então se instalar o verdadeiro Reino de Deus. Porque realmente o Templo de Deus somos nós, apesar de toda essa ambigüidade. Não temos nenhuma garantia. Nem de partido, nem de sigla partidária. Quanta gente imaginava que, quando um partido chegasse ao poder, não haveria mais corrupção? E o que vemos? Corrupções, engodos, mentiras que nos assustam. E eu pergunto: “Para onde o Senhor virá? Será que Ele está morando no nosso meio?”

Aí Jesus diz: “Olha gente, vocês vão confiar em duas, quatro letras?” (*)

Nós não podemos confiar em nenhuma letra, sejam elas as mais sagradas para nós, para as nossas ideologias, para os nossos sonhos, para as nossas expectativas. Nós temos que confiar é no Espírito que nos foi dado. Ele é o único que consegue acordar em nós a coragem para superar a corrupção, para superar interesses mesquinhos, próprios. Interesses domésticos, interesses pequenos, escusos. Só o Espírito nos abre a janela para horizontes maiores.

Jesus continua falando que mandará o Espírito. Mas o que é que o Espírito vai fazer? Ele vai dar-nos a paz.

Olha que quando João escrevia esse Evangelho, já no final de sua vida, havia a famosa *PAX ROMANA*. E o que era a pax romana? Era aquela paz que seguia o seguinte lema: “Se queres a paz, prepara a guerra”. Assim diziam os romanos. Então João se encontrou com essa *Pax*, a paz armada, a paz das tropas romanas,.

Impressionante, que dois mil anos depois, exista uma paz igualzinha, igualzinha. Chama-se *pax* americana ou *pax* judaica - também ela fundamentada na guerra, no armamento, no assassinato, no crime, na tortura. E que São João diz? Essa não é a paz do Senhor Jesus.

Dois mil anos depois ainda não atinamos com que paz o Senhor trouxe. Porque nós acreditamos, na nossa ingenuidade, que vamos ter paz nas nossas cidades se duplicarmos os policiais, os aparatos militares: “Se queres a paz, prepara a guerra!” Quanto mais arma,

quanto mais policiais, mais paz teremos: Leda ilusão! Este é o grande engodo. Até hoje, depois de dois mil anos que Jesus disse que a paz não é essa que Ele iria trazer. Quando João diz de paz - ele conhecia a *pax romana* – ele dizia que não era essa a paz que o Senhor traria.

A paz que o Senhor trouxe é a paz do perdão, da reconciliação, da justiça social, do trabalho honesto. Essa é a paz que o Senhor trouxe. Essa é a casa nova que Ele quer construir conosco.

Nós vamos começar o ano eleitoral e toca-nos acordar nossa consciência cívica, cidadã. O que nos falta é consciência cidadã. Uma mínima possibilidade de roubar, rouba-se. Não se roubava até agora, porque não tinha condição. Permitiu-se, rouba-se. Que ladrão é esse, que só não é ladrão quando não pode roubar? É que falta a consciência cívica, cidadã, responsável diante do povo, das coisas públicas. Nós temos que desmascarar, rasgar essas máscaras que existem no nosso mundo social e político.

Nós temos que arrancar as sujeiras escondidas em meses e anos, talvez séculos, debaixo dos tapetes . Deus quer trazer a paz, não a paz romana, a paz americana, mas a paz do Senhor. Amém.(16/05/04)

(*)referência a siglas partidárias.

NÓS PRECISAMOS DE TEMPO (At 1, 1-11)

Esta festa de hoje tem uma beleza singular. Não tem o esplendor da Páscoa, não tem a abundância de Pentecostes. Mas é a ponte, ponte entre Páscoa e Pentecostes. Ser ponte quer dizer que ela aproxima Páscoa e Pentecostes. Faz com que nós percorramos esse trajeto.

A primeira leitura, que parece uma descrição, é extremamente simbólica. São essas histórias bonitas que a gente conta, não para descrever um fato, mas para passar uma teologia profunda. Primeiro diz que Jesus, durante quarenta dias, apareceu e conversou com os apóstolos. É claro que quarenta não são quarenta. A Bíblia não é curso de matemática, é simbólica. Quarenta dias quer dizer que nós, seres humanos, precisamos de tempo para assimilar uma experiência profunda.

Talvez num matrimônio precise-se de vinte e cinco anos para se descobrir o amor – são quarenta dias para muitos. Outros, talvez, com dez dias consigam – são quarenta dias para estes. Quarenta dias quer dizer pedagogicamente: nós precisamos de tempo! Nenhum de nós se faz sem tempo. Você quer estudar Direito, você faz o curso, vários cursos. Para quê? Você precisou de tempo para fazer o curso primário, tempo para o secundário, tempo para a universidade, tempo para aprimorar sua profissão. Um ano, dois anos, cinco anos, dez anos, vai melhorando, descobrindo novas técnicas, novas pesquisas. É tempo. Nós nos construímos no tempo.

Agora, as experiências afetivas precisam de tempo de interioridade, o que é diferente. É o tempo para que nós meditemos e aprofundemos aquela experiência. Por exemplo, um casamento. Sabem por que tantos não acabam bem? Porque nem ele, nem ela gastaram tempo - como diz Exupéry naquele lindo livro ‘O Pequeno Príncipe’: - ‘Nós precisamos gastar o tempo com aquela Rosa’, porque é o tempo que nós gastamos com ela que aprofunda a experiência. Muitos não gastam tempo pensando, refletindo.

As vezes que você se pega sozinho, por que não pára e pensa: Quem é minha esposa, meu esposo para mim? O que ela (e) significa para mim? O que são os meus filhos para mim? Nós precisamos desse tempo porque no corre-corre da vida não percebemos, e é por isso que muitos amores se desfazem. Porque eles não tiveram ainda interioridade. E a leitura diz que a ascensão é uma coisa tão profunda! Como entender que um Homem como nós, com um corpo mortal, foi crucificado, teve o coração rasgado por uma lança e, de repente, esse Homem está vivo?! É preciso tempo prá gente assimilar. Não apenas um instante. Os apóstolos precisaram de tempo para meditar e compreender. Será possível que aquele Homem que pregou, fez isso e mais aquilo, desapareceu? Ele foi para o nada? Os apóstolos dizem: “Não! Ele não foi para o nada, está vivo!” Um dia, dois dias, dez dias, quarenta dias para dizer: Ele está vivo!

Com a ascensão, Jesus entregou-nos o diploma de maturidade, como se dissesse: “Agora vocês estão maduros!”. Num curso de crisma, vocês precisam de dez meses, um ano. Para quê? Para que vocês possam interiorizar o mistério, o sacramento. Daí porque se encontram, celebram, fazem curso, retiro. Para quê isso? Porque uma experiência tão

profunda precisa de tempo.

Mas ainda não basta. Não termina na ascensão. Vai terminar daqui a uns dez dias, quando chegar o domingo de Pentecostes. Aí termina o processo: na hora em que o Espírito entra dentro de nós, toma posse e nos transforma por dentro, aí a pedagogia chegou à sua plenitude.

Paremos um instante e nos perguntemos, olhando para o Senhor: o que significam as nossas experiências profundas? Olhem para as suas vidas. Será que vivemos numa superficialidade terrível, que nada penetra em nossos corações? Será que somos tão vazios que nada tem raiz em nós?

Vocês sabem que as árvores que não têm raízes são perigosas. Elas crescem e podem cair em cima de uma casa, de um carro, de uma pessoa. Mas jatobás, aqueles que lançaram raízes profundas, que foram sugar os lençóis freáticos e buscar os sais dessa terra, essas podem se abrir em copas gigantescas, para colher todas as belezas que existem no mundo.

Sejamos um jatobá e não uma arvorezinha frágil, para que não caiamos, destruindo vidas dos outros. Amém.(2003)

NA ASCENSÃO, A NOSSA RESSURREIÇÃO (Lc 24,46-53)

Na maneira simples e quase ingênua de considerarmos os acontecimentos após a morte de Jesus, costumamos dizer que Jesus morreu, ressuscitou e ficou quarenta dias aparecendo para os apóstolos, conversando ora com um, ora com outro. Depois Ele subiu ao céu. É mais ou menos esse o nosso imaginário. Por isso nós falamos de ascensão, subida ao céu. Será que foi assim? Ou isso é uma maneira simbólica de traduzir alguma coisa mais profunda? Vamos mergulhar um pouco mais no mistério?!

Ressurreição e ascensão são duas faces de uma única realidade. Não são dois acontecimentos separados por quarenta dias. Quando eu falo que é uma realidade com duas faces é porque as realidades muitas vezes são tão confusas que um olhar não consegue perceber. Quando olhamos para a vida de Jesus e vemos que Ele passou pela morte, pela dor, pelo sofrimento não admitimos que poderia ter terminado tudo aí. A ressurreição é a resposta de Deus Pai a Jesus. A ascensão é a nossa resposta a Deus Pai. Então vamos entender tudo isso.

A ressurreição quer dizer que Jesus, ao morrer, morreu na fé, morreu na escuridão, morreu no abandono. Entregou-se por nós, entregou-se ao Pai, como nós nos entregaremos na hora da morte. Os nossos sentidos vêm só morte, não vêm nada além da morte. Vemos apenas um cadáver a ser enterrado.

Este também era o sentido de Jesus. A morte para Jesus era o fim, um fim como a morte para todos. Mas Ele tinha uma fé absolutamente inabalável de que o Pai não poderia deixá-Lo na noite escura da morte, porque Ele era o Filho, porque Ele se dedicara às pessoas, porque toda a sua vida foi uma dedicação e entrega. Então o Pai lhe devolveria a vida e o Pai lhe devolveu. Essa é a ressurreição.

Mas o que é essa vida? É a nossa humanidade. A vida que o Pai devolve a Jesus é a nossa humanidade. E qual o destino dessa humanidade? Será que a ressurreição é só de Jesus? Será que só Ele vai participar enquanto para nós só restarão os túmulos?

Se só fosse ressurreição de Jesus seria isso. Nós acabaríamos, nós desapareceríamos. Ele, sim, Pai, Filho e Espírito Santo na plenitude da vida, e nós, apenas um montão de vermes.

Para quem vive esse mistério, a ascensão quer dizer que essa nossa humanidade entra definitivamente na vida de Deus. O nosso corpo, o nosso sangue, nosso olhar, nosso existir serão transformados, sim, mas não desaparecerão. Serão revivificados sim, serão novos sim, mas continuarão.

Portanto, ascensão é a grande festa. É a festa que nos faz acreditar que a nossa humanidade participará dessa mesma ressurreição que a humanidade de Jesus participou, que a Virgem Maria participou. Por isso dizemos assunção. E podemos dizer que experimentaremos, um dia, esse mesmo mistério da ascensão da nossa humanidade em plenitude, numa amplitude que não podemos nem imaginar. Não estaremos ligados nem a tempo nem espaço. Poderemos envolver todas as pessoas que amamos no passado e que amaremos no futuro. Amém. (22/05/2004)

PENTECOSTES: HISTÓRIA E LIMITE (At 2,1-11)

Hoje a liturgia entra numa exuberância imensa de símbolos, porque é festa de Pentecostes. Pentecostes é a festa da história, de sua necessidade e do seu limite.

Por que Pentecostes é a festa da história? Porque só há Pentecostes porque primeiro existiu Jesus na história. É importante saber isso: Primeiro Ele precisou vir à Terra, primeiro Ele precisou falar, primeiro Ele precisou fazer, primeiro Ele precisou mostrar muita coisa para os nossos sentidos. Assim foi Jesus: tocou os doentes, curou os leprosos, curou os cegos, ressuscitou os mortos, perdoou os pecadores. Esse é o Jesus da história. É como se o Espírito Santo ficasse um pouco assim na reserva, esperando a sua vez. Então sem história não há Espírito Santo. Portanto, sem o nosso trabalho como Igreja, não há Espírito Santo. Sem esses irmãos e irmãs que fazem, dão catequese, não há Espírito Santo. Sem nós, pequenos pecadores sacerdotes, se não celebrarmos, não há Espírito Santo. Sem essa celebração, sem essa igreja, sem os construtores, operários que construíram isso, não há Espírito Santo. Sem os marceneiros que fizeram os bancos, não há Espírito Santo. Ele precisa da História, de nossos braços, precisa das nossas mãos. Sem isso não há Espírito Santo.

Ele precisou da carne de Jesus. Jesus não foi espírito, não. Foi carne. Se Ele caía no chão, se machucava; se cortava, sangrava. O Espírito Santo precisa dessa carne, cheia de sangue, cheia de voz, cheia de olhar, cheia de tato, de ouvido, de olfato, de gosto, que somos nós. É disso que Ele precisa para trabalhar. Ele não supre nenhum de nós.

Nossa Paróquia está muito preocupada com os jovens que entram na droga. Eles só sairão de lá, se nos preocuparmos, se falarmos a eles, se tocarmos o rosto deles: “jovem, não entre por esse caminho perigoso!”. O Espírito Santo precisa de nossa carne, precisa de nossos gestos. Se não fizermos isso, Ele não atua.

Não se arrependam de trabalhar na Igreja, não se acomodem, não fiquem abatidos. Não, precisamos trabalhar mais ainda, gastar a nossa voz, gastar o nosso corpo. Coisa mais linda, quando terminamos um dia, exaustos, cansados, mas sabendo que se emprestou o tempo, o corpo, os gestos para o Espírito Santo. Você deu a Ele a sua voz. Isso é a coisa mais linda que a gente pode fazer. Quando um pai fala para seu filho, toca o coração da sua filha, diz uma palavra, ele emprestou para o Espírito Santo os seus braços que tocaram o rosto da sua filha, que acariciaram essa menina, essa jovem. O Espírito Santo não acaricia ninguém. São as vossas mãos que o fazem. O Espírito Santo não fala para ninguém. São as vossas vozes que falam. O Espírito Santo necessita da História, Ele necessita de nós, Ele necessita das nossas ações.

Por isso o Papa está na sua centésima viagem, velhinho, e ainda consegue arranjar energia para atravessar toda a Croácia, pregando o Evangelho. Esse homem vai cair morto, gastando o seu corpo inteiro para que o Espírito Santo atue. Se ele não fizesse isso, o Espírito Santo não iria à Croácia. Ele está sonhando entrar na Rússia. Não o deixam, mas Ele está louquinho para atravessar a Rússia, para chegar lá e dizer: “chegou aqui também um homem carregando o Espírito Santo”. Os nossos corpos carregam o

Espírito Santo!

Agora vem o outro lado: o Espírito Santo é o limite da história.

Das coisas mais fascinantes da vida de Jesus, o que me deixa muito intrigado, é que Jesus, de repente, fala, prega e percebe que Ele não deu conta. Jesus não deu conta! Ele não deu conta de explicar aos apóstolos o que Ele queria explicar. Chega na véspera de se despedir dos apóstolos, e eles ainda perguntam se vai chegar o Reino de Deus. Que coisa é Reino de Deus? E Jesus constata que Eles não entenderam nada. E é aí que Ele percebe que precisa do Espírito Santo, para abrir a mente daqueles homens e de todos nós, hoje aqui reunidos.

E vem Pentecostes. E aqueles homens fracos, medrosos se animam daquele algo mais. Vêm-se capazes de sair, sem meios de transportes, sem saber nenhum, para levar a Palavra, o Reino às terras mais longínquas até chegar a nós, mostrando que é por nossa boca, por nossos gestos, por nosso corpo que o Reino de Deus se fará realidade no meio de nosso povo. Amém.(2003)

UM OUTRO PENTECOSTES (At 2, 1-11/Mt 13, 1-23)

Festa magna essa de Pentecostes! Juntamente com a Páscoa, são as duas grandes colunas que sustentam a nossa fé, a nossa Igreja. Quando lemos ou ouvimos o relato, sempre imaginamos um acontecimento extraordinário: ruídos, tempestades, línguas de fogo, algo assim que queria acordar e chamar a atenção de toda a cidade. Será que é isso mesmo? Será que Pentecostes não é uma realidade um pouco diferente? Que tudo isso não é uma maneira de o autor sagrado despertar nossa atenção para uma realidade mais profunda, mais silenciosa?

Creio que há dois tipos de Pentecostes. Há aquele Pentecostes que talvez se retrate bem na descrição da nossa leitura porque, muitas vezes, um fato forte nos sacode e nos acorda. Às vezes algum fato de sua juventude, um encontro de TLC(*), e a gente sai transformado. Ou você encontra uma pessoa que o toca de modo profundo e muda a sua existência. Então há fatos que nos sacodem.

Pentecostes é uma dessas festas que nos coloca contra a parede e que nos pergunta: você crê ou não crê? Você quer ou não quer mudar de vida? Você quer ou não quer transformar sua existência? Então aqueles homens medrosos, tímidos, escondidos – estando fechadas as portas... – serão renovados.

Portas fechadas: somos nós quando estamos trancados em nós mesmos, tendo as janelas e portas fechadas. De repente alguém sacode as janelas, sacode essas portas. Elas se abrem, são arrombadas para que possamos sair com coragem, para a missão. Esse é o grande Pentecostes.

Muitos entre nós viveram experiências semelhantes. Muitos santos e não somente santos. Nós tivemos um caso aqui na América Latina, em El Salvador: Monsenhor Oscar Romero. Era um bispo conservador, tradicional. As classes dominantes o tinham escolhido para ser bispo da capital do país e, de repente, aquele homem é chamado para ver um cadáver ensanguentado. Era de um padre que defendia os pobres e tinha sido assassinado pelas forças armadas do país. Quando aquele bispo, conservador e tradicional, viu o sangue daquele sacerdote derramado, naquele momento ele teve o seu Pentecostes. Transformou-se radicalmente. Foi uma voz profética, e poucos dias antes de morrer disse: “Vocês podem me matar, podem fazer calar a minha voz, mas não calarão a voz do povo!”. Quando ele celebrava a missa, em pleno altar, chegou um pistoleiro e, do fundo da igreja, mirou-lhe o coração, deu um tiro, e ele caiu morto sobre o altar. Esse homem viveu Pentecostes no estilo que narra os Atos dos Apóstolos. Acontece em muitas vidas - pessoas que se transformam radicalmente.

Mas existe também outro Pentecostes. É o Pentecostes de cada dia. É essa presença suave, discreta do Espírito que vai nos tocando através de muitos acontecimentos. Diante de um problema matrimonial, de uma dificuldade que a gente tem com a esposa, com os filhos, uma situação difícil que nos leva a perguntar: o que hei de fazer? O que é que eu tenho que fazer? Como vou cuidar de mim, da minha filha? Qual a palavra exata que devo dizer?

Vocês repararam em um pormenor da leitura? Os apóstolos não falavam línguas diferentes. Eles falavam uma língua só, as pessoas é que os entendiam na sua própria língua. Não é o dom das línguas, não. Eles pregavam em aramaico, mas as pessoas – gregos, árabes, fenícios – entendiam em sua própria língua. Olha que símbolo profundo! Eu falo uma língua só. Eu falo português, mas cada um de vocês, cada um aqui nessa igreja vai ouvir, vai entender na sua própria língua. Não em língua-idioma, mas na língua da experiência, da sensibilidade, da afetividade, da inteligência. A palavra é a mesma, jogada sobre a imensa multidão. Ela vai tocando as pessoas diferentemente. Algumas, quase nada; outras, em profundidade. Esse é o Pentecostes diário.

Jesus ainda usou uma outra imagem muito simples. Ele disse que Pentecostes é como um jogar sementes. Eu posso jogá-las no ar e o vento levá-las. Elas podem cair no espinheiro, serem sufocadas e não conseguirem nascer. Elas podem cair numa pedra, e o sol causticante queimá-las, elas podem cair sobre um caminho onde as pessoas pisam e elas não nascerão. Mas elas podem cair sobre uma boa terra, e a leitura fala em trinta, sessenta, cem frutos.

Pentecostes é isso – irmãos, irmãs. É essa Palavra de Deus que vai caindo em nossos terrenos, e muitas vezes nós somos terrenos diferentes. Um dia mais pedra, outro dia mais espinho, outro dia mais caminho. Um dia somos superficiais, estamos vazios. Enchemos o dia todo com os *faustões* da vida e chegamos aqui com a cabeça cheia de novelas, enoveladas de novelas e novelas. Claro que não entra nada. Cai a semente, e ela se enrola nas novelas e morre sufocada. Mas há dias em que o nosso coração está livre, está puro, está reto e a Palavra cai e cresce e nasce. É Pentecostes.

Os Pentecostes vão variando conforme o dia, conforme nossas disposições, conforme a nossa psicologia, conforme as idades. Pentecostes acontece para uma criança, que parece não pensar. Mas ela entende, entende a seu modo, como aquele menino que dá um gritinho. De repente, uma palavrinha, um olhar, e ela é capaz de chegar em casa e repetir alguma coisa. É Pentecostes.

Esqueçamos, portanto, que Pentecostes são apenas as grandes maravilhas. Pentecostes acontece todos os dias da nossa vida. Basta que abramos os nossos braços e acolhamos o Espírito que está, abundantemente, descendo sobre nós. Amém. (28/04/02)

(*um dos movimentos de juventude da década de 70.

BABEL x PENTECOSTES (At 2, 1-11)

Aconteceu em Jerusalém o que acontece neste momento na nossa Igreja: o presente que só se entende se olharmos o passado e se o associarmos ao futuro.

O passado em Jerusalém foi Babel. Os homens se entendiam, falavam uma só língua, viviam em comunidade e quiseram construir aquela torre para desafiar o Criador. Toda vez que o ser humano tenta desafiar o seu Criador acontece a confusão, a desordem, o caos.

Diz a Bíblia - claro é um gênero literário, é um mito, é um arquétipo, é uma história - e eles começaram a construção e pediam pedra, cal, cimento, e o outro entendia tudo errado. E a torre não se construiu. Não é uma torre física que eles construíam. É esta torre que nós, tantas vezes, queremos construir nas nossas vidas. E com nossa petulância, com nossa arrogância, com nossa sede de poder pensamos que somos onipotentes. Conhecemos o mito de Prometeu, que quis tomar dos deuses o fogo, roubar dos deuses a sua liberdade, a sua ciência, o seu poder. Nós somos dragões do dinheiro e isso nos faz mal. Isso foi Babel, esta é a desordem. É um pouco o que nós temos neste país. Arrogância de alguém que comete crimes e enfrenta arrogantemente a Nação. Homens que exploram o povo e permanecem arrogantes.

Então Babel é o oposto de Pentecostes. É o homem que se crê Deus, impune e imune a qualquer coisa, porque sabe que ninguém pode tocá-lo. Ele é o deus aqui na terra. Babel não constrói nada. Não constrói a torre, não constrói o Brasil, não constrói uma família. Por que uma família se destrói? Porque o pai às vezes é arrogante, o adolescente se faz arrogantezinho. Aí essa família vira Babel e Babel não constrói nada. Estaríamos hoje em Babel se não tivesse havido Pentecostes.

Lá é tudo diferente. Lá era comunidade, lá era experiência de um Jesus morto e ressuscitado, lá eram pessoas que se amavam, lá eram pessoas que haviam seguido Jesus por anos, lá eram pessoas que esperavam ansiosamente aquele momento de força para sair ao mundo inteiro e anunciar o Evangelho. Lá era já a presença do Espírito. Lá era aquilo que Deus quis e quer para toda a humanidade. Lá era o que Deus, já no ato criativo, tinha insuflado na matéria para que terminássemos em Espírito. Lá era a beleza, a grandeza, a comunidade.

Pentecostes - isto é que é o Espírito Santo. Não precisou haver nada de visível, não precisou haver tufão, nem raios. Só vestes bonitas para exprimir a realidade mais profunda que vai dentro de nós. Que está aí acontecendo agora nessa comunidade.

A comparação simples que eu faria: se nós pudéssemos ver as ondas sonoras que circundam essa igreja, todas as rádios do mundo inteiro estão passando por aqui. As ondas das televisões do mundo inteiro estão passando por aqui e nós não vemos nem ouvimos nada. Se ligássemos um aparelho, começaríamos a captar. Elas estão aí. Agora, imaginem vocês se nos fosse dado um instante em que todas essas ondas se virassem. Ficaríamos cegos de tanta luz, de tanta onda circulando. Pois bem, assim é o Espírito Santo. Ele está atuando no coração de cada um de nós. Desde o início, em todas as coisas,

mas os nossos olhos não vêem e porque não vêem, muitas vezes não cremos.

Pentecostes é o momento em que, de certa maneira, isso está aparecendo. Isto que já aconteceu a cada instante da nossa vida foi sentido de uma maneira tão forte por aqueles homens e mulheres que puderam sair corajosamente pelo mundo afora.

Conta Lucas que Pedro, medroso, Pedro, traidor, Pedro, covarde, Pedro, aquele que diante de uma simples empregada negou Jesus. Ele sai, destemidamente e enfrenta milhares de judeus e lhes diz: “Vós matastes o Senhor, mas Deus O ressuscitou. E se quiserdes, podeis converter-vos. Eu tenho o poder do perdão e do batismo!”. Começa a crescer aquele homem, pobrezinho, ignorante, pescador, de um cantinho da Palestina, quase analfabeto, e vai longe. Ele nunca poderia imaginar que teria coragem de atravessar oceanos para chegar à capital do império romano e lá anunciar Jesus.

Imaginem vocês, que alguém viesse de um recantozinho do interior, do interior de Minas e vocês o vissem pregando na grande Roma, diria hoje, na grande Washington, Harvard(*). Porque Pedro tinha o Espírito e com o Espírito não há medo. Nós somos medrosos e covardes, não porque não temos Espírito, mas porque ele não emerge de dentro de nós.

Pentecostes é a emersão de um Espírito que Deus imergiu desde o início da criação do mundo e agora nos dará forças para anunciar o Evangelho. Amém.

(*)grande Universidade americana

TRINDADE: REALIDADE COTIDIANA (Mt 13, 24-30)

Falar sobre o mistério da Trindade, talvez seja das coisas mais gostosas, mais bonitas, mais emocionantes para nós. Muitas vezes ficamos perdidos no mistério, como se fosse uma coisa inextrincável, algo totalmente fora da nossa mente, e a Trindade cabe bem no nosso cotidiano.

São Paulo nos dizia que Deus Pai derramou-Se – olhem que imagem bonita! É como se fosse um grande cântaro que derramasse sobre nós, não o Espírito Santo, mas a própria Trindade se derramando sobre nós.

Então é através de nós que vamos chegar à Trindade, é olhando-nos que vamos descobrir a Trindade.

Deus Pai: toda pessoa, até uma criança, quando nos indica um caminho, ela é sacramento de Deus Pai. Não precisa ser homem, não precisa ser adulto. Basta apontar o caminho. Pai é toda pessoa que aponta o caminho da verdade, da beleza, da justiça. São aqueles que falam conosco, abrem horizontes maiores, mostram-nos utopias - esses são os pais. São sacramentos, são sinais.

Não sei se vocês conhecem um fato da vida de Paulo Setúbal, um dos grandes literatos brasileiros. Ele escreveu um livro chamado “Cofiteo”, onde contava a sua história. Era um jovem estranho, devasso na juventude e tinha escrito um livro perverso. Sem saber como, quando chegou perto do Natal, aproximou-se da filha pequena e disse: “Filhinha, o que você quer de presente neste Natal?” A criancinha olhou para o pai e disse: “Eu quero as cinzas do romance que o senhor escreveu!” Ele estremeceu. Anos de trabalho foram destruídos, e hoje ele anda por outro caminho. Essa criança foi Pai para seu pai, indicou uma mudança de caminho. Onde ela aprendeu isso? Criança tem antenas que captam. Ela teria ouvido conversas do pai. Talvez com outros literatos e, com aquele coração de inocência, captou a beleza, a grandeza de seu pai e viu que ele não podia ir por aquele caminho. O pai ouviu a criancinha. Ela foi Pai para ele.

Filho: Quem é Jesus? Jesus é o caminho, é o irmão. Todos nós temos irmãos, sejam irmãos de sangue, que muitas vezes são mais velhos que nós e caminham à nossa frente ou mais jovens que nós e caminhamos à frente deles. Irmão é todo mundo. Toda vez que queremos trilhar um caminho qualquer, sobretudo o caminho do bem, se alguém dá um passo à frente, eu posso colocar os meus pés nas suas pegadas. Esse é Jesus. Esse é o sacramento.

E o Espírito? Espírito é toda vez que precisamos ter o consolo de uma palavra, de uma frase. Estamos feridos, o coração rasgado. Estamos deprimidos e em vez de irmos ao psiquiatra, enchemo-nos de remédios, procuramos alguém que nos abra os braços, nos acolha, nos afague, nos console por dentro. É o Espírito Santo. Quantas vezes um filho de vocês é o verdadeiro Espírito Santo em suas vidas? Quantas vezes pais e mães são Espírito Santo na vida de seus filhos? Eles vêm trôpegos da jornada, cansados, desiludidos. Foram mal na escola, não passaram no vestibular, estão desconsolados. E a mãe se senta ao lado e do filho e diz palavras de conforto. Aí está o Espírito Santo

A Trindade está no dia-a-dia, pois Deus nos criou assim: com essa Trindade linda e A colocou no coração de cada um de nós. Mas toda vez que vocês encontrarem alguém que os desvie do caminho, vocês encontraram o oposto, o contrário de Deus Pai. Existem tantos que apontam caminhos falsos, verdades perversas na moral, na realização humana!

O Pai é aquele que apresentou a beleza, como aquela criancinha que olhou para o seu pai e disse: “Quero as cinzas do livro”. Quantos diriam: “Vamos publicar o livro para corromper a juventude”? São o contrário, anti-pais desse mundo.

E os anti-filhos? Já dizia aquele americano que o caminho que leva a maioria dos jovens à droga são seus amigos, seus colegas. Eles saem à noite, chegam pela manhã. E o que fizeram à noite toda, com quem conversaram, sobre o que conversaram? São os irmãos perversos que inoculam, nesses corações de jovens adolescentes, desejos que destroem sua beleza, que destroem o brilho dos seus olhos, desejos que secam os corações. Esses são os anti-filhos.

E os anti-espíritos? São aqueles que consolam com falsos consolos. O consolo da droga é um consolo, mantendo-nos nos porões, como ratos.

Deus nos criou com a Trindade Celeste e nós semeamos a Trindade ao nosso redor. Amém.

TRINDADE: UNIDADE NA DIVERSIDADE (Mt 28,16-20)

Evidentemente, desde a nossa primeira infância, talvez mesmo antes que tomássemos consciência do que éramos, os sinais da Trindade nos marcavam. Já no batismo fomos marcados com o sinal da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. E quando falamos Trindade, talvez a nossa mente se embaralhe, e nós pensemos que seja uma coisa complicada, que não tem nada a ver com a nossa experiência. Leda ignorância! Ledo engano!

A Trindade é a realidade mais próxima de nós e que mais marcou a nossa vida, que mais marca a nossa estrutura psíquica, a nossa estrutura antropológica, a nossa estrutura existencial. Senão, vejamos. Não vou buscar coisas lá longe, não. Vou pegar o cotidiano de vocês.

Qual a experiência mais forte que temos de proximidade? Quando queremos ter alguém próximo, nós todos temos dois gestos: um gesto físico – abraçamos. No abraço, como que fechamos a outra pessoa contra nós, para sentirmos que eu e o outro formamos como que uma unidade. Este é o símbolo do abraço. Os dois têm que ser um só. Ambos querem ser um só. Quando não se quer ser um só, faz-se como a criancinha que quando não gosta de alguém, empurra com a mão e se afasta - não quer. Então, contra o abraço é quando eu não quero. É a rejeição. Quando abraçamos, nós queremos ser um só com as pessoas que amamos. E muitas vezes três pessoas que se amam são capazes de um abraço tão grande, que as três cabem num único abraço, como um cacho de unidade e trindade. De trindade porque são três, de unidade, porque é um só abraço. Três se faz um. Isto nós fazemos.

Agora, imaginem vocês, Aquele que é o Onipotente, que é o Infinito, que não precisa de braços físicos para trazer o outro para si. Basta querer, basta pensar, basta amar. O outro é Ele, então é o Pai. É o Pai que abraça o Filho e olha para o Filho e diz: -‘estou todo em você’.

Quantos esposos, depois de muitos anos de caminhada, de um amor longo, de repente, um olha para o outro e percebem que um está todo no outro: o sotaque, os gestos, a maneira de falar, até a maneira de andar. Parece que um vai assimilando o outro. Um vai sendo o outro.

Se nós, que somos limitados, somos espaço, somos físico conseguimos criar tantas unidades profundas na amizade, imagine então Esse maior, esse Pai maior? Olha para o Filho e diz: “estou todo em ti”. E o Filho volta-se para Ele e reconhece: “também eu estou todo em ti”. Os dois começam a perceber que um e o outro fazem uma unidade perfeita sem perder a relação de pai e filho, porque o Pai nunca será Filho e o Filho nunca será Pai.

Por mais que a mãe abrace o seu filhinho no colo, ela continua mãe e a criança, filho. Nunca conseguirá essa relação de unidade. Mas a mãe o segura, o esconde e, se faz frio, o esconde mais ainda, como se os dois fossem um só e, de repente, os dois se olham e dizem: “há algo maior que nos envolve”.

Sempre há um terceiro nos nossos amores, não no sentido ruim, como muitos pen-

sam. Por que é importante um terceiro nos nossos amores? Por que é importante o filho para que os esposos não se percam neles mesmos? Nasce o filho e o filho é o terceiro que rompe o fechamento que dois esposos podiam ter juntos, com o risco de ficarem perdidos e desaparecerem. O terceiro é o outro, é o mundo, é a história que não nos deixa fechar nem com o maior amigo.

Nem a Trindade perdeu-se no dois. Ela também precisou do terceiro para romper o fechamento do Filho com o Pai. Ele se chama Espírito. É essa a experiência trinitária, que queremos viver. Só que vivemos na fragmentação, na fragilidade, no esforço, na luta para que as nossas relações cresçam, para que as nossas unidades aumentem sem que percamos as diferenças, as identidades, as originalidades, as singularidades.

O grande desafio da Trindade é amar buscando a unidade, sem perder a própria identidade, a própria singularidade, a própria originalidade. O Pai é só Pai, o Filho é só Filho e o Espírito Santo é só Espírito. Mas os três se entrelaçam num amor tão grande que chamam um só Deus. Esse UM é o AMOR. Amém.(15/06/03)

SER DE LUZ (Lc 24, 13-35)

Essa narrativa é uma belíssima parábola, metáfora da vida humana. Eu sempre gosto de ver no Evangelho não o que acabamos de ler e já entendemos. Prefiro perceber qual a metáfora, qual a parábola humana que esse Evangelho esconde e nos revela.

Nós somos esses dois discípulos de Emaús: os dias passam e estamos sempre caminhando. O calendário caminha, os astros caminham. O tempo passa inexoravelmente. O nosso trem, a nossa condução nunca param. Nós podemos querer pará-la, mas não adianta porque os astros continuam, os dias e as noites se sucedem, os minutos se sucedem. Nós estamos sempre a caminho.

Muitas vezes, como estes dois discípulos: tristes, acabrunhados, porque esperávamos e já não esperamos mais. Essa é a nossa tristeza.

Esperávamos uma mudança política, não veio; esperávamos uma melhora salarial, não veio; esperávamos um melhor relacionamento na família, não veio; esperávamos passar no vestibular, não passamos. Esperávamos, esperávamos, esperávamos e fracassamos. Daí esse olhar triste, acabrunhado. Um olhando para o outro, conversando, discutindo, quando aparece o Senhor – Ser de Luz da nossa vida!

Um ser de luz pode ser qualquer pessoa. Porque ninguém reconhece Jesus, nem eles reconheceram. Aparece um ser de luz em nossa vida, encosta-se em nós, na nossa tristeza e começa a conversar conosco, começa a desembrulhar as nossas tristezas, as nossas mágoas, e começamos a perceber que a nossa vida tem facetas bonitas, que o sofrimento não é uma desgraça, mas uma escola. Que o sofrimento não é a última palavra, mas é um empurrão para frente. Que nos faz crescer, nos faz mais humanos, nos abre o coração. Quem não sofre é duro, é rígido, é pétreo. Quem sofre tem um coração aberto, um coração acessível.

Esse anjo de luz começa a conversar conosco, e nós começamos a arder mesmo sem saber porquê. Continuamos caminhando e ele continua falando ao nosso coração, cada vez mais ardente, porque começamos a descobrir de novo a esperança.

Olhem para a vida de vocês e perguntem quais foram, quais são esses entes de luz, estes seres de luz que vocês tiveram. Agradeçam, discípulos de Emaús! Agradeçam o Jesus ressuscitado que aparece na pessoa concreta que esteve em seu momento de sofrimento e de dor e fez com que o seu coração subisse, se levantasse.

Nós somos esse ser de luz agora. Éramos os discípulos tristes, aborrecidos. Agora não. Agora vimos o Senhor! Nossos olhos se abriram. Agora sim, somos os seres de luz e podemos aproximar-nos, estar ao lado daqueles que estão acabrunhados, tristes e começar a fazer com eles o que aquele Ser de Luz fez conosco. Aí nós nos transformaremos em Jesus ressuscitado.

Ficam as duas grandes perguntas: quem foi Jesus ressuscitado para mim, e quando é que eu fui Jesus ressuscitado para o meu irmão? Amém. (13.04.02)

EMAÚS X JERUSALÉM (Lc 24,13-35)

Esta passagem é mais do que uma aparição de Jesus, é um uma belíssima parábola, história do que é a nossa vida de cristão. Parece-nos que Lucas está descrevendo um pouco a vida de muitos de nós. São experiências pelas quais todos nós passamos.

Primeiro, um encontro com Cristo, aquele entusiasmo, aquele seguimento, um grupo de jovens, jornada juvenil, TLC(*), aquele primeiro encontro, primeira comunhão, sacramento do Crisma. Depois – pretérito imperfeito - esperávamos que isso ia nos dar alegria. Não acontecendo, começamos a nos afastar de Jerusalém. Jerusalém é a Igreja, Jerusalém é a celebração da Eucaristia, Jerusalém é a catequese, Jerusalém são todas essas manifestações da nossa Igreja. Aí as pessoas vão para longe. Dezesesseis quilômetros podem ser dezesesseis mil quilômetros, como Agostinho diz: “Quando o coração está longe, você pode estar a um metro da pessoa, mas você está muito distante!”. Quantos esposos dormem, às vezes na mesma cama, e estão longe um do outro, mesmo sem distância física, porque o amor já não existe.

Então esses dois discípulos que tinham-se entusiasmado por Jesus, de repente, desanimaram. Desanimaram por quê? Porque viram o descrédito, o fracasso na morte de Jesus, o desânimo nas pessoas, os apóstolos com medo, como se nada fosse para frente, que não adiantava fazer nada. E refletiam: é melhor irmos embora, é melhor irmos para Emaús. Para qualquer outro lugar tranquilo gozar a vida. Levar um sonzinho para Serra do Cipó, a sua cervejinha e deixar Jerusalém lá atrás. Jerusalém, pra quê? Emaús é muito mais gostoso. Emaús é muito melhor, Emaús é muito mais atraente. Lá teremos tranquilidade e paz. Às vezes a Eucaristia é pesada, a gente precisa fazer esforço. Jerusalém cansa a gente. Emaús, não. Emaús é só tranquilidade.

Só que Jesus é muito esperto. Quando viu que eles iam para Emaús, colocou-se ao lado deles. Mas eles não O reconhecem. É isso que acontece, porque Jesus nunca abandona ninguém. Aqui foram uns quilômetros, há pessoas que têm quilômetros de vida – dez, quinze, vinte anos ao lado de Jesus e não O reconhecem. Ele está ao lado batilhando, tocando, provocando, falando e a pessoa indiferente, caminhando para Emaús. A Emaús do prazer, do dinheiro, do trabalho, do afã do cotidiano e Ele ali, ao lado, lendo e explicando as Escrituras, tentando ensinar-lhes o sentido da vida. Mas eles estavam cegos. Olhem que metáfora belíssima! Cegos, os discípulos não viam nada; ouviam, mas não viam. Muita gente não vê, mas as palavras são ouvidas, mesmo que não tenham sentido. Sentiam alguma coisa, pois seus corações ardiavam, mas não sabiam o que era..

Mas há um momento mais importante da parábola. É aquele momento em que Jesus finge - olhem bem – finge que vai, mas volta. Essa é a hora crucial da nossa vida. Quando Ele tenta afastar-se de nós, é a horas de dizermos a Ele: “Senhor, fica, porque faz noite no meu coração! Faz noite, estou desanimado, eu não vejo sentido”. Olhem que símbolo bonito: faz noite! Fica comigo, porque faz noite! Se eu chegar e dizer isto, eu já dei o primeiro passo para a salvação. Mas se eu não o disser, achar que a noite é bonita, que a noite é estrelada, que eu não preciso Dele, aí acaba.

Os discípulos teriam ficado em Emaús até a morte. Mas eles convidaram: “Senhor, permaneça conosco. Fica conosco, porque a noite está chegando”. O Senhor ficou. E quando Ele se manifestou? Quando é que os discípulos O reconheceram? Ele falou e fez um grande milagre? Não! Ele fez aquele gesto cotidiano, o gesto de pegar e partir o pão. Na hora em que Ele partiu o pão, eles recordaram. - ‘Foi Ele, é Ele!’ Aquele mesmo gesto que Jesus repetiu ao longo de toda a vida.

Aí está a importância dessa passagem. As experiências positivas vividas na infância, na adolescência - mesmo quando se perdem na idade adulta. Se recordarem um dia do pão repartido, se recordarem um dia das experiências passadas, se tiverem alguma coisa lá no passado que valha, aí voltarão para Jesus e encontrarão os apóstolos, encontrarão a comunidade.

É ou não é a parábola da nossa vida? Amém.

(*) movimento de juventude da década de 70.

CORDEIROS E PASTORES (Ap 9,14b-17/Jo10, 27-30)

Nas leituras de hoje aparecem tantas imagens que às vezes ficamos embaralhados. Não sei se vocês perceberam como o autor do Apocalipse brinca com as imagens. Ele ora fala de cordeiro, ora fala de pastor. Ele diz que o cordeiro é que será o pastor. Como é que um cordeiro, uma ovelha vira pastor? Jesus é pastor ou é ovelha?

Por que a Escritura joga tanto com símbolos? Para que nós possamos abrir um pouco as nossas vidas. Para o Apocalipse, Cristo é fundamentalmente o grande cordeiro, mas é o cordeiro que vai nos conduzir. E como é que o cordeiro conduz? Quem conduz é o pastor. João vai dizer que Jesus é pastor, que nós somos ovelhas. Então Jesus é, ao mesmo tempo, cordeiro e pastor. E nós somos também cordeiros e pastores.

É isso que o Evangelho quer nos dizer. Ele quer nos colocar em situações diferentes: ora somos cordeiros sim, ora somos pastores. Quando é que somos cordeiros, quando é que o Senhor é cordeiro? Quando é que o Senhor é pastor, quando é que nós somos pastores?

Tanto o cordeiro quanto o pastor não são imagens escolares, como nós pensamos – são arquétipos, são símbolos reais, pertencem ao inconsciente coletivo. Portanto, ultrapassa as culturas, mesmo que vivamos numa cidade onde nunca veremos nenhum pastor, nenhuma ovelha, nenhum cordeiro. Não precisa. Está lá, no mais profundo do nosso inconsciente. São essas marcas que atravessam as histórias e as culturas.

O ser humano é marcado. Já Jung trabalhava muito isso – os arquétipos. Que são arquétipos? São símbolos que nos remetem a experiências profundas da nossa existência e do nosso ser. E por isso mexem conosco, nos tocam, nos falam, nos orientam, nos indicam.

E como nós podemos conceber um cordeiro? Ninguém imagina um assalto. Cordeiro fala de paz, cordeiro fala de mansidão, cordeiro fala de silêncio, de tranquilidade. Nessa sociedade agitada, de tantos crimes, de tanta maldade, de tanta perversidade, que beleza são esses jogos simbólicos: a visão do cordeiro em nossa simbologia! Nós queremos sonhar, pensar uma realidade diferente, queremos construir uma sociedade que não seja essa que estamos vivendo.

Quando nós pensamos em cordeiro - o Senhor como Cordeiro - é porque Ele não veio aqui para que o mundo continuasse tal qual. Para isso Ele poderia ter ficado no céu. Por que Ele gastou tanta energia? Por que Ele veio até a Terra? Por que Ele sofreu tanto, se entregou tanto? Não foi para que continuássemos da mesma maneira. Para isso Ele não precisava ter vindo. Bastaria soltar-nos. E aí íamos cavalgar pelo mundo afora.

Mas se Ele veio e se fez cordeiro é porque Ele quis acordar o Bem que existe em cada um de nós. Nós temos que, talvez, cavar fundo, pois existe dentro de nós um cordeiro enorme.

Quem já leu aquele livrinho, 'O pequeno príncipe', sabe que é na caixa que existe o cordeiro. A caixa é o nosso corpo, a caixa é a nossa história, a caixa somos nós, por tudo que somos, com tudo que nós somos. Com nossas línguas ferinas, ferimos; mas

dorme dentro de nós a nossa grandeza que nos torna capazes de dar-nos, entregar-nos e dispor-nos.

O cordeiro existe para isso. Ele é símbolo da doação, da entrega, do sacrifício, do resgate da morte. Ele alveja as nossas almas com seu sangue. E nós, será que nós alvejamos? Não no sentido de atirar, atingir o alvo, mas no sentido de tornar branco. Será que nós alvejamos as pessoas, no sentido de purificá-las na nossa existência? Será que o cordeiro é tão grande em nós que as pessoas, quando se encostam em nós, encontram paz, encontram tranquilidade, encontram a suavidade da maciez da lã do cordeiro? Será que encostar em nós é como encostar num cordeiro ou num porco-espinho que espeta?

Interessante, às vezes as crianças são mais cordeiros do que os adultos. Aprecia-me ver essa imagem de uma criancinha pequena, conduzindo um animal, talvez muito maior, e o animal a segue. Talvez nós é que estejamos precisando desses pastores, que vão nos acordar para uma realidade diferente. Nós estamos muito desgastados, cansados. A nossa vida está se esfriando, falta-nos crédito. Estamos desacreditados. Parece que não temos mais esperanças. Se se abre o jornal só se vê manchetes de tristeza, de aborrecimento, de raiva, de falta de esperança. Não há mais aquele grito primal, vivencial, do ser humano, que é o da criancinha quando nasce gritando para a vida. Parece que nós não sabemos mais gritar para a vida. Nós agora gritamos contra a vida.

E ser pastor é conduzir as pessoas, como diz a leitura de hoje, para as águas tranqüilas, as águas cristalinas. A água é esse símbolo tão maravilhoso, que sacia não só a sede, mas que faz com que sejamos novos. Só quem sentiu realmente uma vez, em seu corpo todo, não só na boca, a falta que faz a água, só quando se emerge inteiro, é que se sente realmente a verdadeira ressurreição.

Está aí a imagem de um cordeiro que nos conduz às águas e nós precisamos de cordeiros que nos conduzam às águas e precisamos também ser cordeiros que conduzam outros à água da vida, da esperança, da coragem de ser e de amar. Amém.(01/05/04)

MÃES (Jo 13,31-33a,34,35)

A festa das mães é uma festa que nos toca muito. Ela nasceu recentemente e talvez até por interesses menos dignos, mas não faz mal. Que outros pensem em outras coisas. Que outros pensem em usar essa festa para finalidades comerciais, mas independente de qualquer coisa, as mães são mães.

Mãe é o arquétipo, mãe é o mito, mãe é uma realidade.

Mãe é o arquétipo. E o que quer dizer “*arque*”? É primeiro, primordial, primigênio. Está lá na origem. Portanto, mãe está lá no começo. E tipos? Para o grego, é poder, é aquele que está logo diante de nós. Aquele para o qual nós olhamos, nos repetimos, nos miramos, nos governamos, encontramos quem somos nós. Então, quando alguém quer saber quem ele é, deve olhar primeiro para a mãe: o primeiro espelho da criança. A criança não conhece, não vê direito, mas sente o cheiro da mãe. Ela vai se aproximando e a criança a conhece imediatamente, porque é a primeira imagem para a qual a criança vai se voltar. A mãe é constitutiva de cada um de nós. Homem e mulher. Os homens são machistas porque são burros. É só burrice que leva o homem a ser machista porque a primeira comunicação do homem é feita através de uma mulher, não é feita através de um homem. Não é por constituição biológica, não é porque a criança está no seio da mãe por meses. Não, é mais profundo que isso. Se fosse só biológico, também os animais sentiriam isso, mesmo porque as gestações (em alguns casos) são muito mais longas. Não é biológico. É o fazer-se da criança em suas relações afetivas. É a palavra, é o sangue, é a tranqüilidade ou não tranqüilidade, é a alegria ou a não alegria da mãe. A mãe passa para a criança um rio de afetividade. Quando, muitas vezes, suas crianças são inquietas, não é seu filho não, é você. É a mãe que passa para as crianças o que é bonito e o que é feio. A mãe tem uma responsabilidade gigantesca. Ela é a primeira imagem, o primeiro modelo. Não primeiro em ordem numérica, mas primeiro no sentido de primigênio, original, que os outros copiam. Não há um *xerox*. A mãe é o original. Nós somos cópia. É o original que vai marcar a criança de uma maneira absoluta e definitiva. Se as mães soubessem o que elas têm nas mãos... O que mais Sigmund Freud(*) falava é sobre essa relação constituinte da criança com a mãe. E quando a mãe ou a criança não conseguem tecer essa relação, a criança estará num abismo tão grande, mas tão grande que ela pode chorar um oceano inteiro de lágrimas que nunca se vai apagar. Quantos homens adultos vão para o divã dos psiquiatras e ao começar a falar de sua mãe, começam a chorar. Machões, gerentes de empresas, poderosos, quando tocam na mãe se derretem, porque é a relação arquetípica.

Mãe é mito, mito no sentido mais bonito da palavra. Nós estragamos a palavra mito. Transformamos mito em uma coisa falsa, em uma coisa inventada. Não. Mito é a maneira mais profunda do ser humano falar. Nós pegamos só o conceito, porque somos muito imperfeitos. Quando queremos falar de algo maior usamos o mito. Adão é o mito, Eva é o mito nesse sentido profundo. Quando o escritor sagrado quis nos passar a realidade misteriosa do início da humanidade, ele recorreu aos mitos, que é a maneira mais linda

que temos de falar. Não narrar, não descrever, mas tocar o Mistério. Mito toca o Mistério. Mãe é mito, é mistério. Mistério não é uma coisa confusa, não é uma realidade que a nossa inteligência não penetra. Mistério é aquela realidade tão fascinante que quanto mais conhecemos, mais queremos conhecer. Guardem: quanto mais conhecemos, mais queremos conhecer! Quando a mãe é arrancada pela morte aos quarenta, sessenta, qualquer idade, nós choramos. A criança chora, o adulto chora, o homem chora porque ele é rasgado dentro do peito, no tecido constitutivo do seu ser. E se ele não chora é porque ele é ruim, é porque está morto, estragou-se na vida. A mãe é a única força de ressurreição para qualquer filho perdido. Nós mesmos conhecemos uma das histórias mais bonitas da humanidade quando aquele jovem bonito, Agostinho, andava pelos desvarios da vida. O que o trouxe de volta e fez dele o maior teólogo de todos os tempos? As lágrimas de sua mãe. Aquelas lágrimas lavaram sua inteligência, purificaram-na, tornaram-na mais transparente, mais lúcida, mais brilhante. Não foram seus estudos, não foi sua filosofia, foram as lágrimas de sua mãe.

Mas mãe também é realidade. Mãe é mulher, mãe pertence ao aqui e agora, mãe carrega todas as dificuldades e é isso que nós temos que conciliar, jogar com esses três aspectos. É um arquétipo fundamental, é um mito que nos leva a perceber o mistério, mas é real, concreto. É essa mãe e não outra e só quando nós sabemos conhecer, reconhecer e amar a nossa mãe, mãe concreta, é que nós curamos todas as nossas doenças mais profundas. Amém.(2001)

(*) fundador da Psicanálise

PERCEBENDO O ANJO EM NOSSAS VIDAS

(At 12,1-11)

Não resisto a fazer uma interpretação simbólica da primeira leitura que ouvimos. Ela é tão bem escrita! Lucas é tão bom literato e trabalha os textos com tantos pormenores, que cada um tem um sentido e abre para nós uma nova perspectiva. Então vejamos:

Pedro estava preso! Pedro é o nome de cada um de nós. Nós estamos na prisão. Prisão da cultura, prisão da sociedade, prisão do sistema, prisões interiores, prisão das nossas amarras neuróticas, prisão genética, do que nós trouxemos em nossa herança, em nossos DNA's. Tantas prisões: de nossos limites, de nossa inteligência, de nossa liberdade, de nossa vontade, de nossa afetividade, de nossa sexualidade. Tantas prisões: prisões dos vícios que criamos na bebida, na droga, no sexo desvairado. Tantas prisões!

Pedro está preso! Mas uma alegria persiste: em qualquer prisão em que vocês estiverem, saibam que a Igreja reza por vocês. É bonito saber isso! Quando vocês estiverem na solidão, quando estiverem na noite mais escura, sem estrela nem lua; quando atravessarem uma selva escura e amedrontadora, saibam que a Igreja reza por vocês. Nunca estaremos sozinhos. Desde aquele momento em que passamos pelas águas do batismo, nos fizemos cristãos e fazemos uma grande comunhão. Todos rezamos por todos.

Se uma velhinha reza num rincão qualquer desse país, perdido no Acre, a oração dela é um bálsamo existente para toda a Igreja do Brasil. Se no Vietnã, há um rezando, nós estamos bebendo da água da sua santidade.

A Igreja rezava por Pedro! E Pedro estava preso, amarrado. É terrível isso! Porque, às vezes, estamos presos e queremos sair da prisão, mas existem guardas. Os guardas muitas vezes se chamam mídia, propaganda, sociedade de consumo. Tantas coisas vão nos amarrando. Talvez um jovem queira sair e deixar a droga. Mas, e os companheiros? E os “amigos” de orgia, vão deixar? Não. São os guardas que o mantêm preso. Os traficantes que mantêm os drogados na prisão, os grupos que os seguram..

Mas eis que – é bonito isso - quantas vezes vamos ter essa experiência! Eis que aparece um anjo na nossa vida. Todos vocês certamente tiveram um anjo na vida de vocês.

Recordo que Frei Betto, prisioneiro político do regime militar, estava preso no DOPS em Porto Alegre. Ele conta que o carcereiro abria as prisões, as celas para que eles pudessem, juntos, celebrar a Eucaristia. Eles se reuniam, porque havia padres entre eles, e se alimentavam da Eucaristia. E quem abria as celas era o carcereiro.

E ele dizia: “Aquele carcereiro foi o nosso anjo”. Aquele carcereiro conseguia coisas proibidíssimas: introduzir um pouquinho de vinho para celebrarem o Sangue do Senhor. Quando eles queriam mandar uma mensagem para fora, o mesmo carcereiro ocultamente fazia passar as mensagens. Esse foi o anjo da prisão. Um homem qualquer, cujo nome nem sabemos qual é, foi um anjo para aqueles prisioneiros.

Assim também nós. Não estamos presos numa prisão física, mas todos estamos ou estivemos presos e precisamos de anjos. Aquele amigo que encosta o ombro no nosso ombro, nos levanta quando estamos caídos. O anjo é aquele que diz a palavra exata na

hora certa, para a pessoa certa, como diz a música do Pe. Zezinho.

Um professor que encontra um aluno que está perdendo-se pelo caminho, está passando por uma crise. Ele se senta ao lado do jovem e recomeça a retomar a vida com ele. Daí a pouco ele se ergue. Esse professor foi, é anjo. Até numa parada de ônibus, de repente uma pessoa se encosta, começa a falar e sussurra uma palavra diferente. Abra os olhos: você encontrou seu anjo.

Que, oxalá, todos os casais reconheçam em seu esposo, em sua esposa, o grande anjo. Em muitos casamentos, o marido, a mulher são anjos para o outro. Em muitos namoros, um é anjo para o outro. Anjos que o acordam para o bem, para a virtude, para a beleza, para a pureza, para a transparência.

Mas o anjo não faz nada sem que o outro faça alguma coisa. “Pedro, calça a tua sandália; Pedro, cinge-te; Pedro, toma a tua túnica!”. Nós temos que calçar a nossa sandália, nós temos que caminhar com os nossos pés. O anjo não vai fazer por nós, não vai nos substituir. O anjo vai à frente abrindo as prisões, impedindo que os guardas façam alguma coisa contra nós. Mas é com nossos pés que temos que caminhar, é com a cinta que nos cingiremos e é com a túnica que nos vestiremos.

Você terá sempre a certeza da presença do anjo, mas a iniciativa será sempre sua. De cada um de nós dependerá o início da caminhada, certos de, que junto de nós, diante de cada obstáculo, estará o anjo: a presença marcante e definitiva de Deus em nossas vidas. Amém. (04.07.04)

JUSTIÇA E MISERICÓRDIA (Lc 18,9-14)

O Evangelho hoje traz uma lição do óbvio e uma lição mais profunda.

A lição do óbvio todos nós sabemos: esses dois homens rezam, e Jesus depois qualifica a oração dos dois. O fariseu como símbolo da observância da Lei e o publicano, o transgressor da Lei. E Jesus inverte o seu juízo, diz que o transgressor da Lei volta justificado e o observante da Lei não volta justificado. É o óbvio. E o óbvio é complicado, porque Jesus questiona a própria ordem religiosa que estava sustentando o povo de Israel.

Mas eu tenho a impressão de que Jesus quer ir um pouquinho mais longe e acho também que nós estamos dentro de uma circunstância muito propícia para refletir sobre o Evangelho.

Nós vivemos no duplo mundo da justiça e da misericórdia. Quando a justiça e a misericórdia se somam e se unem podem transformar as relações. Porque a justiça envolve a misericórdia e a misericórdia veste a justiça. Mas quando a justiça se destaca da misericórdia e se transforma na justiça das obras, então ela é dura, ela é impenitente, ela é severa – a justiça se faz injusta. Quando a justiça se separa da misericórdia e quer basear-se somente nas obras, ela fica dura.

Quando nós começamos a contabilizar os atos: “eu fiz isso, você fez aquilo, vamos colocar na balança para ver pra que lado pesa mais”. Aí nós temos a destruição do amor e da vida. Vamos descer mais concretamente: numa relação humana, numa relação familiar, numa relação matrimonial se os dois começam a pesar a justiça dos seus atos – soma, divide, multiplica, diminui – a relação desaparece. Não há contabilidade no amor, não há contabilidade nas relações interpessoais. Não é porque eu fiz três visitas à sua casa que agora eu fico esperando as três de volta. Acaba a amizade. E, infelizmente, é assim que funciona a sociedade capitalista. É assim que funcionam todas as relações.

Quantas pessoas ficam medindo os presentes para ver se estão na mesma proporção, e, às vezes, sentem-se obrigadas, até além de suas possibilidades econômicas, por terem recebido um presente maior? É isso que Jesus comenta hoje. Esse não voltou justificando.

O publicano, economicamente até tinha mais do que o fariseu, mas não é assim que Jesus julga. Ele não tinha nada diante de Deus, ele era transgressor. Na linguagem da década de setenta, o “dedo-duro”. Ele era alguém que traía o seu próprio povo, ele era alguém que recolhia o dinheiro dos judeus e passava esse dinheiro aos romanos, que eram os dominadores, os ocupadores da terra. Quando o fariseu viu aquele publicano, não quis se comparar com ele. Pois o fariseu era o observante da Lei, pagava o dízimo, ia à missa.

Toda vez que baseamos as nossas relações nessa justiça, nós nos distanciamos. Derrubaram a torre(*), vamos acabar com duas, derrubaram duas, vamos acabar com outras para mostrarmos que somos mais inteligentes ainda. Vamos criar todo um sistema que vai destruindo as pessoas até dentro de suas cavernas. Essa é a justiça farisaica, esses não voltam justificados para casa.

Agora, a misericórdia é honesta, a misericórdia é muito maior que a dívida. Não há medida para a misericórdia. Se Deus nos tratasse assim, pela medida da justiça, estaríamos perdidos. Quem de nós pode arrogar-se diante de Deus e dizer; ‘Deus, eu tenho um crédito perante Vós!’?

Historicamente, temos nosso pai e nossa mãe que nos deram a vida, mas nós não merecemos nem um ato de nossa vida. O amor não se merece, o amor se dá na bondade e na gratuidade.

Se começássemos a medir o olhar de carinho de uma criança, nossa vida perderia o sentido. Mas se eu me coloco nessa situação de abertura, de acolhida, cada palavra será uma surpresa, cada palavra de carinho e de acolhida me fará feliz, não porque eu mereça. E essa abundância é a bondade, é a delicadeza das pessoas que nos envolve. Agora, se eu acho que os meus talentos, os meus valores merecem mais, eu sou um frustrado, eu sou um amargurado. Tornamo-nos pessoas espinhentas, ouriços ambulantes, porque mediremos a vida. Viveremos com uma fita métrica, para medir o tamanho de nossa existência, o tamanho de nossas amizades, o tamanho de nossos amores. Seremos pessoas extremamente infelizes e Jesus quer nos ensinar o caminho da felicidade.

Se embarcarmos no trem da generosidade, no trem da igualdade, no trem da misericórdia, as paragens serão muitas. Todas as coisas terão cores bonitas e mesmo que não tenham, saberemos ver a beleza. Porque os nossos olhos receberão cada gota de luz como um dom do Senhor, cada gota d’água como um presente de Deus, cada sol que nasce como uma dádiva divina. Cada céu azul que cobrir nossa cidade será como um manto de Deus que se estenderá sobre nossos olhares. A nossa vida se transformará num contínuo canto de gratidão e de alegria. Os azedumes desaparecerão e nossos sorrisos se abrirão. Amém.(27/10/01)

(*)alusão ao atentado ao World Trade Center - Nova York, EUA, em 11/09/01

JESUS QUER MAIS QUE RITO E ROTINA.

ELE QUER AMOR (Lc 7,36-8,3)

Tema bonito, irmãos! Olhem que profundidade de Jesus! Nós nunca ligamos amor com perdão e Jesus liga. Quando conseguimos perdoar alguém não mostramos fraqueza, mas mostramos grandeza, sublimidade. Mostramos que o nosso coração é maior.

As três leituras parecem se suceder. A primeira traz só um pedaço. Não a ouvimos toda. É a história do rei Davi que, vendo uma moça tomando banho, encheu-se de paixão e quis saber quem era ela. Disseram que era esposa de Urias. Então ele manda Urias para o campo de batalha para que morra lá e ele possa roubar sua esposa. Pensando que Urias morrera, ele leva sua esposa para sua casa. Mas Urias não morre. Volta e Davi, mesmo já tendo gerado um filho, arrepende-se e diz: “Misericórdia, Senhor, eu pequei!”

Refaz sua vida e Deus o perdoa. Mas o pecado dele era tão grande que a vida que gerou não foi vida e a criança que nasce, morre. Não é castigo de Deus, não. Nós é que nos aniquilamos quando temos a morte dentro de nós. Mas esse santo rei vai dar um novo rumo à sua vida.

Paulo vai falar na mesma direção, na mesma linha. Ele diz que muitas vezes construímos os ritos e todos os ritos e gestos que construímos podem ter três realidades. E aí está toda a riqueza da liturgia de hoje.

Os nossos ritos podem ser fingimentos. Criamos todo um ritual para esconder os pecados. Quantas palavras, quantos gestos nossos são feitos para enganar?! Vem o profeta e nos desmascara. Profeta é a nossa consciência. Não adianta o que passamos para as pessoas, porque sabemos, no fundo de nós mesmos, que estamos mentindo. O rito, por mais religioso que seja, se não traduz a verdade da nossa vida, é uma mentira. É o caso daquele fariseu muito exemplar, repreendido por Jesus. De que vai adiantar tantas obras boas, se não somos capazes de entender a miséria humana? Para que tantos atos bons se na hora em que precisamos mostrar bondade, não sabe demonstrá-la?

Esses são os ritos da rotina, que não são maus, mas para Jesus são insuficientes. Não adiantam os atos religiosos. São puristas, não são maus, não. Jesus não condena os atos bons, mas eles são insuficientes. Isso quis dizer Jesus.

Quando nossos ritos não são envolvidos pelo amor eles não bastam para que nos transformem, nos fomentem e nos modifiquem. Ele cita o exemplo daquela mulher que era pecadora. Quando ela mostra o amor no rito de lavar os Seus pés com as lágrimas e enxugá-los com seus cabelos; de beijar-Lhe os pés, o seu gesto não é vazio. Ela não está indo a uma missa sem nada por dentro, mas está carregada de amor. Por isso todos os seus pecados lhe foram perdoados.

Os ritos podem ser fingidos, rotineiros ou carregados de amor. Aí estão as três categorias. Se é um rito fingido, não vai adiantar nada. Podem vir a todas as missas do mundo e não servirá para nada, porque não atinge o interior.

O mais comum é o rito rotina, como o do fariseu. Não é ruim, mas é pouco. Jesus diz: “Eu quero mais dos meus servidores. Eu não quero que sejam pessoas ritualistas, que

façam as coisas por fazer. Quero que a importância das coisas venha de dentro e a única realidade que importa é o amor”.

A mulher esquece tudo, não tem vergonha de nada. Era conhecida como pecadora, não interessa. Entra na sala, invade a casa do fariseu. Terá recebido dele um olhar de desprezo, até de repugnância. Mas ela se agacha diante de Jesus e encontra o Mestre. Quando ela O encontra, arrepende-se. O fariseu terá ficado desmoralizado, pois Jesus disse: “Quem ama muito, mesmo que tenha grandes pecados, será perdoado”. O amor cobre toda uma multidão de pecados. Amém.

O AMOR RECONSTRÓI POR DENTRO

(2Sm 12,7-10,13/Lc 7,36-8,3)

Antes de começar a comentar esse Evangelho, que é de uma beleza inaudita, eu queria pescar uma palavrinha da primeira leitura, porque ela induz facilmente a equívoco a respeito de Deus, sobretudo pela imagem que Jesus reflete.

O fato a que se refere é aquele famoso pecado de Davi. Ele tinha visto uma mulher muito bonita, cobiçou-a, engravidou-a e depois soube que ela era esposa de um soldado. Então Davi arquitetou um projeto de colocar o soldado na frente do exército para que morresse e, assim, ele pudesse tomar posse da mulher. Naquela época, a poligamia era aceita. Então se a mulher fosse viúva, Davi poderia ficar com ela e com a criança.

E o profeta lança-lhe o pecado em face e diz: “Deus te perdoou, mas a criança morrerá”. Numa leitura imediata - que chamaria de fundamentalista, equivocada - pensar-se-ia que Deus puniu Davi, matando a criança. E assim alguns pregam por aí. É claro que esse Deus não pode ser o nosso Deus, não pode ser o Pai de Jesus. É um Deus inventado por alguns pregadores terríficos. A morte da criança veio como a de tantas crianças que morrem. É o profeta que interpreta - não o coração de Deus, mas o coração de Davi. Ele sim - Davi - achou que realmente não merecia ter essa criança. Não que Deus precipitasse a morte sobre Davi. De jeito nenhum. Mas ele se julgava indigno de ter um filho e de fato, esse filho morreu, de causas naturais, como ainda hoje acontece, apesar de todos os avanços da ciência.

Agora vamos para o Evangelho.

O Evangelho é mais chocante do que vocês imaginam, porque Lucas escreve este texto, depois da ressurreição de Jesus, para uma comunidade como a nossa, que sabe que Jesus é Filho de Deus, que sabe que Jesus perdoou pecados. Aquela mulher não sabia nada disso, nem o fariseu.

Jesus era um homem normal, comum para aquelas pessoas - jovem, trinta e poucos anos. Mas era alguém que começou a dizer, a pregar várias coisas muito extraordinárias, de tal maneira que o fariseu fica curioso em conhecê-Lo. Pura curiosidade! Que pensa esse Homem? É como se aparecesse aqui um grande professor e nós ficássemos curiosos para saber o que ele pensava. Assim também com esse fariseu: convida Jesus para saber.

E essa mulher? Essa mulher também não sabia que Jesus era Filho de Deus. Essa mulher só conhecia Javé: aquele Deus terrífico, aquele Deus que os fariseus pregavam, aquele Deus que Davi vai pensar que matou a criança. É esse Deus que ela conhecia: pecou? a criança morre. E, de repente, ela vê um Homem que começa a falar diferentemente de Deus e ela fica fascinada. Não sabe porque Ele pensa assim, nunca saberá. É diferente. E quando ela olhou para esse Homem, quando O encontrou... quanto espanto! Provavelmente ouviu pregações Dele, meio escondida, envergonhada, porque era uma prostituta reconhecida na cidade. Não tinha nem coragem de aproximar-se de Jesus. Mas vendo aquele Homem, via sua transparência, sua profundidade, seu olhar,

sua maneira de falar de Javé. Era tão diferente, mas tão diferente daqueles fariseus, daqueles pregadores, daqueles levitas, daqueles sacerdotes, que ela pensou: “Esse Homem me diz alguma coisa, Ele me constrói por dentro, Ele me ressuscita, Ele refaz a minha auto-imagem quebrada. Eu, que conheci tantos homens, nunca fui amada por nenhum deles. Todos exploraram o meu corpo e esse Homem se aproxima de mim de uma maneira nova, de uma maneira que eu não conheço. Ele fala de Javé, Ele fala de um jeito diferente de Javé. Não sei quem Ele é, mas eu vou beijá-Lo, vou chorar diante Dele. Eu vou enxugar os seus pés com os meus cabelos, porque eu encontrei alguém que me ama, alguém que me ressuscita, alguém que me reestrutura por dentro, alguém que me devolve a dignidade que eu tinha perdido, a dignidade que ninguém me reconhecia, a dignidade que ninguém via em mim, porque só viam uma mulher jogada”. Como diz lá o fariseu: “Se Ele soubesse quem é essa mulher, não deixaria que ela O tocasse”. O fariseu representa toda a sociedade judaica daquela época, todo o povo e toda a cidade.

Jesus, a única exceção, falou com aquela mulher. Quando Jesus disse: -‘Os teus pecados te são perdoados’ – claro que Ele não falou esta frase -, porque aquela mulher não sabia que coisa era pecado. Ela nunca se confessara, e nem havia confissão naquela época. Isso já é para os cristãos. Jesus terá dito: “Mulher, você é digna. Mulher, você vive, você merece todo o respeito e todo o carinho! Eu, jovem, sou aquele único Homem que fez você renascer. É por isso que você é nova. Pode voltar, vá em paz. Continue sua vida, porque você existe, porque um dia você foi realmente amada, e o amor reconstrói e recria as pessoas por dentro”. Amém. (13.06.04)

PEDRO E PAULO (Mt 16,13-19/At 12,1-11)

Falar de São Pedro e São Paulo é falar da alma da Igreja, é falar daquilo que mexe com nosso inconsciente cristão e católico. Os dois carregam atrás de si uma longa história. E Deus quis mostrar pra nós que Ele não gosta das uniformidades, das unanimidades, das coisas parecidas ou iguais. Ele escolheu duas pessoas bem diferentes, para serem as colunas dessa Igreja, senão vejamos:

Vocação de Pedro: pescador, homem simples, quem sabe, analfabeto. Mas ele escreveu uma carta?! Poderá ter ditado...Homem simples, que não ultrapassou muito o conhecimento de uma pessoa que trabalhava numa pequenina empresa de pesca. E esse homem segue Jesus. É um homem também destemido, corajoso, mas rude, vai trair Jesus, muda também de nome. Jesus chama-o pedra, daí Pedro, portanto, sólido, firme, rígido, duro, que vai enfrentar situações difíceis.

Paulo significa pequeno, ágil, inteligente, culto. Estudou na melhor escola judaica, aos pés de Gamaliel, conhecia grego. Gente, ele chegou a Atenas! Atenas, naquela época, era o maior centro cultural do mundo. É lá que esteve Platão, é lá que Aristóteles lecionou. Gente, é de lá que vem toda a nossa filosofia. Tudo o que nós pensamos hoje vem daquela cidade, daquela galeria onde Aristóteles e Platão deram aula. E ele lá vai pregar, ele vai enfrentar a elite intelectual daquela época e vai anunciar Jesus no Aerópago. Corajoso, destemido, cidadão romano.

Pedro morre crucificado, morte de gente pobre.

Paulo, cidadão romano, não pode ser crucificado, morre decapitado, morte mais digna para um soldado romano.

E se vocês forem a Roma, verão a Basílica de São Pedro lá no centro do poder da Igreja. Verão naquela praça uma gigantesca igreja, basílica, a maior igreja do mundo. Nunca houve uma igreja tão grande, nunca foi construída outra. Está lá, onde o papa mora.

Paulo está fora, mora fora da cidade, lá nas ruínas da cidade.

Olhem a diferença: Pedro no centro, Paulo na periferia. Pedro mantém a tradição, Paulo questiona a tradição. E há um momento em que os dois se chocam.

Eu gosto muito de falar desse choque da tradição com a realidade, porque todas as gerações vivem esse choque. Todos os filhos vivem essa experiência com seus pais, todos, sem exceção. E Paulo significaria, o que chamamos hoje, a juventude. Pedro, a idade provecta. O pai conserva as suas tradições e tem de dizer para a filha ou para o filho: “você tem que fazer isso, você tem que fazer aquilo”, e o filho torce o nariz. Assim é Paulo. Pedro quis manter os costumes judaicos. Paulo diz: “Não! Os pagãos não vão fazer-se judeus, eles têm a liberdade de Cristo, eles não serão circuncidados, não vão deixar de comer carne de porco – que ainda hoje é proibido. Não, eles serão normais, porque Cristo os libertou dessa lei!”. Enquanto Pedro queria segurá-los na lei judaica.

Essa é a tensão que a Igreja vai manter até hoje. Todos temos dentro de nós um Pedro e um Paulo, e as gerações também têm um Pedro e um Paulo.

O Paulo em nós: somos corajosos, quando temos vontade de criar alguma coisa, quando pensamos, quando sonhamos, quando queremos abrir os braços para vôos longos. Mas precisamos ter segurança, precisamos ser pedra. Não podemos ser uma peninha voando por aí, superficialmente. Não, é importante a rocha, é importante a segurança, a firmeza de pedra. Se nós tivermos a firmeza de Pedro, nós teremos a ousadia de Paulo. Se tivermos a tradição de Pedro, poderemos ter a coragem de Paulo. Se tivermos o amor de Pedro para enfrentar a cruz de Cristo, poderemos ter a capacidade criativa do cidadão romano, que era Paulo.

Uma última palavrinha sobre essa primeira leitura que eu acho linda. Nós estamos no ano da reflexão sobre a droga. Eu vejo nessa primeira leitura, que é a prisão e a libertação de Pedro, a parábola do jovem drogado. Imaginem-no amarrado, preso no cárcere, mas a Igreja rezando por ele. Pedro, inútil, não pode fazer nada, sem força, estava acorrentado, mas a Igreja estava rezando por ele e aí aparece o anjo.

Irmãos, o anjo não veio do céu, o anjo está aqui nessa igreja. Cada um de nós é chamado a ser anjo. Anjo significa mensageiro, aquele que caminha na frente. Olhe que beleza aquele anjo! Não é um anjo que Deus manda do céu. Não, são os anjos de carne, são os anjos de olhos, são os anjos de mãos, são os anjos de carinho e de ternura. Precisam libertar esses jovens que estão amarrados, quebrar-lhes as correntes, caminharem diante deles. Eles não têm sonhos. Eles não acreditarão que isso está acontecendo com eles e vocês dirão: “É verdade sim, porque vocês encontraram um anjo em suas vidas”. E se há muitos anjos que pervertem os jovens, há muitos anjos que os redimem. Amém!

SER LIVRE PARA AMAR, AMAR PARA SER LIVRE

(Lc 9,51-62)

De novo estamos diante de Lucas, tecendo vários pequenos textos da tradição, para colocar diante de nós esse conjunto tão bonito. Talvez para nós que não conhecemos bem a tradição, a cultura daquela época, seja difícil entender porque aconteceu isso na Samaria. Tentarei explicar.

Israel era dividida em três grandes estados: a Galiléia, ao norte; a Samaria, no meio; e a Judéia, onde estava Jerusalém, ao sul. Então os galileus, para irem até Jerusalém, atravessavam a Samaria, a não ser que passassem por uma orla por fora. E os samaritanos eram considerados cismáticos, heréticos, porque eles não adoravam Javé em Jerusalém, mas num outro monte, chamado Garizim. Quando os judeus iam para Jerusalém, eles faziam retaliação. E quando Jesus disse que Ele e os apóstolos iam para Jerusalém, os judeus pensaram que os samaritanos não os acolheriam. Era uma briga interna. É esse o contexto. Um contexto cultural e religioso de oposição entre os samaritanos, os judeus e galileus.

Isso é tão atual que nós estamos vendo o que está acontecendo em nossa sociedade: o primeiro sentimento do ser humano é de vingança. É impressionante! João quando jovem, era bem furioso, por isso tinha o apelido de Filho do Trovão. Depois de velho tornou-se aquele apóstolo tão suave, que vai dizer: “Amai-vos uns aos outros”. E isso é bonito, porque depois vem a doçura, a bondade. Mas jovem, era forte, impetuoso. Junto com o irmão, Tiago quis pedir a Deus, o fogo do céu. Exatamente, esse fogo do céu hoje são os mísseis que caem no Iraque, são as mortes, as guerras. É isso que o homem quer. Nós somos seres terrivelmente violentos.

Eu estive ontem numa mesa redonda, no Rio de Janeiro, sobre a paz, com o grande antropólogo Roberto Da Mata, quando um deputado estadual começou a nos falar das estatísticas da violência: a cada mês se assassinam pessoas em quantidade no Rio. Praticamente, em termos estatísticos, o Brasil está numa guerra civil. Morre-se mais no Brasil pela violência urbana do que nas outras guerras e em grande parte, quem mata é a polícia. Parece que no Rio de Janeiro o policial é valorizado pela quantidade de “marginais” que mata. Muitas vezes esses “marginais” são pessoas normais. Realmente, uma violência espantosa! E não é só no Rio; em Belo Horizonte já acontece coisa semelhante. Nós estamos combatendo a violência com mais violência. E aquele deputado mostrou que quanto mais a polícia é violenta, mais crimes se cometem.

Agora é Jesus que diz aos apóstolos: “Não, nada de fogo do céu para os samaritanos. Nós temos que acolher as pessoas”. A grande lição, e talvez a grande originalidade do cristianismo, é a dimensão do perdão. É uma dimensão extraordinária. Não temos nem a capacidade de compreender de que somos capazes de perdoar. O Espírito dentro de nós é que cria essa abertura. Jesus já começa a ensinar isso aos apóstolos e João vai aprender. Só mais tarde ele vai dizer o mandamento fundamental, que é o mandamento do amor.

Há uma tradição muito bonita, que eu não sei se é verdadeira: dizem que quando

João era velhinho, e já nem conseguia quase falar, se contentava em repetir: “Filhinhos, amai-vos uns aos outros!” Bastava-lhe essa frase. E ele morre, anunciando o amor. O mesmo João que pediu o fogo do céu. Isso nos dá esperança de que os corações humanos se transformem.

As outras passagens não são fáceis de entender. É claro que Jesus não pede a ninguém que não vá enterrar o morto. Jesus nunca vai dizer para não nos despedirmos de algum parente; que se colocarmos a mão no arado, não devemos olhar para trás. Claro que não é isso. São exemplos simbólicos, para que percebamos uma atitude interior de liberdade.

Uma das coisas mais lindas do Evangelho, que Jesus trabalha por toda a Sua vida e quer que nós trabalhemos também em nossa vida, é essa liberdade interior. Nós somos muito presos, muito amarrados. Atados a tudo. É isso que Jesus diz. “Aquele que coloca a mão no arado”, quer dizer, aquele que vai tomar uma decisão precisa ter uma liberdade interior. Não pode estar preso, condicionado por ideologias, culturas, por amarras. A única dimensão para a liberdade é o amor.

Nós não somos livres porque não amamos, não amamos porque não somos livres. Há um jogo difícil. O que vem primeiro: a liberdade ou o amor? Os dois são simultâneos. A liberdade prepara o amor, o amor prepara a liberdade. Nós temos que trabalhar, ao mesmo tempo, a dimensão de liberdade interior e a dimensão do amor.

Os dois caminham juntos, de braços dados.

Esse querer enterrar o pai, não é enterrar o pai. Ele não quer desprender-se de. Aquele que quer despedir-se da família, não quer desprender-se de. O Senhor quer que nós tenhamos essa coragem de olhar para as coisas - não para as pessoas - e dizer: “de quanta coisa eu não necessito”. Porque só Deus me preenche, só Deus basta. Amém. (26.06.04)

SERVIR E CONTEMPLAR (Lc 10, 38-42)

Esse Evangelho tornou-se um símbolo, o que chamamos em filosofia um *topos*, isto é, um lugar. Um lugar freqüentado por muitas reflexões diferentes. São esses textos que produzem muitos sentidos. Um deles é a interpretação que vocês ouviram no comentário: Jesus entra, a moça continua trabalhando sozinha, enquanto a outra fica conversando com Jesus, e a primeira reclama, conforme vocês ouviram. Isto é o óbvio.

Os santos padres(*) olharam para essa cena e tentaram perceber nestas duas pessoas, em Maria e Marta, os dois tipos de vida cristã que eles conheciam na Igreja daquela época. A vida do cristão normal, com vida ativa, a vida que vocês levam, trabalhando nas pastorais, na família, em seus empregos. Isto é Marta. Então Marta era o símbolo da vida ativa. Os monges que estavam nos grandes mosteiros medievais, o dia inteiro rezando, contemplando tinham o símbolo em Maria.

Naquela época, na idade média, ou antes, na patrística, achavam eles que a vida contemplativa era mais importante, por isso aquela fala de Jesus: “Maria escolheu a melhor parte”. E por isso havia tantas vocações. Houve mosteiros que chegaram a abrigar cinco mil monges. Cinco mil homens cantando, rezando, salmodiando e louvando a Deus. Eles rezavam e trabalhavam o dia todo. Então Maria era o símbolo mais próximo da vida deles.

Mas hoje não concordamos muito com essa análise, porque a nossa vida é diferente. Eu prefiro outra interpretação.

Nós somos – cada um de nós - Marta e Maria. Nós somos, em vários momentos, Marta, em vários momentos, Maria. Cada um de nós, não duas vidas diferentes. Não é ser monge ou não ser monge, mesmo que seja uma bonita vocação. Não é isso que é ser Maria. Ser Maria são momentos de nossa vida: momentos de silêncio, de contemplação, de quietude, momentos em que a pessoa se recolhe para encontrar Deus no mais profundo de si mesmo. Nesse momento você escolheu a melhor parte que é a profundidade do seu ser. A melhor parte nossa, o que temos de melhor não é o que nós vemos. Mesmo que tenha uma aparência muito bonita, não é o melhor, graças a Deus.

Graças a Deus, nós não vemos o melhor das pessoas. O melhor está muito mais profundo, muito mais lá dentro. E é no momento em que você se encontra com o melhor de você mesmo é que você é mais Maria. Quando descobre aquela abertura para a Transcendência, despertando um desejo de ser maior, de sonhar – como diria Leonardo Boff – de ser águia. Esses são os nossos momentos lindos.

Vocês terão visto nos jornais aquela cena tão trágica e triste, em Gênova, na Itália(**). Enquanto lá dentro estão os grandes, banqueteados, lá fora um mundo de gente protesta. Talvez esses grandes não saibam porque os jornais não falam das coisas mais lindas que existem: centenas e centenas, talvez milhares de pessoas em Gênova, rezando, passando a noite em vigília, meditando, encontrando a Maria em seu coração. Rezando para que o mundo seja mais justo. Para que aqueles homens, aqueles oito grandes, não pensem no seu dinheiro, não pensem nos seus bancos, não pensem nos lucros que vão

tirar, mas pensem no sangue que estão sugando dos países pobres e também no dia em que vão responder diante de Deus. Os milhões de dólares de todos eles não valem nada, absolutamente nada diante da humildade de um olhar transparente. Por razões assim esses homens e mulheres estão rezando e jejuando em Gênova. Eles querem dizer para os grandes que há gente no mundo que acredita na Transcendência. Que eles podem chafurdar-se no dinheiro, mas há pessoas que acreditam em Deus, na Vida.

Existem Marias nos nossos corações. Isso é lindo, gente! É ou não a melhor parte que nós temos? Pessoas que são capazes de fazer de suas vidas um lugar para lutar pelos pobres, pela justiça, por uma sociedade mais digna. Isso é Maria no dia-a-dia. Eles, elas escolheram a melhor parte. Estão lá rezando, de joelhos, nas catedrais, nos mosteiros para que o Espírito ilumine aquelas cabeças que se julgam iluminadas e ilustradas pelo dinheiro e não pela oração.

E quando somos Marta? Há duas Martas: a Marta da modernidade. É essa Marta agitada, que só quer dinheiro, essa Marta que só quer produzir por produzir, essa Marta consumista. Essa é a pobre Marta, paupérrima Marta! Mas existe uma outra. É a Marta dessas pessoas de nossa sociedade que se comprometem para ajudar a comunidade, estão engajadas nas lutas sociais do país, estão trabalhando para sustentar suas famílias. Essas são as Martas bonitas que nós temos: esse dom dessas mulheres, jovens e crianças que estão inquietos porque querem alguma coisa melhor para esse mundo. Impregnam e criam a realidade. Produzem idéias e utopias para que o mundo seja melhor. Beatas, bem-aventuradas, belíssimas Martas!

Se cada um de nós hoje sair dessa igreja descobrindo a sua Maria naquele momento de oração e de contemplação e descobrindo a sua Marta nos seus compromissos, o mundo será melhor, e nós mais felizes.

Marta e Maria, ambas escolheram a melhor parte. Amém.

(*)teólogos do início do Cristianismo, período da Patrística, até aproximadamente o século VII.

(**)referência ao G-8/2001(encontro de representantes dos oito países mais ricos do mundo).

MARTA E MARIA (Gn 18,1-10^a/Lc 10,38-42)

O texto da primeira leitura começa dizendo que “O Senhor – tradução portuguesa da palavra Javé, portanto, o Deus de Israel – O Senhor aproximou, visitou, apareceu, veio em direção a Abraão”. Até aí, tranquilo. Mas o mistério está no seguinte: é que vieram três homens. O judeu nunca entendeu isso. Por que ao aparecer o Senhor, vêm-se três homens? Claro que hoje nós entendemos que é o símbolo da Trindade. Vem toda a Trindade falar a Abraão. E qual é a reação de Abraão? Olha que bonito! Ele corre para acolher. Ele pede que Ela venha, que entre em sua casa. Lava-lhes os pés, prepara a melhor comida: a farinha mais pura, o cordeiro gordinho, a coalhada.

É o símbolo do nosso coração que se abre e se prepara para o Senhor. E o toque final: o que acontece quando o Senhor passa na nossa casa? Onde não há vida, aí nasce. Aí estava Sara, estéril, sem filho, já velha, não podia mais gerar – é o símbolo de toda a nossa incapacidade de construir alguma coisa de valor, de vida. Passa a Trindade e no instante seguinte está o pequenino Isaac nos braços de Sara. A vida nasce da presença do Senhor!

Também o Evangelho é de uma beleza única. O Senhor – agora o Senhor é o Homem Jesus, visível, portanto, com sua humanidade, com sua sensibilidade, com sua perspicácia. É convidado por Marta, e Maria fica a seus pés.

Quem é Marta? A cada ano nós podemos imaginar Marta diferentemente. Hoje eu vou pensá-la como os nossos cinco sentidos. São as nossas cinco janelas.

Marta são os nossos olhos. Ela olha pra casa, vê o que falta. Precisa-se disso, daquilo. É a nossa preocupação que nasce do olhar. Deus nos deu olhos para isso: para olharmos, observarmos e percebermos do que as pessoas precisam. É para isso que são os olhos. Em geral os nossos olhos se voltam para o que nós precisamos. Mas os nossos olhos existem para que percebamos o que os outros precisam. No caso, de que o Senhor precisa. É com isso que Marta se preocupa.

Marta são os ouvidos, a nossa capacidade de perceber. Ela ouve pedaços de conversas de Jesus. Ela fica curiosa, ela fica dividida. Percebe que olha para as coisas que precisa fazer e quer ouvir a palavra do Senhor, enquanto Maria, sim, essa é toda ouvidos. E Marta interpela o Senhor: “Mande-a ajudar-me”. Porque ela não suporta a contemplação da outra, ela não suporta o silêncio da outra. Ela é sensitiva, ela percebe as coisas com o seu tato, com o seu paladar ao preparar a comida para o Senhor.

Maria é aquela que – eu insisto muito com vocês – abre a janela do mistério. Maria olha para o Senhor e vai além dos sentidos. Ela não precisa mais ver o Senhor, pois o seu coração já O ultrapassa. Já não é mais o olhar físico, é o olhar do coração, é o olhar do amor, é o olhar da espiritualidade. O Espírito vê muito mais fundo. O Espírito atravessa tempo e espaço. Maria se deixa envolver pelo Senhor naquele mistério, ouvindo cada palavra com os seus olhos. Ela ouve com os olhos, ouve com o ouvido, ouve com o paladar, ouve com o tato, ouve com os lábios.

Os seus cinco sentidos não são mais sentidos para captar o mundo visível, são sen-

tidos para captar o mundo do mistério, o mundo da interioridade. E todos nós somos mistério para nós mesmos e para os outros.

Com os sentidos vemos os corpos das pessoas, como eu vejo vocês. Com o sentido da contemplação eu alcanço a interioridade de vocês.

É esse trabalho que nós temos que fazer: ultrapassar a fisicidade dos corpos. Os corpos se gastam, se consomem. Eles desaparecem lentamente. E o Espírito cresce, aumenta, se agiganta.

Se os nossos sentidos ficam presos somente ao corpo, eles nunca ultrapassarão essa dimensão que nos prende ao tempo e espaço.

Maria nos ensina os sentidos espirituais. Ensina-nos a mergulhar na existência, na raiz da nossa existência.

Quando eu me pergunto; ‘Quem sou eu?’ só posso responder: ‘Eu sou aquele que sou amado eternamente por Deus. Eu sou aquele que sou chamado por Deus. Eu sou aquele que sou convidado a participar da eternidade. Eu sou aquele que não me satisfaço com nenhuma realidade humana, porque o meu coração é infinito. Eu não caibo nessa Terra. Eu sou maior que todos os corpos, eu sou maior que duzentos bilhões de galáxias, eu sou maior que tudo’. Uma criancinha pequena é muito maior que todas as galáxias.

E sabem por que Deus criou duzentos bilhões de galáxias? Para que nós existíssemos e para que, nós existindo, Ele pudesse habitar em nós. Ele criou a Sua casa. Nós somos a Sua casa. Amém.(18.07.04)

ABRINDO A JANELA INTERIOR (Lc 10,25-37)

Essa leitura vocês já ouviram muitas vezes e sempre, em geral, se interpreta que nós somos o samaritano e os outros são as vítimas. Eu vou inverter a parábola, vou fazer diferente. Nós somos a vítima. Agora cada um está jogado na estrada.

Imaginem vocês: sofremos um acidente grave. Um carro nos bateu, é tão comum. Estamos caídos, ensangüentados na estrada – cada um de nós é vítima. E daí? A primeira pergunta que fazemos é: quem é o primeiro samaritano? Sabem quem é? É Deus! Porque mesmo caídos, de qualquer queda que seja, - queda moral, queda física, queda psicológica, fracasso, tristeza, depressão - Deus está junto a nós, como o grande samaritano a nos consolar, a nos carregar, a nos animar, a despertar o que há de melhor em nós mesmos.

Mas o grande problema é que nós temos cinco janelas. Quando abrimos a janela dos olhos, nós vemos as cores, mas Deus não é cor. Abrimos a janela do ouvido, ouvimos sons, mas Deus não é som. Abrimos a janela do olfato, Deus não é perfume. Abrimos a janela da boca, Deus não é palatável. Abrimos a janela do tato, Deus não é *pegável*. Então como eu saberei que o samaritano é o samaritano?

Deus mandou o Filho. O Filho sim, este tinha carne, este tinha olhar, este podia ser visto e muitos O viram naquela época. Viram-No fazer exatamente isso que fez esse samaritano. Aquela mãe levava o filho para ser enterrado, Ele pára o esquite e faz o jovem levantar-se, devolvendo-o para a mãe. O cego grita que quer ver. “Veja!” O cego vê. O leproso todo esfarrapado, toca o sino de alerta, pede para voltar para a comunidade da qual era segregado, marginalizado. “Venha! Aproxime-se!” Jesus o toca e ao tocá-lo, ele volta para a comunidade são, sadio, limpo. É o grande samaritano!

Mas Ele morreu e morreu logo, muito jovem. Nós não agüentamos esse samaritano. Nós O matamos. É terrível! Nós matamos o samaritano. E, matando o samaritano, ficamos vítimas. Aquele que vem nos ajudar, nós O matamos. Imaginem vocês, deitados no chão, vem alguém nos ajudar, nós ainda o matamos. E ficamos mais vítimas ainda.

Ele não estando mais entre nós, fisicamente, todas as nossas janelas não O captam mais. Mas só que Ele é especial. Ele colocou uma janela dentro de nós, que não abre para fora, abre para dentro. Só que muitos de nós a temos fechada até hoje, cheia de poeira, porque nunca a abrimos. Mas quando abirmos essa janela, para dentro, não para fora – para fora são os sentidos – o que veremos? Nós veremos a profundidade do nosso eu, onde a liberdade, a vontade e a inteligência se encontram. Lá, na raiz do nosso ser. Quando olhamos para a raiz do nosso ser, onde aparecem, onde afloram os grandes desejos, os grandes sonhos, os grandes ideais, aí está Ele, o grande samaritano. E vamos vê-Lo com uma clareza enorme.

É que nós temos a janela da profundidade do nosso eu sempre fechada. É por isso que não vemos nem o samaritano divino, nem o samaritano Jesus que passou pela história.

Não somos capazes de perceber que naquele dia, estando sozinhos no nosso quarto, sem ninguém, sem nenhum som, sem nenhum rádio, sem nenhuma televisão, sem ne-

nhuma voz, daí a pouco sentimos a leveza, uma paz incomparável. Não percebemos que a janela abriu-se um pouquinho para o grande Mistério. Mas não agüentamos. Fechamos logo e ligamos o som. É muito difícil para nós abriremos essa janela para a Transcendência.

De vez em quando acontece. Vocês vêem uma situação, ajudam alguém que nunca vai agradecer porque é incapaz de fazer isso. Pessoas bronzas, grossas. Vocês fazem. Vocês amam, sabendo que não vão receber nada de volta. Nesse momento, vocês abriram a janela de dentro. Mas abrem uma vez e fecham, porque temem tê-la aberta, porque essa janela os abre para o grande Mistério, o grande Sinal.

Às vezes vocês caminham pela vida e fracassam. Não passam no exame, buscam um trabalho e não encontram, entregam currículos em vários lugares – silêncio, não têm resposta nenhuma. Dói-lhes esse fracasso. Mas, de repente, no fundo do fracasso, sentem uma presença amorosa, porque a janela da Transcendência abriu-se. Mas não agüentamos e fechamos logo, porque temos medo do que está dentro.

Outra vez vai acontecer que uma pessoa que vocês amavam, e amavam muito, traiu vocês. Vocês se afastam, sentem o peso da revolta, da raiva, da vingança, do desprezo. Mas se têm dó, perdoam, acolhem, continuam abertos para o Absoluto. Vocês abriram a porta para o Mistério, mas fecham logo, porque é duro olhar o Mistério.

A vida está cheia desses momentos. Às vezes, quem sabe, esses jovens encostados nas paredes desta igreja, desatentos, de repente, acordam. Percebem que entraram numa Casa e essa é a Casa do Mistério, onde habita Deus. De repente se leva um susto – abriu-se a janela da Transcendência. Mas logo ela se fecha, eles saem correndo, entram no barulho de novo, com as cinco janelas que estão sempre abertas, aquelas janelas que abafam a janela interior.

Quisera que vocês abrissem muitas vezes essa janela profunda, porque lá encontrarão sempre o grande samaritano divino – Deus, e o grande samaritano ressuscitado – Jesus. Amém! (11.07.04)

SOMOS O QUE AMAMOS (Lc 12, 16-21)

Imaginem vocês se Jesus conhecesse o mundo econômico de hoje. Todo o povo de Israel era pobre. Havia uns toquezinhos de fausto, mas alguma coisa mínima. Praticamente não havia riqueza.

Esse homem, fazendeiro rico, devia ter tido uma colheita um pouquinho melhor, alguma coisa estocada num pequeno celeiro, num paiol. Mas quando pensamos, por exemplo - como eu li no jornal outro dia - que o Banco Itaú lucrou mais de um bilhão de reais; quando pensamos que um homem só, um Bill Gates tem sessenta bilhões de dólares em bens pessoais; quando pensamos que no mundo trezentas pessoas possuem mais que o dinheiro da África inteira, aí vamos entender um pouco do que fala este Evangelho.

Jesus olha para esses homens todos, olha para o rosto deles e diz: “Loucos! Amanhã vocês partirão e nada disso levarão!”

Mas não é um moralismo barato que Jesus prega. Ele quer ir muito fundo. Porque hoje a psicologia mais avançada nos ensina que nós somos as nossas relações. Agostinho dizia, e eu já repeti tantas vezes: “Nós somos o que amamos!” Às vezes a psicologia prefere dizer de modo diferente, mas no fundo é a mesma coisa: nós somos as nossas relações.

Quais são essas relações? Se as nossas relações são “*coisais*”, são com coisas, nós somos coisas. E o que é que se faz com uma coisa? Com uma coisa a gente mexe e faz com ela o que quer. É um traste que você dispõe como quiser. Coisa é para ser disposta, até para ser jogada fora. Se nós nos apegamos às coisas e só às coisas, nós nos *coisificamos*, isto é, nós nos tornamos coisas para a nossa consciência. É terrível quando alguém se pensa coisa, quando alguém se faz coisa, quando alguém é coisa. E sendo coisa, você não é liberdade, não é consciência, não é dignidade, não é valor, não é relação com outras pessoas.

Nós nos construímos nas nossas relações – antes nós não sabíamos disso. Nós acreditávamos que éramos criados completos. Não, nós nos criamos ao longo da nossa história. Nós começamos já no seio da nossa mãe, criando relações. Também sabemos hoje, pela psicologia, que uma mãe estabelece com seu filho, ainda no ventre, não só uma relação biológica, como dizem os médicos – essa é mínima - mas uma relação profunda de afeto. Com aquele serzinho mínimo que está em seu coração, a mãe começa a plasmar, a tecer o ser dessa criança. De que maneira? Com as suas relações. Pode uma mãe rejeitar a concepção. Infelizmente às vezes acontece. Até sem maldade ou mesmo por ignorância. Estou seguindo agora um caso de um adolescente que chegou pra mãe e perguntou: “Mãe, é verdade que vocês não me quiseram?” Como é que ele soube, aos dezesseis anos, que os pais, quando ele foi concebido, não o quiseram? Aos dezesseis anos ele soube deitado num divã de psicanalista. A mãe nunca falou, o pai nunca falou. Como é que ele soube? E diante do questionamento daquele adolescente, a mãe teve que admitir.

É isso, irmãos, nós somos as nossas relações. Nós nos construímos na sanidade, na

liberdade, se as nossas relações são sãs e livres.

Sabem o que nos destrói, e muitas vezes só se vai descobrir mais tarde? Quando nós existimos para agradarmos aos outros Quando nós representamos papéis para os outros. Então nós fazemos teatro a vida toda. Nunca somos o que somos. Somos falsos. Não por maldade, no sentido maior. É aquela falsidade existencial, por isso aquele vazio, aquela dor, aquela insegurança, aquele medo, aquela timidez. Porque não se é capaz de olhar no olho de ninguém? Quem não é, como é que pode se olhar? Quem não é como pode relacionar-se? Quem não é, como pode amar? Se não sou nada, como posso amar? Como é que o nada ama? Nada é nada. Eu sou um nada na minha existência, se eu nunca fui eu, se eu sempre fui máscara para os outros, se eu fui um repeteco dos desejos do meu pai, da minha mãe, dos meus professores, ou da sociedade, ou da revista que diz que o jovem tem que ser assim, que a menina deve se vestir desta maneira. Se eu sou um repeteco, eu não sou ninguém real.

Eu tinha um colega que, quando não assistia a um jogo de futebol, via o *tape* e não queria que ninguém lhe contasse o resultado, para que ele vivesse a emoção daquele jogo como se fosse verdade.

Essas são as existências que envolvem os jovens metidos nas televisões, porque eles não são. Em quantos gols imaginários nós ficamos pensando, sonhando a nossa vida, porque ela nunca se realizou verdadeiramente em nós mesmos?!

Hoje mesmo eu li um artigo de uma psicóloga que dizia: “A fonte da infelicidade da maioria das pessoas é porque elas não são”. Ponto final, sem adjetivo. Não precisa de adjetivo, basta o verbo ser.

E o que o Evangelho nos diz desse homem? Parábola, história. Mas é a nossa história. Esse homem era o seu celeiro, ele era o seu trigo, ele era a sua riqueza. E se a riqueza vai-se embora, desaparece? E se ele é beleza, e essa beleza se esvai, vai embora o seu ser? Se ele envelhece, vai embora?

Eu mesmo não tenho mais quarenta anos. Não estou mais por aí circulando, dando palestras. Se sou apenas o que me construíram, se sou aquele que não aceita o caminho dos anos, se não sou feliz em qualquer momento, porque eu carrego os anos da minha história, eu não sou. Sou coisa. É profundo demais.

Como é que Jesus diz tanto - numa historinha tão pequena desse fazendeiro - de uma sociedade de consumo! Nós atapetamos o nosso ser com coisas, como certos quartos de adolescentes, como as etiquetas nas camisas. É como se nos colassem. É tudo cheio de coisinhas porque o seu ser não é.

Então vamos descobrir, perguntando-nos nessa liturgia, o que ainda podemos construir. Vocês, jovens, ainda podem descobrir o ser de vocês. Por amor de Deus, pelo amor que vocês têm a vocês, nunca vivam para satisfazer os outros! Seja quem for esse outro. Sobretudo se for esse outro anônimo, que circula nas *internets* e nas televisões, que circula nas novelas e nos programas de auditórios. Esse é o pior outro que existe e é esse

que polui o imaginário de vocês. É por isso que ele destrói a sua radicalidade interior. É como se arrancasse a medula da sua coluna vertebral e soprasse sobre ela todo o vazio. É que o outro que você quer ser é falso, não é esse que foi tecido por sua mãe, por seu pai na sua infância. Com todos os defeitos e todas as qualidades.

Defeito e qualidade: é isso que nós somos, essa mistura. Graças a Deus que temos nossos limites, graças a Deus que temos nossos defeitos, que temos a nossa pequenez. Imaginem se fôssemos a beldade caminhante, e todo mundo assobiando atrás de nós? Que horror! Nós somos isso: ora bonitos, ora feios; ora alegres, ora sorridentes. É essa mistura que faz a beleza de nossa vida. Mas quando nós somos e não quando encobrimos o nosso ser com o teto do ter. Amém. (05.08.01)

PAI, REFERÊNCIA FUNDAMENTAL (Lc 12,32-48)

O Evangelho de hoje é bonito, mas eu vou pedir licença a São Lucas para falar, de modo especial aos pais, sobre os pais.

Na história do pensamento, na história da cultura do ocidente, duas linhas disputam a nossa preferência. Geralmente, quando as linhas são extremas, elas são unilaterais e não dão conta da realidade.

Há uma linha que vê pai muito mais como parte da biologia. São os empiristas, os biólogos, aqueles que se fixam na realidade da transmissão da vida, algo fundamental, algo importante, a base mesma de toda a paternidade. Só que, com o avanço da ciência, essa paternidade está altamente comprometida.

Vocês sabem, devem ter lido nos jornais, que Montenoro, um italiano, está tentando fazer a clonagem de um ser humano. Essa criança não vai ter pai, vai ter avô. Vocês devem muito bem saber, que a clonagem salta o ato generativo do pai - do homem e da mulher - e segue diretamente do ovo desnucleizado, já um ser completo. Portanto, não tem pai. Imaginem vocês, uma criança que nasce e não tem pai. A própria paternidade biológica entrou em crise. Será que o ser humano vai conseguir isso? Esse italiano está tentando, contra toda a academia, toda a comunidade científica, todos os defensores dos direitos humanos. Ele diz que, se for necessário, pegará um navio e irá para mares internacionais, onde não poderá ser proibido e fará a clonagem do ser humano. Então vamos ter crianças, filhos sem pai. Mas pai também tem esse lado, essa corrente que nos questiona, que nos deixa perplexos diante dos problemas. Será que vamos gerar, criar monstros em laboratórios? Que dirá Freud, que dirão os psicólogos quando encontrarem essa criança crescida e constatarem que ela não tem nenhuma referência paterna, porque não teve pai? Não porque perdeu, não porque o pai se separou da mãe, mas porque não teve. Faltou-lhe, biologicamente, o pai. Algo que nós nunca vimos até hoje em toda a história da humanidade. Se acontecer, será o primeiro caso, depois de um milhão e quinhentos mil anos de humanidade.

Mas pai é uma construção cultural. É sobre isso que eu quero falar. Pai realiza a sua vocação, se compreende como pai, não porque olhou para o seu corpo biológico, mas porque ele vive numa determinada cultura. A nossa cultura é marcada por várias tradições e de cada tradição captamos um traço de quem é pai. O que a cultura ocidental tantas vezes já nos disse? Ela é filha da tradição semita, casando-se com a cultura grega, marcada pela lei romana. Depois os bárbaros invadiram a Europa e passaram para dentro dessa cultura um realismo germânico, saxônico. E nós, no Brasil, temos uma belíssima pitada negra na nossa cultura. Eu pegarei o traço de cada cultura para compreender quem é pai.

O que o semita diz de pai? Semita é o que criou a palavra que significa o pai como princípio da idéia patriarcal. É o pai patriarcal. É o pai que se compreende como princípio de tudo, dele próprio, da família. Dele nascem, não biologicamente, os filhos. Nascem psicologicamente, espiritualmente, culturalmente.. É essa figura soberana, senhor,

até dono das pessoas. Figura exageradamente marcada pelo nosso ocidente e hoje, na cultura moderna, vai se desgastando, vai perdendo um pouco as suas arestas.

O grego nos dá a razão. O grego nos dá o “*logos*”, o grego nos dá o pensar, o compreender, a inteligência. Dá-nos a compreensão do pai como aquele que dá inteligência, inteligibilidade ao filho. Quando eu quero entender o que é filho, eu preciso conhecer a relação pai-filho. Filho não é um conceito inteligível sem pai, pai não é um conceito inteligível sem filho. Se eu não compreendo a relação, eu não compreendo o que é pai. Pai não é alguém plantado isoladamente, não existe pai isolado. Se o pai se separa do filho, deixa de ser pai; se o filho se separa do pai, deixa de ser filho. Só há filho, só há pai enquanto mantiverem as relações que os entrelaçam. Isso é muito profundo e é muito importante. Nós seremos pais e filhos até a morte. Morte real, física ou morte simbólica, que destrói em nós o outro, a relação. Há pais que não são pais, porque destruíram dentro de si a relação com seus filhos. Há filhos que não são filhos, porque já perderam a marca relacional e existencial com seus pais. Isso nos deram os gregos.

O romano nos traz a lei e os psicanalistas se aproveitam muito disso. Hoje mesmo, se alguém leu o jornal, um psicanalista escreveu: “O pai é a lei da família, da criança”. Em grego, é o “*nomos*”, é aquele que é o ponto de referência e sobre isso eu quero insistir.

Imaginem vocês, nós andando num imenso deserto, olhamos para todos os lados e não encontramos nenhuma referência, nenhuma árvore, nenhuma construção. Areia, areia, areia. Sabe o que acontece? Nós poderemos andar dias seguidos e nunca sabermos aonde estamos indo. Pensamos que sabemos onde estamos e daqui a pouco vemos que estamos no mesmo lugar, porque não se tem nenhuma referência. Não sabe se vai para o norte, se vai para o sul, se vai pra leste, se vai pra oeste, porque não tem referência. Há crianças, há filhos que vivem o deserto do seu pai. Não têm pai. Esses que passam, às vezes, de madrugada, com as motos, fazendo barulho, acordando toda a cidade, esses não têm pai, não têm referência. Não têm um referencial indicando que não se deve caminhar nessa direção.

Quando se quer caminhar, tem que se olhar para alguém que vai na frente, porque sem isso não se caminha. Se não houvesse nenhum sinal, vocês não chegariam sequer a essa igreja. Nunca chegariam se não houvesse sinais, ruas, números, indicações. Nós precisamos das referências. Nós só vivemos referenciados. E pai é a referência fundamental para a criança, assim como a mãe. Se essa referência quebrar, a criança fica desvairada. Ela fica rodando porque ela não sabe por onde caminhar.

É impressionante ver a sede que a criança tem de referência, daquele arquétipo radical. Agora, imaginem uma criança que não tem pai. Ela estará irremediavelmente perdida. Geralmente, os criminosos, esses jovens drogados, desnorteados, que rodam o mundo inteiro, sujos, barbados, ficam rodando pelas ruas, por quê? Porque não têm nenhuma referência. As pessoas não serão nada se faltar a “*lex*”, se faltar o “*nomos*”, se faltar o pai.

E se nós quisermos dar uma pitadazinha da cultura negra, veremos que o negro aproxima os corpos. Uma das coisas mais lindas que a cultura negra tem é o cuidado, o carinho, o amor para com o corpo. Pai e filho são a mesma carne. Pai e filho vieram da mesma origem biológica, corporal. A corporeidade do pai está inscrita na corporeidade do filho, nos traços fisionômicos, no rosto, no olhar, no caminhar. Quantas vezes, pegamos uma fotografia de uma distância de quarenta anos e os traços são os mesmos. O pai inscreve no seu filho a sua corporeidade, e isso não é só físico. Isso é profundo.

Pai não é só pai para os seus filhos. Pai é pai de todos, porque pai é uma vocação. Pai é ser princípio fundamental. Pai é ser “*nomos*” e regra, pai é ser inscrição corpórea. Todos nós precisamos de pais e nós, homens, todos somos pais, se cumprimos esta vocação de sermos referências radicais e fundamentais para as pessoas. Só assim seremos pais, só assim os filhos serão filhos. Amém. (12.08.01)

ASSUNÇÃO – FÉ PRETENSIOSA (Lc 1-39-56)

Vocês estão acostumados nas festas da Assunção, da Imaculada a falar do privilégio de Maria. É verdade. Como negar o grande privilégio de ter sido assunta, assumida, elevada ao céu? Mas não vou por esse caminho. Vocês conhecem muito esse caminho. É bonito, é devoto, mas eu quero focar algo mais próximo de cada um de nós.

Vocês ouviram São Paulo dizendo que o nosso último inimigo chama-se morte. Não são as bombas lançadas entre Estados Unidos, Iraque, a antiga Rússia. Esses não são os últimos inimigos. Não é a inflação, não é o imposto de renda. Nós estamos presos com os inimigos próximos, imediatos e esquecemos que temos um último grande inimigo – a morte. Mas esse inimigo está vencido. Os nossos inimigos do cotidiano talvez nos vençam, talvez nos derrotem. Os inimigos menores vencem, o inimigo maior está derrotado.

Por isso o cristianismo é uma fé muito difícil. Eu estava lendo um filósofo francês, um dos grandes filósofos vivos, que escreveu um artigo: “Por que eu sou ateu”. Ele se declara ateu e dá as razões para isso. E a razão dele é séria. Sabem por que ele não aceita a fé cristã? Porque ela promete demais. É muita coisa que ela oferece. Se fosse uma religiãozinha que promettesse pratos saborosos, aí seria fácil. Mas ela promete demais.

Como é que se pode aceitar uma religião que promete que eu nunca terminarei de existir? Como eu posso aceitar uma religião que diz que eu vou vencer a morte, se todos os dias eu vejo, nos cemitérios, tantas pessoas serem enterradas? Como pode haver uma força maior do que a força da morte? Como é possível que esse Deus consiga fazer existir eternamente milhões e milhões de pessoas? É demais para minha cabeça, diz o filósofo. Não acredito. É esse o desafio. E aí está a assunção de Nossa Senhora.

E é este o sentido desta festa. Ela não era uma filósofa, e é por isso que ela acreditou. Ela não estudou na *Sorbonne* e por isso acreditou. Ela não vinha de linhagens filosóficas, não frequentou Atenas - a grande universidade da época. Era uma meninazinha, provavelmente analfabeta, ali numa cidade pequena, muito menor do que essa nossa cidade. Naquela época, talvez com quinhentas, seiscentas pessoas, onde todos se conheciam. Se ela sáísse de Nazaré e fosse a Jerusalém, e alguém perguntasse:

“Você viu Maria?”

“Maria de Nazaré?”

“Quem é ela?”

“A esposa de José...”

“Lá sei eu quem é José...”

“A mãe daquele Menino.”

“Que Menino?”

“Um tal chamado Jesus.”

Poderia bater de casa em casa, ninguém jamais saberia quem era Maria de Nazaré, esposa de José, mãe de um Menino chamado Jesus. E se nós fôssemos um pouquinho mais longe e chegássemos a Atenas, ali no Aerópagos, onde estavam os grandes sábios, e perguntássemos:

“Vocês conhecem o grande transformador da humanidade, chamado Jesus Cristo, Filho daquela mulher?”, responderiam:

“Jesus? Quem?”

Jamais ouviram falar desse Homem. Maria? Desconhecia-se.

Pois bem, é de lá que Deus arranca a verdade maior. É de lá que Ele vai dizer que o Messias chegou. É muita pretensão dessa fé. É fácil acreditar, tomar o deus de Platão, o ‘Diálogo’ de Platão, servirmo-nos de teorias de Aristóteles, ir para a universidade fazer e dar cursos.

Agora, dizer que aquela menina foi assumida, elevada em corpo e alma – quer dizer, na sua totalidade, na sua completude... Ela agora é plenitude, é vida, é esplendor e nos antecipou. É demais! Não cabe na nossa cabeça. Nós somos muito orgulhosos para podermos aceitar que uma menina nos supere em grandeza. Isto é o cristianismo: uma fé extremamente difícil.

Cada dia eu me vejo mais desafiado. Às vezes vou à Universidade Federal, olho aqueles homens graduados, que se julgam os maiores pensadores do mundo e olho para essa menina, mãe daquele homenzinho, Jesus, que também foi muito simples. Nós é que fazemos de Jesus esse esplendor. Mas ele apareceu simples. Como eu disse muitas vezes a vocês, quando ele morreu crucificado em Jerusalém, provavelmente, Ele ainda era um desconhecido. Precisou ser beijado por Judas para ser reconhecido. O próprio Paulo deveria estar lá e nem soube. Tivesse uma estatística, tipo Globo, para medir seu nível de popularidade, não excederia a 0,1% - meia dúzia de pessoas que O viram e acompanharam Sua morte. Um criminoso a mais ou a menos.

Pois bem, é de lá que vem o maior mistério. É realmente espantoso, algo que ronda as nossas inteligências. E a última idéia: e Deus quis, o Infinito quis estar assim no nosso meio. Deus não quis, como os judeus experimentaram, estar no meio de relâmpagos e tempestades. Ele quis que O encontrássemos na pequenez das pessoas.

Hoje à tarde eu celebrava no nosso asilo. Olhava aqueles velhos, doentes, quebrados, desfigurados e olhava cada olhar. Esses são os grandes sacramentos. Os verdadeiros sacramentos que encarnam na feiúra, na fragilidade, a grande presença de Deus. Amém.(16/08/03)

CRONOS E KAIROS – TEMPO QUALITATIVO

(Mt 3,1-12/Mc 1,14-20)-

“O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia”. (Mc 1,15)

“Convertam-se, porque o Reino do Céu está próximo”(Mt 3,2)

Essa pequena frase da Bíblia chamada versículo “Convertei-vos, o Reino dos Céus está próximo!” – é muito mais importante do que, à primeira vista, podemos imaginar. Quando o evangelista Mateus e, antes dele, Marcos, quiseram resumir toda a vida de Jesus, toda a Sua missão, eles escolheram duas frases. Portanto, uma síntese muito profunda de tudo o que Jesus fez, de tudo o que Jesus quis. As frases contém três pequenas afirmações. O fim do tempo já chegou, por isso convertei-vos, o que quer dizer: mudai de vida, crede no Evangelho. Portanto, é preciso aderir ao Evangelho porque esse Reino está muito próximo.

Vamos ver se conseguimos captar um pouco a profundidade dessa lição. Primeiro, Mateus resume e diz que o fim do tempo já chegou à plenitude. O que ele queria dizer com plenitude do tempo?

O grego tinha duas palavras para tempo: *cronos* e *kairos*. A palavra *cronos* é muito usada em português como medida de tempo. Assim conservamos essa palavra em muitos vocábulos. *Cronos* é então o tempo que passa a cada dia, é o nosso tempo comum. Os dias passam - é o tempo cronológico.

Mas eles têm outra palavra – *kairos*. *Kairos* é o tempo privilegiado. Já é diferente. São os momentos importantes de nossa vida. As horas fundamentais: uma festa, uma formatura, um aniversário importante, uma grande viagem, uma experiência que a gente fez e que nos marcou para o resto da vida. Não é *cronos*, é *kairos*.

E o evangelista diz que o *cronos* chega em Jesus ao seu *kairos*. Isto é, esse tempo lunar e solar - já são mais de quinze bilhões de anos - encontrou um momento de plenitude, um *kairos* na pessoa de Jesus. Jesus, de certa maneira, resume, toma todo o tempo passado, o tempo que virá depois dele, e os transforma num momento importante para a história da humanidade.

Devíamos nos perguntar quais são os nossos *kairos*? Quais são os momentos em que podemos dizer que nossa vida é retomada, reassumida? De certa maneira, nossa vida desemboca nesses momentos.

Quantas vezes em nossas vidas tomamos um susto e dizemos: “Eu tenho quinze anos! É hora de celebrar”. Por que isso? Porque certas datas são *kairos*. Mas o *kairos* é mais marcante ainda quando toca a nossa vida mais profunda, quando descobrimos um sentido maior. Então Marcos e Mateus dizem: “Jesus veio dar um sentido à história!”.

De certa maneira, até aquele momento a história era confusa, os homens não sabiam bem para que estavam aqui, para onde iam. Platão fez todo o esforço, achou que éramos almas, que tínhamos vivido antes. Isso é Platão “meio desnorteados”. Aristóteles, mais

desnorteado ainda. O próprio Buda, antes de Cristo, também imaginava o caminho pelo qual nos esvaziáramos, deixaríamos ficar num quase nada, buscaríamos uma paz quase diluída.

Portanto, a humanidade andava totalmente perdida. Vem Jesus e diz que a vida tem um sentido e esse momento é chegado. E o que devemos fazer? “Convertei-vos!”

Em português significa mudar de direção. Em grego é mais profundo ainda, é metanoia. *Meta*: para além. *Noia*: mente, cabeça, modo de pensar, visão de mundo. Ele diz que nós temos que mudar a nossa visão do mundo. Nós temos que mudar a nossa compreensão. Isto é conversão. Se até agora valorizávamos isso, agora valorizaremos outras coisas, de outras maneiras. E para isso é preciso crer no Evangelho, isto é, crer na Boa Nova. E qual é essa Boa Nova? Toda a vida de Jesus vai descrever-nos o que é essa Boa Nova. E aí a grande novidade de Jesus: a Boa Nova se faz realidade para todas as pessoas que não esperavam nada mais da vida.

O Evangelho tem uma força tremenda. Para os desesperados, os desiludidos, os decepcionados, os marginalizados, os largados o Evangelho quer ser uma palavra de coragem, de entusiasmo. Nesse sentido, o cristianismo é só positividade. Ele não tem nada de negativo. Se o vemos como negativo é porque nós não o compreendemos. Amém.

NOITE SILENCIOSA – (Lc 1,39-45)

O tempo do advento pode ser comparado a três ondas sucessivas.

A primeira, os primeiros domingos, onde se fala e se descreve o fim do mundo. A segunda e última gloriosa vinda de Jesus. Falávamos, líamos que iam cair estrelas, sol, lua - aquele cenário mais forte, apocalíptico.

Depois, a segunda onda: aparece João Batista. É o Jesus adulto que é apresentado para o povo de Israel através do profeta que surge, quase um fantasma no deserto. Com barba hirsuta, cabelos grandes, vestido de uma maneira bem apelativa, com peles. Um homem austero que gritava, clamava e anunciava a vinda de Jesus, como a de um Deus atemorizador, que nos causava medo.

Bem perto do Natal, a última onda. Deixamos toda cena apocalíptica de lado, deixamos João Batista de lado e trazemos Maria, porque estamos próximos do nascimento. Agora o importante é a mãe. Antes eram importantes os profetas, que anunciavam o fim do mundo. Antes era importante o profeta João Batista. Hoje Maria é importante. Amanhã será Jesus.

Vocês vão percebendo que a liturgia vai nos preparando. Hoje toda a liturgia está envolta por essa Mulher que vai visitar sua prima e já carrega em seu seio o Salvador da Humanidade. Como não temos um texto que anteceda exatamente o nascimento, a liturgia coloca essa visitação de Maria à sua prima Isabel. Simplesmente para que a nossa atenção se concentre na mãe. É ela que prepara a chegada do Filho, porque ela o gesta e o pai O coloca na manjedoura. Ela prepara e gesta o Filho no nosso coração e O vai parindo, como que O introduzindo em profundidade em nossa vida.

É uma liturgia serena, tranqüila. Uma liturgia que já nos prepara para essa grande noite, talvez a noite mais linda. Não é a noite liturgicamente mais importante. Mais importante é a vigília pascal, que celebra o Cristo ressuscitado. Mas talvez seja a noite que mais fale aos nossos corações e, sobretudo, aos corações das crianças. É a noite tranqüila.

Nós cantamos uma música tão bonita que um organista desconhecido da Alemanha compôs: “Noite Feliz”. Mas em alemão, o original é mais bonito. Não é feliz, mas noite silenciosa, noite suave, calada. Ele queria dizer muito mais do que feliz, do que barulho, do que festa. Ele queria falar do silêncio - ficar calado para ouvir o Mistério. É uma noite em que o nosso coração não deve estar alvoroçado, com compras, supermercados, com buzinar de carros, com foguetes. O que não seria noite tranqüila, noite serena, mas barulhenta. Por isso devemos valorizar a intuição daquele organista piedoso, em uma pequena aldeia alemã – santa noite. Foi pena, pois o termo feliz estragou o adjetivo que, na língua alemã, nos ajudaria a perceber mais profundamente o mistério do Natal.

Que para nós a passagem do Natal seja uma noite serena, tranqüila, silenciosa, calada, santa. Assim Jesus poderá nascer em nossos corações. Amém.(23.12.00)

NATAL – VALEU A PENA CRIAR

(UM DIÁLOGO TRINITÁRIO) (Jo 1,1-18)

Na liturgia de ontem líamos aquela cena tão bonita daquela velha – Isabel, ali na sua casa. De repente abre-se a porta, e entra uma juvenzinha que devia muito mais respeitado à anciã. Mas é a velha que se inclina diante da menina e diz: “Como é que a mãe do meu Salvador me vem visitar?”

Aquela senhora de idade, grávida de quase nove meses, quando olha para aquela menina, em vez de ver sua prima, vê a mãe do Salvador. Sente-se pequena diante daquela meninazinha de quinze para dezesseis anos porque ela era a mãe de Jesus.

E hoje, irmãos, não é Maria que vai chegar, mas o próprio Salvador. Hoje nós é que devemos dizer: “Como é possível, mas como é possível que o nosso Salvador venha até cada um de nós?” Esse espanto dos espantos, cada ano, cada dia que nós olharmos para Jesus devia se repetir: Como é que o Verbo Eterno, aquele pelo qual todas as coisas foram criadas, vem até nós?

Olhem para o céu, saibam um pouco de astronomia. Espantem-se ao ver milhões de galáxias, todas criadas pelo Verbo. E Ele agora está aqui para nos visitar.

Quem veio nos visitar, meus irmãos, não é nenhum presidente, nenhum rei, nenhum chefe de poder deste mundo, nenhum aristocrata. É o nosso Salvador. Saber que Deus veio nos visitar é para nós algo espantoso.

Hoje eu fiquei imaginando – divagação de um teólogo perdido – que a Trindade estava conversando. Que Deus Pai estava conversando com Deus Filho e com Deus Espírito Santo. Os três, ainda antes da criação do mundo, eternamente conversando, naquela felicidade infinita de um Deus Trino, de um Deus Comunhão.

De repente, o Pai diz:

“Que tal se nós criarmos?”.

“Criarmos o quê? Nós três estamos aqui, eternamente felizes”

Mas o Pai diz:

“Não, vamos criar!”

E aí aquele gesto explode nesse *big-bang* gigantesco e as galáxias começam a surgir como bolhas de sabão de um grande mágico, e a Trindade olhando. E Deus se alegra. Que beleza é ver as estrelas, que beleza é ver os astros!

Milhões de anos passaram, e nenhum filme americano conseguiu reproduzir aquele cinema maravilhoso. Aquela cena que a Trindade viu de todo o cosmo se fazendo, como se faz até hoje, não é comparável a nenhuma ficção.

De repente, os três param e dizem:

“Basta isto para nós? Basta que nós vejamos esta beleza? Mas esta beleza não nos vê, essa beleza não nos responde, essa beleza não nos fala, essa beleza não tem consciência, não tem liberdade. Será que basta para nós?”

Aí o Filho diz:

“Não. Vamos arriscar mais? Vamos!”

Os três dizem:

“Formemos o homem e a mulher à nossa imagem e semelhança”.

O Pai virou-se para o Filho e disse:

“Filho, o problema agora é teu!”.

“Por quê?”

“Porque se nós fizermos o ser humano, vamos fazer a liberdade, vamos fazer a possibilidade do mal, a possibilidade do pecado. Eles poderão afastar-se de nós. Poderão protestar contra nós”.

Então o Filho diz:

“Não, vamos arriscar. Vamos criar mulheres!”

Diz Deus Pai:

“Vamos criar a mulher, apesar de todos os enganos, de todas as falhas, porque um dia vai aparecer uma Mulher maravilhosa. Por ela vamos criar todas as outras!” - Era Maria.

Quando o Filho olhou e viu aquela Mulher belíssima, disse:

“Eu arrisco criar todas as mulheres porque um dia virá uma Maria maravilhosa! Por ela eu crio todas as outras. Bilhões de mulheres, mas uma pelo menos será absolutamente Imaculada, será toda amor, toda beleza, toda grandeza, toda esplendor. Por ela eu criarei!”

Mas só por ela?

“Não, por tantas outras: por Tereza de Ávila, Teresa de Calcutá, Catarina de Sena. Todas essas mulheres maravilhosas, todas essas que estão aqui nessa igreja. Essas que deixaram a sua casa, deixaram talvez filhos em casa ou os trouxeram dormindo em seus braços. Essas mulheres corajosas que constroem a comunidade. Por elas eu vou criar todas as mulheres do mundo. Apesar das assassinas, apesar de tantas nas prisões, tantas na prostituição. Apesar de tudo, há mulheres corajosas, há mulheres que se entregam, que constroem o mundo. Por elas eu crio todas as outras”.

“E os homens, vamos criar?”

“Sim, vamos criar os homens porque Eu vou assumir a humanidade de um homem. Eu vou aparecer na Terra como Homem. Por isso vamos criar, porque um dia uma humanidade perfeita, esplendorosa nascerá pequenina, numa manjedoura!”

“Mas, e tantos homens sem vergonha, tantos homens horrorosos, tantos homens enganadores, ladrões, prostitutos, criminosos, assassinos?”

“Apesar disso, por causa dessa humanidade que milhões e milhões de anos depois Eu vou assumir, então vamos criar”

É por isso que nós estamos aqui. Porque essa criança nasceu. É por ela que existimos. Se não fosse Ele, não mereceríamos existir, não merecíamos ser gente.

Por Ele tantos homens foram grandes aqui na Terra. Não imaginemos só os santos, os poderosos, os corajosos. Também os que estão aqui, cansados, às vezes sonolentos,

talvez até distraídos. Mas vieram aqui porque querem mostrar que acreditam.

Esses jovens adolescentes que ainda acreditam no mundo, que querem transformar o Brasil, que sonham com um país melhor. É por eles que valeu a pena criar, apesar de todos os desvarios, de todas as misérias. Mas há jovens adolescentes, moças lindas, transparentes, corajosas, animadas. Por elas, por eles, valeu a pena criar toda essa humanidade.

Irmãos, estamos de parabéns porque existimos e se existimos é por causa de Maria e de Jesus. Amém. (24.12.00)

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA (Cl 3,12-21)

Toda vez que falamos desse tema da família, corremos o risco de começar um discurso muito bonito, muito idealizado. Como faziam os poetas romanos: família é o lar, o lugar do aconchego, da beleza, do carinho. Muitas vezes esse discurso passa a léguas e léguas da realidade.

Se fôssemos objetivos, analíticos, teríamos que fazer dois passos em nossa reflexão. Olhar para a família e depois, sim, propor uma utopia, um sonho. Mas primeiro olhar com objetividade. E nós sabemos que a família é o lugar das grandes alegrias, mas também dos grandes sofrimentos. Dos grandes prazeres, mas também das grandes dores. Das grandes realizações, mas também das grandes frustrações.

Quando olhamos as estatísticas, apavoramos. Porque a maioria dos crimes violentos são cometidos no interior da família. Essa é uma estatística americana que certamente deve valer para o Brasil. A maioria dos crimes se comete no interior da família, o que nos leva a perguntar: o que é a família? E por que é tão difícil essa realidade?

Vamos partir do real. Porque na família os erros vão ter efeito muito mais tarde. São retardados. Os erros que os pais cometem na criação dos filhos só aparecerão daqui há quinze, vinte anos. Estou seguindo agora um caso de uma mãe, que ao perceber que estava grávida, pensou em não querer ter o filho. Hoje o filho adolescente diz à mãe que vai realizar o que ela queria fazer. Ele pensa em se matar. Quinze, dezesseis anos depois. Essa mãe nunca imaginaria que aquele momento de sofrimento, de desespero, quando ela pensou em abortar, iria repercutir mais tarde quando o filho jovem só fala em se matar. É esse o problema da família: é que os erros têm conseqüências gravíssimas. Porque a criança guarda qualquer traço profundo. Isso nós não sabíamos. Isso vai aparecer nas pessoas adultas, em relações mal resolvidas.

É por isso que a família é o lugar de tanto sofrimento. Se nós sabemos disso hoje, não podemos mais tratar os filhos, sobretudo os pequenos, nos primeiros cinco anos, como se tratava antigamente. A criança deve ser cercada nos seus primeiros anos do máximo de presença possível. Uma presença sem limite, porque só assim ela irá formando a sua afetividade, para amanhã desabrochar.

Quantos pais vêem seus filhos chorar e dizem: “Deixa chorar!” Não sabem que esse choro vai custar a lágrima do pai e da mãe mais tarde. Porque se a criança se sente abandonada - esse sentimento é a coisa mais trágica para uma criança de dois, três anos - ela guardará isso. Ela não sabe formalizar em palavras, mas guardará em sua afetividade. E essa afetividade, quando chegar a adolescência, começará a se agitar e os pais não saberão a razão, não se lembrarão das marcas profundas dos primeiros anos.

Isso nós sabemos hoje. Então é preciso falar com realismo.

Família não é apenas a família de Nazaré, que nos traça um Jesus bonitinho. Esquecemos que as nossas crianças não são Jesus e nem nós somos Maria ou José. Somos pessoas frágeis e essa fragilidade pode se converter em violência por não sabermos as conseqüências de bater numa criança de um, dois anos. De pais que entram em casa

gritando, quebrando e as crianças se apavoram, se escondem de medo. Medo não educa ninguém. Respeito sim, medo nunca.

Jesus já dizia: “Não temais!” Quem crê não teme; quem ama, não teme. O medo é o pior conselheiro que nós temos. Enquanto o carinho, a presença, o estar ao lado, o afago, aquele pai firme, que marca, que é parâmetro para o filho – este sim! Que quando combina, não cede. Em coisas conversadas antes, não se volta atrás. Um pai que diz não e depois diz sim destrói qualquer referência de valor. Mas tem que ser conversado, porque a criança, ainda que pequena, sabe e compreende. O importante é essa segurança. Não ceder, porque foi conversado, não por ser irracional. Nós temos que construir consenso, que uma vez construído, não se abre mão.

Super pai, super mãe, pais manipuláveis são extremos perigosos. Super-mãe estraga. Protege tanto o filho que ele fica frágil, porque não enfrentou a realidade. Agora, pouco pai e pouca mãe é a mesma coisa. O filho não tem parâmetro, não tem segurança, não tem horizonte. Então é tudo isso que temos que pensar. Não lastimar, mas construir uma família desde cedo. Ser presença firme, segura, para que a criança saiba que tem pai, que tem mãe.

Nós não podemos evitar todas as separações. Poderão acontecer por morte ou por outro motivo. Mas que esse motivo seja muito bem explicado, porque o filho tenderá a repetir em sua vida de adulto a família na qual foi criado.

Pai e mãe são parâmetros para o bem ou para o mal. Amém. (1999)

